

Galoucura e Máfia Azul
A trajetória das principais Torcidas
Organizadas de Belo Horizonte

Bernardo Estillac
Igor Junio Barbosa
Marco Túlio Veras Bayma

Sumário

Sumário

NOTA SOBRE OS TORCEDORES ENTREVISTADOS	3
INTRODUÇÃO	7
O NASCIMENTO DE GALOUCURA E MÁFIA AZUL	11
A fundação da Máfia Azul.....	17
A fundação da Galoucura.....	22
ANOS 1990: DINÂMICA DE CRESCIMENTO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS	29
O contexto sociopolítico e os grupos urbanos da época	30
Rompendo as fronteiras	34
Rendimento esportivo.....	37
Investir no crescimento	38
Dores do crescimento.....	45
ANOS 1990: MÍDIA E REPRESSÃO	46
A violência, de fato, nas Torcidas Organizadas	48
Futebol como produto	51
Repressão: Coerção ostensiva e judicial.....	58
TORCIDAS ORGANIZADAS, POLÍTICA E PODER	63
Relações com figuras da política	64
Relações com clubes e dirigentes.....	65
Conflitos internos e suas consequências.....	76
CENÁRIO ATUAL E NOVAS TORCIDAS	79
O Padrão FIFA e a arenização dos estádios de Belo Horizonte	80
Clássicos de torcida única.....	84
Os novos grupos de torcedores.....	94
EPISÓDIOS MARCANTES NA HISTÓRIA DE GALOUCURA E MÁFIA AZUL	104
Junção Máfia Azul e Cru-Fiel Floresta.....	104

A vitrine da Fogueteira.....	106
As 50 bandeiras.....	108
8 de outubro de 1997	110
O Chevrolet Hall.....	113
O incidente na festa do título de 2013.....	117
CONCLUSÃO	121
BIBLIOGRAFIA	126

Nota sobre os torcedores entrevistados

Éder Toscanini (Tosca): Éder Toscanini, mais conhecido no meio da torcida do Cruzeiro como “Tosca”, é um dos membros mais importantes na trajetória da Máfia Azul. Aos 14 anos, criou a torcida, ainda com um caráter apenas de bairro, para na década seguinte ela se tornar a referência para o Cruzeiro entre as Torcidas Organizadas. Se manteve atuante como presidente desde a fundação até o final da década de 1990, mais precisamente 1998. Esteve envolvido até 2002, quando se afastou, mas nos últimos anos voltou a ter contato com a instituição e constantemente participa de eventos da Máfia Azul.

Frederico Camargos (Fred): Fred é biomédico e acompanha o Atlético desde 1996. Seu pai foi sua maior influência ao levá-lo para o estádio, ainda com 2 anos de idade. Foi motivado àfiliar-se a Galoucura em 2008, no ano do centenário do Galo. Foi membro ativo até 2012, porém até hoje vai ao estádio e fica junto da torcida nas arquibancadas, além de viajar para os jogos do time em outras cidades.

Jean Marc Gougeuil (Jean Francês): Jean é francês por parte de pai e italiano por parte de mãe. Desde criança é fanático por futebol, e, por ser reprimido pelo pai, fugia de casa para assistir os jogos do Paris-Saint Germain e Juventus de Turim pela TV. Foi *Ultra* (como o Torcedor Organizado é chamado em alguns países europeus) do PSG nos anos 1970, até vir para o Brasil, no início dos anos 1980. Simpatizou-se com o Cruzeiro ainda na França, quando a equipe foi jogar o Mundial de Clubes na Europa contra o Bayern de Munique. Entrou na Máfia Azul em 1986, por conviver com integrantes no bairro Floresta e até hoje é atuante, mas como parte da “velha-guarda” da organizada.

João Paulo de Souza (JP): JP, como é conhecido na Torcida, é atleticano e membro da Galoucura desde meados da década de 1990. No momento da entrevista (2018), ainda fazia parte da Organizada. João já integrou a direção da Galoucura e foi responsável pela comunicação entre a Torcida, imprensa e órgãos públicos como a Polícia Militar e o Ministério Público.

Leonardo James Magalhães (Leo James): Leo James é atleticano e ingressou na Galoucura nos primeiros anos de fundação da Torcida. Leo é engenheiro civil e não frequenta a torcida desde o início dos anos 2000, quando teve problemas de sucessão no comando da diretoria. Em seu período de Galoucura, integrou a cúpula de diretores que estiveram à frente da instituição desde sua fundação, destacando-se Raimundo José Lopes Ferreira (Mundinho) e Paulo César Ribeiro (Melão).

Márcio Jorge Melo (Bogus): Bogus é torcedor do Atlético, ingressou na Galoucura no fim da década de 1980, quando seu pai conseguiu a carteirinha da Torcida para os filhos. Passou a frequentar a Torcida ativamente a partir dos anos 1990, tendo participado de cargos na direção e organização. Participou ativamente do crescimento da Organizada e se desligou do movimento a partir da década de 2010. Na data da entrevista (2018), Bogus cursava o 10º período de licenciatura em Teatro pela Escola de Belas Artes da UFMG.

Paulo Augusto Fonseca (Paulinho Popeye): Paulinho Popeye é economista e tem ligações familiares com o Cruzeiro. Seus avós participaram ativamente da construção do Mineirão e, cruzeirenses, sempre estavam presentes no estádio, levando o neto desde os primeiros anos de vida. Entrou para a Máfia Azul em 1983, após conhecer integrantes no bairro Santa Tereza e Floresta. Foi atuante até meados dos anos 2000, e, desde 2002, é conselheiro do Cruzeiro.

Rafael: Natural de Sete Lagoas e estudante de Educação Física agora na capital mineira, conversamos com um membro da Máfia Azul que preferiu não se identificar. De forma ilustrativa, vamos chamá-lo de Rafael durante o livro. Rafael tem 23 anos e vive o Cruzeiro desde a infância, sendo hoje um dos membros mais ativos em seu Comando.

Prefácio

A maioria dos torcedores se lembram de sua primeira vez na arquibancada. O estádio lotado, seu time in loco. Eu, pelo menos, me lembro vivamente do meu primeiro dia. O burburinho do lado de fora. A imensidão do Mineirão, que aos olhos de uma criança é ainda mais imenso. O estádio acompanhando os corpos dos torcedores e balançando aos meus pés. Talvez uma das sensações mais incríveis que já vivi. Mas, no meio desta lembrança tão vívida, alguns pontos são nebulosos. É engraçado, mas eu não me recordo de qual adversário enfrentávamos e nem quanto ficou o jogo. Tenho na memória vagamente que era um time de vermelho e preto e, como o estádio estava lotado, imagino que era o Flamengo. Não sei se ganhamos, mas lembro que teve gol. Sim, eu comemorei gol naquele dia! Também não lembro com clareza que time do Galo era esse em campo. Selegalo? O time daquela campanha de 1996? Não sei. E meu pai também não se lembra. Se esses pontos são nebulosos, outros mantêm essa memória tão vívida como ela é pra mim. Sobretudo as imagens que vêm das arquibancadas, atrás do que conhecemos como gol da lagoa. Esses vestígios na minha memória são daqueles que conduziam todo o resto que ocorria ao redor: a Galoucura. Aquele foi o primeiro dia que eu vi o Galo de perto. Mas foi também o primeiro dia que vi a Galoucura. Os dois nunca se dissociaram na minha cabeça de criança: obviamente, não haveria Galoucura sem o Galo, mas, pra mim, a partir daquele dia, não parecia fazer sentido jogo do Galo sem a Galoucura.

Eu cresci. Esse momento virou uma lembrança. Mas esse vínculo, que a torcida organizada melhor simboliza, continuou sendo um fenômeno absolutamente extraordinário para mim, a ponto de deixar de ser apenas parte da minha vida afetiva e se transformar também em objeto de trabalho. Nesses anos de pesquisa sobre práticas torcedoras e agrupamentos torcedores, foi difícil entender o que são as maiores torcidas organizadas de Minas. Ao falarmos delas, frequentemente lançamos mão de pesquisas e estudos sobre agrupamentos parecidos de outros lugares, sobretudo de São Paulo e do Rio. Ao estudar as práticas e grupos contemporâneos de torcedores do estado, nosso discurso sobre as torcidas tradicionais se vê permeado por indícios e pela história desses agrupamentos cariocas e paulistas. Sabemos muito pouco sobre Galoucura e Máfia Azul, apesar da importância incontestável delas para a cultura torcedora de Minas desde a década de 1980. O trabalho de Bernardo, Igor e Marco vem nos auxiliar a preencher essa lacuna.

Fruto do Trabalho de Conclusão de Curso dos três, o livro Galoucura e Máfia Azul: a trajetória das principais torcidas organizadas de Belo Horizonte vem se somar aos raros trabalhos que olham efetivamente para esses grupos particulares. Eu tive a felicidade de orientá-los nessa empreitada e aprendi inúmeras coisas sobre essas instituições com eles e com os torcedores que eles entrevistaram. O trabalho veio nos mostrar que Galoucura e Máfia Azul surgiram como grupos de amigos de bairro, que, diferentemente de outros agrupamentos já existentes à época, queriam ser mais do que isso. O livro também demonstra que esses grupos tinham relação com as galeras de bairro e as gincanas que movimentavam a cidade nos anos 1980 — não à toa, vem de uma das equipes das gincanas o famoso pulgão, mascote da Galoucura. Com o livro, vemos que esses grupos de amigos foram formados em regiões relativamente privilegiadas da cidade e que é só nos anos 1990 que as duas torcidas se popularizam (crescendo imensamente) e passam a ser mais associadas com as áreas mais periféricas de Belo Horizonte. A obra nos faz perceber, então, que apesar da rivalidade que demarca as relações entre esses dois agrupamentos, eles compartilham muitas coisas e têm uma trajetória significativamente parecida. Se no início parecia um grande desafio falar das duas em conjunto, ao final, me parece não fazer sentido separá-las. Galoucura e Máfia Azul defendem cores diferentes, mas caminharam lado-a-lado ao longo da história recente da cidade.

Na verdade, aprendi mais um monte de coisas, mas deixo para Bernardo, Igor e Marco contarem o restante para vocês nas próximas páginas. Boa leitura!

Ana Carolina Vimieiro

18/11/2018

Introdução

Bernardo Estillac, Igor Junio Barbosa e Marco Túlio Bayma

Um fenômeno não sobrevive sem que exista uma mínima manifestação popular que sirva de alicerce para sua consolidação, manutenção e futuro enquanto prática. Dessa maneira, pode-se concluir que não existe a possibilidade do futebol ser popular internacionalmente como ésem que existam pessoas aficionadas por sua prática, que consumam seus produtos, se emocionem com suas narrativas e, claro, torçam por suas equipes.

No fundo, por trás de cada transação milionária, de cada contrato de patrocínio, de cada transmissão midiática, camisa fabricada, pessoas empregadas, de cada funcionário na obra de um estádio, no fundo, está um torcedor apaixonado. A torcida é o que move a gigantesca engrenagem do esporte, mas nem sempre ela ganha o papel de destaque que merece.

No Brasil, principalmente a partir da década de 1970, o fenômeno das Torcidas Organizadas ganhou espaço nas principais arquibancadas do país, sendo um dos principais responsáveis pelas festas que marcaram os eventos esportivos desde então.

Nos grandes centros urbanos e futebolísticos nacionais, São Paulo e Rio de Janeiro, há obras literárias, jornalísticas e acadêmicas suficientes para se obter informações sobre as principais Torcidas paulistas e cariocas, mas essa não é a realidade de outros grandes centros do esporte no Brasil.

Em Belo Horizonte, Galoucura e Máfia Azul tem seus momentos de fama nas capas de jornais e chamadas de noticiários quase sempre associados a confusões e violência e pouco da festa vista nas arquibancadas alvinegras e celestes são atribuídas a essas instituições. Além disso, existe uma grande carência de registros históricos institucionais sobre ambas as Torcidas.

Tendo a perfeita noção da importância da figura do torcedor para a existência do esporte e sabendo do imprescindível papel desempenhado pelas Organizadas para colocar as arquibancadas mineiras no mapa das grandes festas populares do Brasil, este livro busca jogar

luz sobre a trajetória de Galoucura e Máfia Azul ao longo de suas décadas de vida e dedicação aos dois grandes clubes de Belo Horizonte.

As próximas páginas não têm o intuito de se tornarem o guia definitivo da história de ambas as torcidas, mas de trazer informações sobre elas de uma forma descritiva e analítica, principalmente mesclando os relatos colhidos com membros e ex-membros das torcidas com textos acadêmicos e pesquisas que buscam entender melhor a realidade das Organizadas brasileiras.

Aqui entra um diferencial do livro: dar voz aos torcedores, em geral figuras marginalizadas, que tem seu espaço de fala muito restrito a grandes eventos e ocorrências violentas. Enquanto agentes de movimentos populares de grande importância para o futebol e para a capital mineira como um todo, os torcedores são figura central no esforço de contar a história de como Galoucura e Máfia Azul se tornaram o que são atualmente e como esse processo se deu ao longo do tempo. Esse livro é um esforço de registro histórico das duas maiores Torcidas Organizadas belo-horizontinas.

O contexto de fundação das Torcidas tem um espaço especial no livro. O primeiro capítulo traz o contexto dos grupos que iniciaram a história dessas instituições. Os primórdios de Galoucura e Máfia Azul, como turmas de amigos, em maioria de classe média de bairros tradicionais da capital mineira.

É claro que, nesse primeiro momento, Máfia Azul e Galoucura, fundadas em 1977 e 1984, respectivamente, estavam longe de ser o que se tornaram e precisariam deixar os bairros mais afamados de BH para ganhar outras regiões e angariar novos torcedores.

No segundo capítulo, o livro dá espaço para o importante tema da dinâmica de crescimento das duas torcidas. Elas têm diferenças, claro, mas muito mais semelhanças nesse processo. As Torcidas cresceram aglutinando movimentos sociais e culturais da música (movimento punk, metal, funk, rap) e outros, como os pichadores. Essencial conhecer as origens dos novos torcedores que, a partir dos anos 1990, dariam força, tamanho, poder e face à Galoucura e Máfia Azul.

Tamanho, agrupamento de setores marginalizados da sociedade e o uso da violência como forma de chamar atenção e angariar associados fez com que as Torcidas rapidamente

chamassem a atenção da mídia e do Estado. A crítica, criminalização e repressão às torcidas acompanha seu processo de crescimento.

Balas de borrachas e bombas de efeito moral foram conhecidas primeiro pelas Torcidas do que pela população de forma geral, dizem seus integrantes. As brigas constantes sob os olhos ávidos da mídia esportiva tornavam as Torcidas os grupos ideais para uma repressão jurídica e ostensiva e todo esse cenário indispensável para uma discussão como a que se propõe no livro. Mídia e repressão é o tema do terceiro capítulo.

Como toda partida tem suas dualidades, o atacante e o goleiro, o ataque e o contra-ataque, a tensão de uma bola lançada à área: a relação entre as Torcidas e Estado nem sempre é marcada pela repressão. O quarto capítulo do livro aborda o envolvimento político de Galoucura e Máfia Azul. No texto, nomes pesados como Aécio Neves, Zezé Perrella, Newton Cardoso e Alexandre Kalil ilustram como as Torcidas se envolveram com a política muito além das fronteiras dos clubes e dão a percepção da importância das Organizadas no contexto social brasileiro.

Muitas das alianças políticas eram baseadas na troca de favores, de materiais para incrementar as festas nos estádios até endereços físicos para as torcidas, casos de diversas sedes de Galoucura e Máfia Azul citadas ao longo do livro. Essas trocas eram combustível para o crescimento e manutenção das Torcidas enquanto as principais agremiações das arquibancadas alvinegras e celestes em Belo Horizonte.

O quinto capítulo do livro trata da manutenção dessas torcidas dentro do próprio microcosmo que é uma arquibancada de futebol. O futebol moderno e sua nova realidade, somadas aos anos de repressão às Torcidas tradicionais, fizeram com que Galoucura e Máfia Azul não fossem mais presenças tão dominantes. A discussão sobre a relação das Organizadas tradicionais com os novos movimentos torcedores simboliza um esforço do livro na direção de entender a realidade atual e as perspectivas futuras de Galoucura e Máfia Azul, lançando também um olhar para as transformações ocorridas na cultura de torcida em Minas Gerais e no Brasil.

Ao longo do livro vários trechos das entrevistas que deram material necessário para sua confecção serão citados e a forma de narrar a história por quem fez e faz parte dela não poupa em relatos de momentos marcantes e de grande significado. É por isso que não poderíamos

deixar de fora os grandes momentos que nos ajudam a explicar a trajetória de Galoucura e Máfia Azul.

O sexto e último capítulo é todo destinado aos episódios marcantes contados pelos entrevistados. Desde o Brasil e Chile marcado pela Fogueteira do Maracanã em 1989, passando por grandes festas nas arquibancadas até momentos trágicos como o confronto entre Galoucura e Máfia Azul em frente ao Chevrolet Hall, em 2010.

As Torcidas Organizadas, como visto, extrapolam as quatro linhas e as regras do jogo, mas também vão além das catracas dos estádios, das concentrações nos arredores. São movimentos de impacto esportivo, sim, mas também político, social, cultural e ideológico, prato cheio até para quem não se empolga muito com o esporte bretão, mas se interessa pela história dos movimentos sociais das últimas décadas da capital mineira. Portanto, às próximas páginas e boa leitura!

O nascimento de Galoucura e Máfia Azul

Igor Junio Barbosa

As Torcidas Organizadas se tornaram entidades extremamente importantes dentro do cenário futebolístico e também social do Brasil. Sendo uma pauta que divide opiniões pelos mais diferentes motivos, por que não tentar conhecer mais sobre a trajetória de Galoucura e Máfia Azul contada por nomes importantes na história desses agrupamentos?

Conversamos com pessoas influentes no presente e no passado dentro das duas maiores Torcidas Organizadas de Belo Horizonte para compreender os fenômenos que cercaram esse crescimento, consolidação e hegemonia em um estado polarizado por Atlético e Cruzeiro desde a década de 1960.

Para entender tudo isso, é preciso voltar no tempo. A Máfia Azul surge na década de 1970, mas começa a crescer apenas na década de 1980, juntamente com a fundação da Galoucura. O detalhe é que, a essa altura, esses movimentos de torcedores já tinham força notável em outros estados, mas ainda estavam engatinhando em Minas Gerais, onde já existiam Torcidas Organizadas, mas majoritariamente com caráter de bairro ou de grupos de amigos. Demorou para que alguma desse um salto significativo para se tornar referência no estádio quando o assunto era Atlético ou Cruzeiro.

José Correia Sobrinho, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, escreveu em seu artigo “Violência de Massa no Futebol: um olhar clínico sobre o fenômeno das torcidas” sobre como foi o início desses agrupamentos torcedores aqui no Brasil, ainda de maneira tímida na década de 1940:

A primeira forma dessa manifestação, por exemplo, é denominada, por alguns pesquisadores, de torcidas voluntárias. Torcidas que, no início da nossa história do futebol, se reuniam única e exclusivamente em consequência dos jogos e tinham como elemento unificado a paixão, ou a simpatia, que nutriam por um ou por outro clube.

Quem começava esses movimentos de forma tão amistosa jamais imaginaria toda a complexidade que o assunto viria a levantar nas décadas seguintes, seja por razões comportamentais, políticas ou sociais. As Torcidas Organizadas se tornaram parte da cultura do futebol brasileiro e é difícil imaginá-las fora de primeiro plano, mesmo com todos os obstáculos e problemas que precisam ser superados.

O Brasil é conhecido até os dias de hoje como o país de futebol. Tal denominação começou a ser desenvolvida em período semelhante ao do surgimento das Torcidas Organizadas, em que a seleção nacional conseguiu vencer a Copa do Mundo em três oportunidades (1958, 1962 e 1970) de quatro torneios disputados em doze anos. Luiz Henrique de Toledo, professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pesquisador de antropologia das práticas esportivas, em sua obra “Torcidas Organizadas de Futebol”, contextualiza bem como o torcedor era visto nessa época e como as mudanças foram afetando e mudando esse comportamento até a década de 1990:

O Brasil, que começava a ser identificado como o país da bola, é o mesmo que construiu no imaginário popular a figura do torcedor-símbolo, espontâneo e interessado apenas em externar sua paixão pelo time, tal como aparece na fala da torcedora Noêmia [personagem do livro em questão], que se queixa das formações atuais das Torcidas Organizadas que ‘tudo virou dinheiro e que as torcidas só pensam nelas mesmas’.

Uma reflexão interessante a partir desses comportamentos dos primeiros agrupamentos de torcedores que vieram a ser relevantes é analisar como essa imagem de torcedor-símbolo resultou em alguns diferentes fenômenos: um deles é a criação de um laço político interno forte entre Torcida e clube, tema que será aprofundado de maneira mais precisa adiante nesse livro, mas também o fato de alguns torcedores terem se agrupado para justamente acabar com essa passividade e proporcionar outros tipos de relações políticas com o clube, como pressionar, por exemplo.

Como dito, existe um certo atraso em relação ao surgimento de Torcidas Organizadas maiores em Belo Horizonte, quando comparamos com os outros principais estados do Sudeste, Rio de Janeiro e São Paulo. Vamos exemplificar com os principais clubes de cada estado,

citando as Torcidas que hoje são hegemônicas e outras que mostravam força nesse cenário prévio aos anos 1990 e o ‘boom’ definitivo das entidades.

A Gaviões da Fiel, principal organização ligada ao Corinthians, surge em 1969. Inclusive, Lourenço Diaféria, cronista e jornalista brasileiro, conta em “Coração Corinthiano: Grandes Clubes do Futebol Brasileiro e Seus Maiores Ídolos” que considera a Gaviões da Fiel como o primeiro grupo que se encaixava melhor dentro de uma definição de torcedor organizado, apesar de que algumas torcidas do Rio de Janeiro têm data de fundação prévia a esse ano:

... foram os primeiros que realmente se organizaram, com o propósito de ajudar seu clube (Sport Club Corinthians Paulista). Sua história começa no dia 01 de julho de 1969, data de sua fundação, depois de um jogo do Corinthians no Morumbi, em que o clube estava, mais uma vez, fora da disputa do título. Um grupo de torcedores teve uma discussão com um dirigente do clube, seguindo para participar de um programa de televisão, onde desabafaram suas mágoas. O grupo - quase todo formado por jovens - se reuniu então na praça 14 Bis, no bairro do Bixiga, em São Paulo. Resolveram então formar uma torcida organizada e independente. Sendo essa a principal característica dos Gaviões: organizados e independentes. Adotou-se o nome então de Gaviões da Fiel - Força Independente. A Gaviões não tem fins lucrativos e fiscaliza, a seu modo, a administração corintiana. Para se tornar sócio: ser corintiano fiel, preencher uma ficha, pagar uma taxa módica e assistir a uma reunião preparatória. É a raiz comum de onde nasceram todas as demais torcidas - Camisa 12, Explosão - Coração Corinthiano, Trapalhões da Fiel e outras.

No Palmeiras, a Mancha Verde é de 1983, mas a Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) foi a protagonista nos estádios do alviverde durante bom tempo, já que foi fundada em 1970. A Torcida Jovem Santos também é de 1969, fundada em setembro, dois meses depois da fundação da Gaviões da Fiel. A Torcida Tricolor Independente, do São Paulo, foi fundada oficialmente em 1972.

No Rio de Janeiro, temos a Torcida Jovem do Vasco, fundada em 1970, mas o alvinegro carioca também conta com a Torcida Organizada do Vasco, que foi fundada em 1944 e clama ser a torcida mais antiga do Brasil. No Flamengo, temos a Torcida Jovem, fundada em 1967, além da Raça Rubro Negra, que surgiu dez anos depois. No Fluminense, a principal torcida é a

Torcida Young Flu, que surgiu em dezembro de 1970. Um mês antes, já havia surgido a Torcida Organizada Força Flu.

Percebemos então que existe certo buraco entre a fundação das Torcidas Organizadas de outros grandes clubes brasileiros, comparados com as datas das principais agremiações de Belo Horizonte. A Máfia Azul foi fundada em 1977, mas foi registrada como um Grêmio Recreativo de forma oficial apenas dez anos mais tarde. A Galoucura, por sua vez, é de 1984 e já nasceu com o propósito de ser grande entre as organizadas do time alvinegro de Minas Gerais.

A importância de ressaltar as torcidas dos outros estados dentro do contexto de crescimento da Galoucura e da Máfia Azul será amplamente discutido posteriormente, mas inicialmente é preciso entender quais foram as maiores inspirações para que esses grupos surgissem, ainda dentro de um cenário de Ditadura Militar e de pouco intercâmbio de informações, principalmente se compararmos com o mundo em que vivemos atualmente.

Durante as entrevistas e levando em consideração a idade dos fundadores nos primeiros passos de Galoucura e Máfia Azul, foi perceptível como as inspirações para a criação dessas torcidas foram, inicialmente, puramente estéticas e comportamentais, a partir de interações com outros grupos já existentes, seja do mesmo clube ou de times rivais. Não tinha a mesma pegada política que já era característica desses agrupamentos em São Paulo e também no Rio de Janeiro, mas ao mesmo tempo apresentam certas semelhanças com a Mancha Verde e a Independente, tanto pela maior proximidade no período de fundação como por suas primeiras intenções enquanto entidade.

Paulo Augusto da Cunha Fonseca, mais conhecido como Paulinho Popeye, tem 47 anos e é economista e conselheiro do Cruzeiro. Fez parte da Cru-Fiel Floresta, que mais tarde viria a se unir com a Máfia Azul, como será explicado posteriormente, presenciando boa parte do fenômeno do crescimento da maior Torcida Organizada do Cruzeiro. Paulinho acompanhou in loco o clima no Mineirão e os demais agrupamentos, inclusive prévios à Máfia:

As torcidas organizadas da época eram Torcida Jovem, Cruchopp, do Beto... tinha Sangue Azul, tinha MAC, tinha a FAC que era dos mascotes... eles tinham camisas, mas não tinham produção. Tipo assim, a camisa era... a torcida tinha 20 integrantes, 30... era 30 camisas sabe... e a gente começou a reunir os amigos

da Floresta, que isso foi crescendo e começaram a ver a gente, a gente com bandeira... e a gente foi crescendo assim né, pessoal foi chegando, chegando... e uma coisa que também ajudou foi a logomarca, aquela Raposa estilizada... a logomarca foi eu que criei.

O comportamento no estádio foi de grande importância para o surgimento e posterior crescimento das torcidas organizadas. Galoucura e Máfia Azul surgem a partir de vontades pessoais de fazer sua própria festa no Mineirão, ao observar movimentos já existentes, mesmo que em pequena quantidade. Leonardo Jaime Magalhães, mais conhecido como Leo James, tem 46 anos e é formado em engenharia civil. Entrou para a Galoucura em 1985, apenas um ano depois de sua fundação, e explicou bem algumas características dos agrupamentos da época:

Eu lembro de uma torcida que ficava no meio, próximo à Charanga, que quem puxava a torcida do Atlético era a Charanga do Galo né, só tinha ela de instrumento, só existia ela com instrumento. E tinha uma torcida organizada que ficava próximo dela que... aliás, duas torcidas, Galo Taxi e Galo Elite. A Galo Elite tinha um padrão, era uma torcida diferenciada, era interessante que eles tinham um padrão de bandeira que as bandeiras deles eram fininhas. A Máfia Atleticana era a maior torcida do Atlético, mas a Máfia... era a maior, mas vou te falar que devia ter, em presença ali no estádio, talvez no máximo uns 30 componentes, as torcidas não eram grandes.

A Galo Taxi é perfeita para explicar os tipos de grupos que serviram como inspiração não só para Galoucura, mas também para a Máfia Azul. A torcida tinha esse nome por ser formada por amigos taxistas que se juntavam em dias de jogo para ir ao Mineirão apoiar o Atlético. Simples assim. Pelo lado do Cruzeiro, porém, Paulinho Popeye também conta outra semelhança com os movimentos de São Paulo mencionados acima:

E a gente achava os caras da torcida do Cruzeiro, na época, muito acomodados... as organizadas do Cruzeiro... muitas já estavam entrando em política do clube.

No entanto, só essas inspirações de experiências internas presenciadas em Belo Horizonte, mais especificamente no Mineirão, não seriam suficientes para a criação e consolidação de entidades organizadas fortes que visavam apoio a seus clubes. Dentro desse cenário, uma mudança no contexto geral do futebol brasileiro foi mais do que fundamental para ampliar as possibilidades de troca de informações e experiências entre torcedores: a reformulação do Campeonato Brasileiro.

Apesar de já tricampeão do mundo na época, demorou para o que Brasil realmente nacionalizasse a disputa do campeonato entre clubes. Antes de 1971, o futebol nacional apresentou dois torneios, mas que ainda eram muito restritos às regiões mais centralizadas do país. Primeiro surgiu a Taça Brasil, primeira competição nacional de futebol criada pela Confederação Brasileira de Desportos (atual Confederação Brasileira de Futebol), em que times de diferentes estados se enfrentavam em partidas eliminatórias e o campeão disputaria a Copa Libertadores da América, inaugurada em 1960.

Anos depois, mais precisamente em 1967, surgiu o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que pode ser considerado como o embrião do formato seguinte do Campeonato Brasileiro. Pode ser intitulado dessa forma por seu formato, mas ainda falhava em atingir mais estados do país, pois era disputado pelo eixo Rio-SP, juntamente com os principais clubes de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Francisco Xavier Freire Rodrigues, em sua tese “O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro”, explica bem os cenários em que essas mudanças se deram:

Em 1967, no bojo de uma conjuntura política repressiva, de plena manipulação do sentimento patriótico, o governo financia a construção de grandes estádios e promove um torneio que será o embrião do futuro campeonato nacional. São reunidos inicialmente 15 clubes, de cinco cidades concentradas no centro-sul, a região mais desenvolvida do Brasil. No ano seguinte são incorporados os dois clubes campeões que representam as duas mais importantes cidades do norte-nordeste do país. Finalmente, em 1971, no auge da ditadura militar (e por ela financiado, com seus elevados custos operacionais, face às imensas distâncias físicas a serem percorridas pelos clubes) e no embalo da conquista definitiva da Taça Jules Rimet, surge o Campeonato Nacional, substituindo a Taça no Brasil no papel de definir os participantes Brasileiros na Taça Libertadores.

Essa reformulação do futebol nacional com a criação de um Campeonato Brasileiro mais abrangente resultaria em um calendário mais adequado e, conseqüentemente, mais jogos em regiões diferentes. Isso fez com que as torcidas passassem a se locomover mais, aumentando o fluxo de informações e experiências, o que mais tarde viriam a se tornar fortes alianças entre as Torcidas Organizadas, assunto que ainda será tratado mais minuciosamente nesse livro.

A fundação da Máfia Azul

Para mergulhar de vez no cenário na capital mineira em que as principais Torcidas Organizadas de Atlético e Cruzeiro foram fundadas, é o momento de falar da mais antiga entre as duas, a Máfia Azul. Para tal, conversamos com Eder Toscanini, o criador oficial da torcida que viria a se isolar como a maior Organizada do Cruzeiro.

Chamado carinhosamente de “Tosca” por todos os conhecidos, ele nos contou com detalhes tudo que cercou a fundação da torcida, seus primeiros anos de existência ainda com caráter de bairro e os primeiros passos para o crescimento na década de 1980. Para compreender toda essa dinâmica, é preciso saber um pouco do contexto em que a cidade de Belo Horizonte estava inserida.

Na década de 1970, as discotecas eram grandes atrações e eram frequentadas por diferentes grupos, que viam nesses locais uma espécie de refúgio temporário para o período de repressão em que o país passava. Ao mesmo tempo, isso acabava promovendo muitas brigas entre alguns agrupamentos que já existiam – não ligados ao futebol, mas sim a turmas de determinados bairros. Eder Toscanini conta:

Em 1977 que eu tive a ideia de criar uma torcida pra mim. Eu queria fazer uma torcida pra mim. Aí eu ia, eu ia em várias discotecas. Na época tinha a "Jambalaia", "Crocodilos", "Alex 1", "Alex 2". Eu frequentava. Eu com 14 anos eu ia nessas discotecas. Em 1977, devido essas brigas que a gente tinha com o bairro Prado, Floresta versus Prado, Floresta versus a Rua Tupis... Rua Tupis era um grupo também de jovens que ficava lá jogando aquelas maquininhas [flipperama]... então a gente ficava lá, olhando aquela turma. E briga. E a rixa. Floresta... porque a Floresta é um dos bairros onde tinha mais, acho que tinha mais maluco na época, apesar que eu nunca fui maluco, tá? Então, começou a ter

essas brigas essas divisões de bairro. Floresta contra Prado, Floresta contra Cidade Nova, Floresta contra Jaraguá.

A questão é que essas brigas entre determinados bairros de Belo Horizonte não têm ligação com a criação da torcida em si, não havia esse intuito de promover alguma violência, mas acabou tendo papel determinante na escolha do nome da Organizada. Toscanini continuou:

Devido a essas brigas de bairro surgiram "Máfia Prado", "Máfia Floresta", "Máfia Jaraguá". Aí eu criei: Máfia. "Máfia", por causa das brigas dos bairros e "Azul" do Cruzeiro.

Em pesquisas prévias à realização das entrevistas, já procurávamos alguns registros que poderiam estar disponíveis sobre a criação da Galoucura e da Máfia Azul. É possível encontrar na internet, inclusive no site oficial da própria Máfia Azul, um texto que conta curiosidades e detalhes sobre o período de fundação e desenvolvimento da Torcida Organizada. Durante a conversa com Eder Toscanini, algumas daquelas informações foram confirmadas, enquanto outras entraram em certas divergências.

Aí quando meu irmão [Henri Toscanini] chegou do interior eu falei com ele: "Pinta pra mim". Ele era um ano mais velho que eu, eu tinha 15. "Pinta pra mim". Fui lá, peguei o lençol da minha avó e ele pintou. "Márfia" com R. Falei assim: "Não... Pipa. Ô Pipa, é Máfia!". "Não, é Márfia, é com R". "Então tá!", falei. Ele colocou "Márfia". E eu levei pro Mineirão. Ficou mais ou menos uns 8 meses, um ano lá. Pequeninha, pequeninha, porque é lençol. E deixei lá.

Essa é uma das histórias tradicionais de criação da Máfia, que foi confirmada pelo fundador oficial. No entanto, o texto do portal oficial da Máfia Azul conta que a torcida passou um tempo fora de ação, devido a morte de Antônio Henrique Cruz Serretti, mais conhecido como Torrão. A publicação diz que ele era o presidente da entidade e que sua morte foi um grande baque, fazendo com que a torcida paralisasse as atividades por certo tempo. Eder Toscanini, porém, conta a história de uma maneira diferente.

Não! Não, não [sobre uma pausa nas ações em 1982]. Isso aí é... eu me converti em 1984. Tá? Eu entrei pra Igreja Evangélica em 1984, mas eu ia nos jogos, dia de semana. Aos domingos que eu ia pouco. Mesmo assim meu irmão ia, representando a Máfia Azul. Aí esse... Torrão que era um grande irmão, grande amigo meu. Grande, mas grande mesmo. Ele faleceu em março de 1982. Ele nunca foi presidente. Ele foi constatado aí pelo... esse Paulinho e por outro rapaz, que ele foi presidente. Não, ele nunca foi presidente, nem vice-presidente, nem diretor. Era um grande amigo, um grande colaborador da Máfia Azul. Antônio Henrique Cruz Serretti, é um cara que amava, amo loucamente, um cara que não tem defeito, tá? Era um grande colaborador, levava as faixas também. Ele teve uma morte trágica de acidente de carro em 1982, tá? Ficou a família dele, ficou mais meus amigos ainda. Até hoje somos amigos, a família dele, tá? Mas não teve nada assim, além disso.

Algo que ajuda a explicar tanto a fundação da Máfia Azul, como esse longo período ainda com caráter de bairro e pouca representatividade nas arquibancadas é o desempenho do Cruzeiro em campo. Após a fundação do Mineirão em 1964, o Cruzeiro veio a conquistar seu primeiro título nacional em 1966 e a partir daí se colocou entre as grandes forças do futebol nacional. Na década de 1970, venceu quatro edições do Campeonato Mineiro consecutivamente – entre 1972 e 1975 – e conquistou também sua primeira Copa Libertadores da América, em 1976.

No ano seguinte, surge a Máfia Azul. A questão é que o Cruzeiro não conseguiu a manutenção da boa fase, apesar de ganhar novamente o Campeonato Estadual em 1977. Depois disso, a raposa entrou em um período de vacas magras que chegou ao fim apenas em 1984 – e pior, esse título foi reconhecido oficialmente apenas seis anos depois, porque houve uma confusão sobre o regulamento. A disputa do Campeonato Mineiro se dava em dois turnos, em que as equipes jogavam entre si em uma primeira fase e os quatro melhores disputavam semifinais. O vencedor de cada turno se enfrentaria em uma decisão, ou no caso da mesma equipe vencer os dois turnos, ela seria consagrada campeã automaticamente.

O Cruzeiro disputou a final do primeiro turno com o América e venceu as duas partidas. No segundo turno, novamente chegou à decisão, mas agora diante do maior rival, Atlético. Por ter feito melhor campanha no segundo turno, o Atlético tinha a vantagem de jogar por dois resultados iguais e, mesmo após perder o jogo de ida por 4 a 0, pensava que uma simples vitória no jogo de volta lhe daria a classificação. Os atleticanos venceram a partida de volta por 1 a 0 e

recorreram aos tribunais, mas acabaram derrotados em todas as instâncias. O título foi homologado a favor do Cruzeiro apenas em 26 de setembro de 1990.

O crescimento imparável das que viriam a se tornar as principais Torcidas Organizadas de Minas Gerais se dá na década de 1990, como você verá com todos os detalhes no capítulo “Anos 1990: Dinâmica de crescimento das Torcidas Organizadas”, mas já na reta final da década de 1980, as torcidas começam a se organizar de modo que viria, posteriormente, a resultar nesse crescimento e hegemonia. A Máfia Azul deixava de ter um caráter apenas de bairro, passava a chamar a atenção de mais pessoas e isso começou a exigir maior dedicação e profissionalismo. Eder Toscanini conta:

Realmente, a Máfia Azul era mais uma torcida de bairro. Eu, quando criei a Máfia Azul, eu criei simplesmente pra ser "Máfia Azul Floresta", ponto. Pra ficar ali com a gente, no alto do Colégio Batista. Eu jamais ia imaginar que hoje estaria com 80 mil sócios. Jamais ia imaginar, 80 mil. Nunca. Entendeu? Cresceu. Assustadoramente. Assustadoramente. Saiu do bairro... Colégio Batista pro mundo. Na hora que... quando nós assustamos já tinha um Comando Norte, Leste, Comando Zona Sul, Comando disso... Quer dizer, nós chegamos a ter 40 Comandos dentro de Belo Horizonte. Sem falar as cidades. Sem falar as cidades. Porque a gente tinha Máfia Azul em todas as cidades de Minas Gerais. Por exemplo: Em Curvelo a gente tinha duas Máfia Azul. Tivemos que ir lá pra brigar com o cara pra ter só uma.

Essa prosperidade tardia da Máfia Azul fica ainda mais escancarada ao descobrirmos quando ela foi definitivamente registrada e reconhecida como uma entidade. O Grêmio Recreativo Torcida Organizada Máfia Azul surge apenas em 1987, quando a diretoria da Organizada já havia passado por certa reformulação e profissionalização, o que resultaria em ótimos resultados em relação ao crescimento em médio prazo. O francês Jean Marc conta o choque que foi necessário para o desenvolvimento da torcida.

Cheguei aqui em 1986, a Máfia Azul começou em 1977, mas ela nunca se formou como uma torcida - tem uns fundadores, mas fizeram uma faixa, errada ainda. Quando chega em 1986 tinha uns quatro ou cinco atuantes mesmo. Mas não tinha nada... Eu fiz a primeira bandeira da Máfia... cheguei em 1986. Mande a minha

empregada fazer uma bandeira da Máfia, não tinha nem camisa. A gente se formou, eu e mais os cinco e seis que estavam lá e a Máfia começou a crescer nessa época de 1987. Nasceu em 1977, ia no jogo, mas nada acontecia, ninguém conhecia a Máfia Azul nos primeiros anos. Os meninos são do Floresta, do colégio, aí tinham falhas... quando cheguei tinham uns dez que eram realmente fanáticos que tinham vontade da torcida crescer, mas era torcida de bairro. Eu chegando com a visão de europeu, diferente, eles também querendo e se motivando, fanáticos ao extremo... aí começamos a crescer devargarzinho... dez, doze, quinze, dezoito.

Como já mencionado anteriormente, muitas das Torcidas Organizadas acabam surgindo por inspirações estéticas e comportamentais de outros grupos já existentes naquele ambiente. Desse modo, a grande missão de Galoucura e Máfia Azul era acolher esses torcedores que compactuavam com suas condutas nas arquibancadas para promover o seu crescimento e não simplesmente a criação de novas torcidas. Jean Marc continua:

Eu me lembro que tinha um clássico, Cruzeiro x Atlético, a gente fica na divisa. Aí tinha a charanga do Cruzeiro na época. Idair Pinto, ele tinha uma charanga que era super legal e tal... aí o que aconteceu... a Máfia começou a se colar na divisa com a torcida do Atlético, xingando, provocando, etc.... aí os cruzeirenses começaram a olhar e falar "engraçado, esse grupinho tá interessante". A Máfia antes ficava no meio de campo, e em clássico ficava colado na corda pra provocar... o que aconteceu: aí o povo ficou vendo, nos organizamos um pouco melhor, fiz uma bandeira, fiz uma segunda... decidimos fazer uma camisa... tudo em conjunto a gente lá. Começamos a vender pra quem era do bairro, da Floresta.

Revolucionar o jeito do cruzeirense se comportar nas arquibancadas foi o grande trunfo da Máfia Azul para virar referência entre os torcedores do clube. Jean Marc e Eder Toscanini nos contaram que, antes disso, a torcida do Cruzeiro era vista como pacata, mas com a Máfia Azul emergindo dentro do cenário da cidade, essa imagem foi sendo transformada. Paulinho Popeye reforça o que foi dito por Jean Marc acima, sobre como essa imposição nas arquibancadas, principalmente nos clássicos, chamava bastante atenção:

Teve a primeira vez que a torcida do Cruzeiro empurrou a torcida do Atlético, ficava espremido, quando aconteceu isso na época... foi a primeira vez, a polícia arredando a torcida do Atlético... e a partir disso a corda ficava no meio do campo, e a medida que as torcidas iam chegando, a que tivesse maior ia mudando... assim, tinha as pessoas mais velhas da Máfia Azul, uma geração de... fundadores ficaram poucos né, mas iam. E uma coisa muito importante, a torcida do Cruzeiro passou a ir mais ao clássico, devido até a Máfia Azul. Tipo: a Máfia Azul não ia deixar [os atleticanos gritarem mais] e até por proteção. Porque realmente era complicado ir no Mineirão dia de clássico, era complicado. E a partir desse momento, opa.

Esse tardio crescimento da Máfia Azul levanta algumas questões interessantes: até que ponto isso se deu pelo fato de que a Galoucura também estava emergindo pelo lado alvinegro do estado? A rivalidade entre os clubes e entre as próprias torcidas são fatores-chave nesse processo? Para chegar nessas respostas, antes de tudo, é necessário apresentar o contexto de criação da Galoucura, a maior Torcida Organizada do Atlético e os primeiros passos dessa entidade durante a década de 1980.

A fundação da Galoucura

Um dos fatores para diferenciar uma Torcida Organizada da outra no que se refere a seu potencial para desenvolvimento e crescimento parece, de fato, ser a ambição. Essa ambição pode aparecer de distintas maneiras, mas é o que diferencia as torcidas umas das outras. Citamos o caso da Gaviões da Fiel, que já nasce com inspirações políticas, mas outra forma de se mostrar com uma posição mais ativa é demonstrando isso diretamente da arquibancada.

Diante desse contexto, as Torcidas Organizadas que vieram a surgir nos anos 1980 se caracterizam por um fator em comum: a ambição de observar os agrupamentos de torcedores já existentes, com a finalidade de criar o seu, chamar a atenção dos demais torcedores comuns e, a partir disso, desenvolver a maior Torcida Organizada de um clube. Foi nesse cenário que nasceu a Galoucura, em 11 de novembro de 1984.

Anteriormente, nesse mesmo capítulo, já destacamos alguns dos grupos organizados de atleticanos que frequentavam o Mineirão nessa época, destacando a Galo Taxi. Leo James fez

questão de dar sequência ao raciocínio, relembrando outros grupos da época, explicando o contexto dos mesmos e como a Galoucura entrava nessa história:

Já existiam [a Dragões da FAO e a Máfia Atleticana]. A Máfia Atleticana era a maior torcida do Atlético, mas a Máfia... era a maior, mas vou te falar que devia ter, em presença ali no estádio, talvez no máximo uns 30 componentes, as torcidas não eram grandes. Mais espontâneo. Tinham várias torcidas, mas todas pequenas. As pessoas que iam no campo eram ali 10, 15 pessoas por torcida. Então tinha a Dragões da FAO, tinha a Galoprates, Super Força Viva, aquelas torcidas antigas mesmo do Galo. Aí a Galoucura nasceu pequenininha ali também e eu me senti atraído muito pela Galoucura e pela Dragões da FAO. A Dragões da FAO também era bacana.

Leo James não está entre um dos fundadores oficiais da Galoucura, mas entrou para a Torcida poucos meses depois da fundação. Durante sua entrevista, Léo continuou destacando o caráter de bairro que os agrupamentos torcedores atleticanos da época ainda possuíam, mesmo com Torcidas Organizadas já sendo algo relevante em outros estados, principalmente São Paulo.

E eram as torcidas mais, assim, mais com cara de torcida. Porque a maioria das torcidas daquela época eram grupos de amigos que faziam torcidas organizadas, ou de bairro, ou de escola. E aquilo virava uma organizada. Era só juntar e ir, não tinha pretensão de ser a maior torcida, ou de ser uma torcida organizada como é hoje. Então por isso que tinha GaloPrates, que era do Carlos Prates, Galo Taxi, de alguns taxistas que eram amigos. De vez em quando, aparecia algum bairro ou outro, vira e mexe tinha alguma torcida de um bairro. Tanto que essas torcidas não duravam tanto, algumas não duraram tanto. As que duraram foi a Galo Prates mesmo, essas que eu já citei. E nos outros bairros que apareceram, igual CamarGalo... às vezes aparecia uma torcida assim, mas ela desaparecia. E aí nessa época me chamava a atenção a Galoucura desde o começo porque era um pessoal mais animado.

Durante a apresentação dos motivos que fizeram a Máfia Azul se destacar entre os agrupamentos cruzeirenses, a ação dentro do estádio apareceu como um dos fatores fundamentais para chamar a atenção dos demais torcedores. Quando Léo James fala que “era um pessoal mais animado”, na prática estamos falando da mesma coisa, que entra naquela esfera

comportamental que tanto discutimos por aqui. A Galoucura já surge com esse propósito de animar ainda mais a torcida do Atlético.

Novamente comparando com o Cruzeiro e a Máfia Azul, percebemos como um período produtivo de resultados dentro do campo também foi fundamental para o contexto de criação e crescimento inicial das Torcidas Organizadas. Pelo lado atleticano, o cenário é a década de 1980, uma das principais dentro da história do clube. Foram seis títulos alvinegros do Campeonato Mineiro em sequência, entre 1978 e 1983, além de destaque em competições nacionais e continentais. Apesar de não faturar nenhuma taça de maior expressão, o Atlético foi vice-campeão Brasileiro em 1980, alcançou o terceiro lugar em 1983, além de ter protagonizado uma disputa memorável contra o Flamengo na Copa Libertadores da América de 1981.

Além disso, outro fato a ser destacado e que pode entrar em comparação com a Máfia Azul, é o fator diretoria. A entidade ligada ao Cruzeiro só veio a se desenvolver anos depois de sua fundação oficial, a partir do momento que passou a contar com uma diretoria mais preparada e que buscou o crescimento. Apesar de ter sido criada por jovens torcedores, a Galoucura já surge se encaixando nesse contexto, na medida que os membros se destacavam por ser da elite belo-horizontina, facilitando a organização. Léo James contou:

Já surgiu com esse intuito [de levantar a torcida]! Então, ela ali também surgiu com amigos, mas era uma torcida diferenciada porque ela era mais elite no meio da torcida do Galo. O pessoal que compunha essa torcida, a maioria dela, era um pessoal até de um poder aquisitivo melhor. Inclusive o uniforme da Galoucura, o primeiro uniforme, ele chamava atenção por esse ponto. Ele era uma camisa preta, com costura branca, bordado o escudo do Galo na frente, o Galoucura igual escreve o tradicional, cursiva.

A camisa era preta e era uma camisa que não era... ela não era uma camisa de torcida ou camisa de time igual nos moldes hoje. Era uma camisa até um pouco de playboy, por exemplo. E o pessoal costumava, às vezes, naquela época, usava muito, principalmente entre os jovens assim, principalmente os que frequentavam Savassi, esse tipo de lugar mais elitizado, usavam muito umas calças da marca Toulon, que eram calças de cor com costura branca. Usava Redley também na época, era um tênis também de cor com costura branca. Então os caras iam todo combinando, padronizado. Esse pessoal chamava muito a atenção porque era um pessoal que não parava de brincar... de... de fazer loucura mesmo. Os caras eram mais agitados.

Léo James conta que foi percebendo isso ainda bem no início da Galoucura, quando começou a se aproximar dos membros, que ainda estavam em pequena quantidade – entre dez e quinze, segundo ele. Mesmo tendo nascido com o intuito de ser a maior Torcida Organizada do Atlético, a Galoucura também passou por dificuldades como outros grupos de torcedores.

Nos primeiros anos de sua existência, por exemplo, a Galoucura ainda não possuía uma sede própria, já tinha um número considerável de membros, mas ainda era vista como um grupo de amigos, assim como os demais agrupamentos. Segundo Léo James, foi necessária uma nova reafirmação dos principais membros de querer esse crescimento para que as coisas começassem a acontecer de vez para a Galoucura:

Não tinha sede. A torcida não tinha sede, as torcidas organizadas do Atlético tinham salas no Mineirão né. Só as maiores torcidas também né. A Galoucura também teve sala no Mineirão, mas a torcida, essa época na Galoucura, pra gente arrecadar um dinheiro, às vezes, a gente ia participar de festa de igreja, de barraquinha, que tem uma vez por ano. Tem uma igreja ali no Barroca ali, ali naquela igreja a gente ia pra lá e trabalhava numa daquelas barraquinhas, e depois a igreja passava uma parte do lucro ali pra Galoucura. E a Galoucura vivia assim... as vezes fazia uma festinha pra arrecadar dinheiro, pra comprar bandeira e faixa. As torcidas não tinham dinheiro, então eram poucas bandeiras que tinham... não tinha instrumento nenhum. E aí foi estratégia da gente falar assim "queremos crescer".

Apesar da já nacionalização do Campeonato Brasileiro, como foi discutido anteriormente, era complicado para alguns grupos de torcedores fortalecerem o intercâmbio de informações com Torcidas de outros estados, até mesmo em busca de inspirações. Ainda assim, com as entidades que já ganhavam mais espaço nas mídias tradicionais, Gaviões da Fiel e Raça Rubro Negra, aparecem como Torcidas Organizadas já estabelecidas na época que serviram como grande inspiração para os atleticanos. Leo James comentou:

Naquela época, comunicação era difícil. Telefone era caro, ninguém usava. Interurbano era uma coisa que quase ninguém usava... usava carta escrita,

correio. Então não tinha tanta comunicação. Então a gente conhecia as torcidas de televisão, naquela época realmente a Gaviões da Fiel era a torcida, era uma torcida espelho pra gente.

A Raça Rubro Negra lá do Flamengo era muito grande. A Gaviões... eram torcidas grandes que a gente observava. Tinha a Mancha Verde também, mas acho que a Gaviões era a mais marcante. Mais antiga, uma torcida que na sua história praticamente nunca mudou a camisa, a gente valorizava isso na época... essa tradição. Até hoje a camisa da Gaviões é assim. E a Gaviões, aquele bloco. Era uma torcida realmente organizada... ficava no mesmo lugar, muita bandeira. Então a gente se espelhava neles, a gente queria crescer igual eles.

Já foi perceptível como a ação dentro do estádio pode realmente fazer a diferença para o crescimento de uma Torcida Organizada, ao chamar a atenção dos demais torcedores presentes naquele ambiente. No lado do Cruzeiro, se percebeu como se posicionar em um local estratégico do Mineirão, principalmente nos clássicos contra o Atlético, foi fator fundamental para angariar mais membros e admiradores.

Durante a entrevista com Léo James, percebemos que algo parecido aconteceu com a Galoucura, na medida que, assim como os cruzeirenses, os membros da Organizada atleticana passaram a ficar no meio do campo, perto da grade, que em clássicos seria a divisória.

E aí a gente ficava no meio do campo, bem no meio perto da grade. Em cima... em cima ali do Mineirão. Porque antigamente no Mineirão tinha arquibancada superior, inferior e a geral. A gente ficava na superior, no meio de campo. E aí a gente ficava ali [portão sete].

Essa convivência com os outros agrupamentos que, mesmo em pequeno número possuíam alguma estrutura – como por exemplo, a presença de instrumentos –, também inspirou a Galoucura a crescer nesse sentido. Isso foi outro fator fundamental que serviu para atrair novos membros para a Galoucura, mas os diretores não pararam por aí. Aproveitando todo esse crescimento promovido por esforços principalmente de Raimundo José Lopes Ferreira, o popular Mundinho, um dos fundadores da Organizada, a Galoucura começou a usar de outras artimanhas para se destacar entre os agrupamentos torcedores atleticanos, o que viria a resultar na explosão da torcida nos anos 1990.

Na final da década de 1980, ainda era normal o surgimento de pequenos grupos de torcedores que tentavam ser organizados, mas o crescimento e as oportunidades oferecidas pela Galoucura fizeram com que esses novos grupos acabassem se integrando à Torcida, promovendo uma expansão ainda maior e mais rápida. Léo James falou sobre como as caravanas foram fundamentais nesse sentido:

Uma das estratégias também que a gente adotou, além de fazer bateria, foi de trazer o pessoal pra viagem, por exemplo. Às vezes, o Mundinho conseguia patrocínio, conseguia ônibus... e aí isso acabou trazendo torcedores das outras torcidas pra dentro da Galoucura. Tiveram algumas torcidas que surgiram nessa época, que elas surgiram e logo depois acabaram migrando pra Galoucura, com a torcida extinguindo.

Diante de todos esses fatos, uma curiosidade que surge naturalmente é saber se Galoucura e Máfia Azul, rivais por natureza devido aos clubes em questão, teriam tido alguma relação entre si para ajudar uma a outra. A partir das entrevistas, foi perceptível como entre os principais membros de ambas as torcidas sempre existiu muito respeito, apesar de todos os confrontos que passaram a ser registrados, a partir do final da década de 1980.

Em seu relato, inclusive, Eder Toscanini conta um pouco sobre sua relação com Paulo César Ribeiro, o popular Melão, outro dos fundadores da Galoucura, além de contar um relato que realmente mostra certa aproximação entre as entidades nesse período:

Com a diretoria, sempre. Sempre [sobre ter uma relação boa]. Primeiro que o Melão não é de briga. Melão é igual eu: Um cara também, família, um cara que não pensa em bater, em vingança nem nada. Tem a mesma cabeça minha. A gente reunia com eles pra poder não ter tanta guerra, como tava na época. Final dos anos 1980. Porque tinha muita guerra.

Nós da Máfia Azul fizemos um evento pro Vale do Jequitinhonha. A seca, lá. Seca. O pessoal passando fome. Pô, a gente parava na TV Bandeirantes ali e tinha dois caminhões de donativos. A Máfia Azul fazia e mandava entregar ali no Vale do Jequitinhonha. Na época das chuvas a gente fazia a mesma coisa. Teve uma época em 1992 ou 1993, a gente não tinha um dinheiro no banco. Naquele dia. Que era uma coisa, uma coisa assim, que tinha que fazer no momento.

Aí uma outra torcida, uma outra torcida [a Galoucura] fez aquilo pra gente. Foi lá e pagou, bancou a tonelada de alimento. Entendeu? Bancou aquilo e depois de duas semanas nós fomos lá e pagamos.

A partir de tudo que foi discutido nesse capítulo, parecia uma questão de tempo para que Galoucura e Máfia Azul se popularizem de vez entre os torcedores de Atlético e Cruzeiro, e se tornassem as maiores Torcidas Organizadas de cada instituição. Mas, para isso, ainda seriam necessários muitos esforços, acontecimentos pontuais e, por consequência, todos os problemas que essa grande expansão das entidades acabariam acarretando. A década de 1990 foi fundamental para entender o fenômeno da consolidação e hegemonia das principais Torcidas Organizadas de Minas Gerais.

Anos 1990: Dinâmica de crescimento das Torcidas Organizadas

Bernardo Estillac

“Se Euclides da Cunha fosse vivo teria preferido o Flamengo a Canudos para contar a história do povo brasileiro”. A célebre frase de Nelson Rodrigues, jornalista, ensaísta, escritor, e, sobretudo, um grande amante do futebol é perfeita para abrir o capítulo que se inicia agora. Antes de se pensar em torcidas de futebol no Brasil é preciso compreender que trata-se de um dos maiores fenômenos nacionais em relação a quantidade de participantes.

Em uma torcida de futebol se unem diversas camadas da sociedade, não importando a forma como se pode dividi-la, em classes sociais, escolaridade, gênero, cor da pele, orientação política... enfim, tem de tudo um pouco, ou tinha, em uma arquibancada do esporte bretão. É por isso que Euclides da Cunha poderia facilmente trocar Canudos pelo Flamengo para escrever sua obra-prima. Uma torcida não está desconectada da realidade social ou do contexto histórico de uma época.

Isto posto, já se pode começar a pensar de maneira mais profunda sobre o processo de crescimento acentuado vivido pelas Torcidas Organizadas no Brasil nos anos 1990. Vale lembrar que a maioria das grandes Torcidas Organizadas brasileiras tem sua fundação prévia à última década do século XX. Em São Paulo, a Gaviões da Fiel nasceu em 1969, assim como a Torcida Jovem do Santos; a Independente, do São Paulo, foi fundada em 1972 e mesmo a mais jovem, Mancha Verde, do Palmeiras, surgiu em 1983. No Rio de Janeiro, a Jovem Fla chegou às arquibancadas do Maracanã em 1967, dez anos depois, a outra grande organizada flamenguista, a Raça Rubronegra nascia. A Torcida jovem do Botafogo foi fundada em 1969 e um ano depois nasciam a Young Flu e a Força Jovem, de Fluminense e Vasco, respectivamente.

As duas estrelas do livro, Máfia Azul e Galoucura, seguem o exemplo das organizadas de São Paulo e Rio de Janeiro, tendo a Máfia sido fundada em 1977 e a Galoucura em 1984. Em

ambas as Torcidas, o crescimento, tanto no número de participantes como no impacto dentro e fora dos estádios, foi percebido de maneira mais significativa a partir dos anos 1990.

Mas por que isso aconteceu? Há de existir uma lógica que explique esse fenômeno nos principais centros futebolísticos do país de uma só vez. Retomando a ideia exposta nos dois primeiros parágrafos desse capítulo, podemos tentar entender um pouco melhor o que acontecia no Brasil e, mais especificamente, em Belo Horizonte, durante esse período e analisar o terreno sob o qual as Torcidas Organizadas encontraram as condições adequadas para germinar e se proliferar para muito além do que tange aos gramados de futebol.

O contexto sociopolítico e os grupos urbanos da época

É interessante lembrar que a década de 1990 foi a primeira desde 1950 a começar e terminar sem a ocorrência de um governo de cunho ditatorial em nosso país. Isso é extremamente importante, pois as organizações populares estão extremamente ligadas à forma como o governo as enxerga e se relaciona com elas. Depois do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945) e da Ditadura Militar (1964-1985), o Brasil voltaria a respirar ares democráticos.

Deixando Vargas um pouco de lado e pensando em como era se organizar em um contexto da Ditadura Militar, pode-se entender que criar um núcleo organizado com milhares de pessoas não era das tarefas mais fáceis. Existiam leis que restringiam a reunião de pessoas e não era nada seguro desrespeitá-las. Nesse contexto, os grupos urbanos que se organizavam carregavam por si só uma aura de marginalidade e transgressão.

É um relato unânime em obras sobre a juventude belo-horizontina nos anos 1980 e nas entrevistas realizadas com membros e ex-membros de Galoucura e Máfia Azul, que a capital mineira era marcada por grupos ligados à música como os punks e os metaleiros. Além disso, outras reuniões como os pichadores e as chamadas “galeras de bairro” movimentavam a cidade. Gincanas organizadas entre bairros também eram bem comuns e se configuraram em importante influência para as Torcidas, como veremos mais à frente.

Entender um pouco sobre o cenário desses grupos urbanos é muito importante para a compreensão do contexto de crescimento das Torcidas Organizadas mineiras nos anos 1990.

Voltemos alguns anos para compreender como a cena do rock pesado ganhou popularidade entre a juventude de Belo Horizonte.

No livro comemorativo de 30 anos da Cogumelo, lendária loja de discos e gravadora de BH, responsável por lançar nomes como Holocausto, Sepultura, Pato Fu, Tianastácia e várias outras bandas, João Eduardo de Faria Filho falou um pouco sobre a cena do Metal na Capital Mineira:

Falar dos anos 70 e 80 em Belo Horizonte e não lembrar da repressão policial em cima das pessoas é como negar o tamanho da expressão musical, teatral e cultural daquela época.

Após o Golpe Militar de 64 e o AI-5 em 68, o regime estava muito limitado procurando comunistas armados em grupos isolados, mas deixava passar bem debaixo das pernas o movimento que eclodia nas ruas. O Brasil estava mudando, e começava a surgir uma população de classe média que já conseguia ter um nível cultural e econômico melhor e com isso tinha acesso a discos, revistas, livros e jornais importados.

Este pessoal que escutava rock, que lia e estava procurando uma identidade cultural era marginalizado pelo pessoal da esquerda politizada, mas era caçado e humilhado nas ruas pela polícia e aparato do regime.

Esta meninada encarava a esquerda como chatos alienados e eles também davam a recíproca, com os “hippies alienados”. Contar a história daqueles 70 não é nosso intuito, dentro deste texto, mas contextualizar o que seguiria nos anos 80.

O regime militar na verdade só caiu de velhice, por pura estagnação, não muito por esforço, tanto que até hoje não abriu suas caixas pretas para a população. Ele continuou a existir de forma velada na década seguinte e não tenham ilusão: ele existe até hoje.

Não é o intuito desta obra discutir os ecos da Ditadura Militar depois de seu fim, mas entender como o contexto da redemocratização afetou os grupos urbanos e como eles deixaram de ser fechados em si mesmos, possibilitando que um grande grupo os reunisse. No caso, as Torcidas Organizadas.

Marcio Jorge Melo, mais conhecido como Bogus, foi membro da Galoucura por mais de duas décadas, tendo participado ativamente da Torcida durante a década de 1990. Ele ressalta a

importância do cenário musical e geográfico de Belo Horizonte e como ele influenciou no crescimento das organizadas na última década do século XX:

É por isso que trago essa questão dessas efervescências musicais. É engraçado porque a influência musical era muito forte, porque era o que tinha na época que juntava. No começo da década de 1990, final da década de 1980, os metaleiros, Galoucura tinha muito metaleiro, tanto que se você for analisar o símbolo da força jovem do Vasco é o Eddie do Iron Maiden. Se for analisar as letras que influenciavam na pichação e nas bandeiras e faixas de várias Torcidas são as letras de banda de metal, então...olha a localização, Maletta e JK. A Galoucura era no Maletta, o que corta o Maletta e o JK é a Augusto de Lima. Só ali tem Mercado Central, Cogumelo que era forte, praça Afonso Arinos, onde os jovens se reuniam por causa do prédio do direito. Quem que morava em JK e Maletta? Prostituta e ladrão, hoje que é gourmetizado pra caramba, mas antes quem morava ali era só essa galera. Então quem frequentava Maletta era punk, metal, traficante, ladrão, era quem permeava.

As gincanas de bairros também acabaram por se tornar uma influência na formação e consolidação das Torcidas Organizadas em Belo Horizonte. Foi uma forma eficiente de fazer as ideias de Galoucura e Máfia Azul se disseminarem pela cidade e as influências são percebidas até hoje. A mais importante delas talvez seja percebida na escolha do mascote da Torcida Organizada Galoucura. O famoso pulgão, hoje rapidamente associado aos adeptos do Atlético, tem sua origem em uma equipe de gincana e foi escolhido como o mascote da Torcida, demonstrando a confluência de membros entre os dois grupos.

Leonardo James Magalhães, o Leo James, foi membro da direção da Galoucura durante toda a década de 1990. Ele lembra um pouco sobre as gincanas e como elas movimentavam Belo Horizonte:

E aí nessa época em BH era muito tradicional as gincanas... tinha umas gincanas em BH promovidas acho que pela rádio 98... ah, era a principal rádio FM de BH. A melhor rádio FM de BH. Ela promovia todo ano uma gincana... gincana de equipe grande, era grande mesmo. As equipes eram vários carros, com vários componentes. Mobilizava a cidade. Parava ali o final de semana, sábado e domingo em função daquela gincana. E tinha algumas equipes grandes e fortes na gincana. A Finca, a Falange, tinha a Forest Crazy. Eram as 3 equipes que eu

lembro aí, as maiores. E a Falange usava o pulgão de mascote. Naquele desenho, igualzinho o da Galoucura. E aí nós tínhamos alguns componentes da Galoucura que faziam parte da Falange – tinha da Finca também.

O movimento dos pichadores também teve forte peso para o aumento no número de integrantes de Galoucura e Máfia Azul. Os grupos têm uma história de íntima relação, que afetou não apenas a estrutura das Torcidas, mas também a dos pichadores.

Em sua dissertação de mestrado, a socióloga Flávia Cristina Soares tratou sobre os “Pixadores de Elite”, um dos mais importantes grupos de pichação da capital mineira. A relação entre pichadores e Torcida Organizada é recorrente durante toda a obra e essa influência é apresentada em trechos como esse:

Em função da proximidade entre as torcidas organizadas, um jovem de vinte e um anos, cuja escolaridade se limitava ao Ensino Médio completo, morador de um bairro de classe média baixa, localizado a noroeste da Regional Pampulha, em Belo Horizonte, integrante da Máfia Azul, conhecido por INXS, criou os “Pixadores de Elite” na capital mineira. Essa particularidade de pertencer à torcida organizada fez toda a diferença para a consolidação do grupo, uma vez que as torcidas cultivam amizade e respeito por outros clubes de futebol. As associações de torcedores promoviam viagens a outras cidades do território brasileiro para que os membros pudessem assistir aos jogos nos estádios e participar de eventos promovidos pelas torcidas.

O trecho ainda chama a atenção para uma questão importante. Uma vez entendida a importância de outros agrupamentos para a popularização das torcidas é preciso compreender porque esses outros coletivos se encontraram dentro dessa nova instância. O que motivou a reunião de diferentes facções dentro das organizadas?

Bom, para começar a responder, as próprias viagens citadas no trecho da dissertação inserido acima pode ser interessante. O futebol proporcionava que as torcidas estivessem sempre em trânsito e em contato com outros grupos urbanos de diferentes estados.

Rompendo as fronteiras

O futebol é o esporte mais popular do Brasil e já o era bem antes da década de 1990, obviamente. Mas essa situação mudou quando o país, já tricampeão mundial, passou a ter seu campeonato nacional transmitido de maneira mais ampla pela TV, o que ocorreu a partir de 1987. As torcidas passam a ser, mais do que nunca, um instrumento de integração entre diferentes estados e palcos interessantes para a efervescência cultural e social que se apresentava com a redemocratização do país.

As torcidas eram o grupo que viajava para outras cidades e, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, isso significava estar em contato com o que havia de mais recente e moderno nos campos culturais.

Bogus fala sobre a importância do convívio com outras torcidas para o estabelecimento de novos contatos e como eles eram permeados por elementos que vão muito além do futebol, no campo e nas arquibancadas:

Eu ia pra São Paulo e ia de rolê. A gente ia pra ver jogo e geralmente só com passagem de ida. Aí chegou lá e ficava na casa de alguém da Mancha (Verde, organizada do Palmeiras) e esse cara tem um convívio social. Então que que ele vai fazer? Vai te levar junto. Nisso eu fui pra uma roda de samba em Itapevi, em Sapopemba, pra um show de Rap lá na Zona Norte, pedia pra gravarem pra mim, dava umas fitas cassetes. Aí eu chegava no meu bairro aqui em BH e era o rei do bairro, porque eu tinha as fontes com os sons de São Paulo. Às vezes, a galera nem era de torcida, mas gostava do som. No Rio de Janeiro, era a mesma coisa. Chegava no Rio e pegava os funks e levava pro bairro aqui no Bom Jesus, Santo André.

Para boa parte da juventude de classes sociais mais baixas, as torcidas organizadas passaram a representar a oportunidade de entrar em contato com um novo mundo, antes inimaginável. É claro que isso chama a atenção e serve como uma boa forma de atrair novos integrantes. Ao longo dos anos 1990, as caravanas de torcidas ficariam cada vez mais movimentadas e as organizadas meteram definitivamente os pés na estrada.

Paulinho Popeye, da Máfia Azul, conta como a perspectiva de viajar com a torcida para assistir jogos fora de casa se apresentava como um evento atraente:

É uma oportunidade com a classe que é a maioria, o povão, de conhecer uma praia, viajar. O cara vai pro Rio de Janeiro... tem casos de gente que nunca tinha viajado pra praia. O cara ia pra Bahia, pra conhecer. E a organizada ia sô... e o futebol era isso, não tem cor, distinção de raça, porque ali todo mundo é junto... todo mundo é cruzeirense... uma passagem pro Rio, não sei quanto que é hoje, 100 reais, um ônibus da Máfia você vai por 80... mais barato, pega uma praia e vê o jogo.

O fluxo cada vez mais comum e mais contínuo de torcidas organizadas nas estradas fez com que as alianças entre torcedores de diferentes estados se tornassem uma atividade comum entre as lideranças. Naturalmente, era importante ter alguém para recepcionar a torcida no ambiente estranho e, dessa maneira, foram se consolidando as amizades e, claro, inimizades entre as organizadas.

Bogus, que atuou como Relações Públicas da Galoucura em parte dos anos 1990, fala sobre as relações com torcidas de outros estados, de como ajudou a formar as parcerias que duram até os dias atuais e como se dava a relação das torcidas mineiras com as mais antigas e tradicionais de Rio de Janeiro e São Paulo:

Vamos contextualizar a década de 1990: a gente não tinha internet, as coisas eram por televisão e o que chegava aqui em BH chegava após mastigação de Rio e São Paulo. Mastigava lá e depois vinha pro lado de cá e aqui a gente reinventava, posso citar isso em n situações. Na música, por exemplo, o Funk daqui de Minas, se você analisar as letras de funk da época é completamente diferente do funk carioca e paulista. A galera bebia na fonte, porque era fita cassete que chegava e torcida organizada influenciava muito nisso aí, porque quem viajava na época era torcida. Eu fui Relações Públicas da Galoucura em 1995. Eu tinha 14 pra 15 anos e trocava carta pro Brasil todo.

Eu ajudei a construir (alianças), algumas por causa das cartas que eu recebia. Muitas do norte e nordeste foi nessa época de datilografia. Rio e São Paulo já existia quando eu cheguei né, Mancha e Força Jovem e Torcida Jovem do Botafogo, já tinha um respeito com a Torcida Jovem do Santos, não tinha aquela amizade formal, mas existe um respeito da Galoucura e deles.

Eu peguei fechamento de uniões com a torcida do Coritiba, com a torcida do Grêmio, com a torcida do Ceará, com a torcida do Santa Cruz.

Em Belo Horizonte, em 1997, na época eu era Relações Públicas e a gente teve nosso primeiro encontro de torcidas organizadas. Era na época do centenário de BH. Até então nessa época a gente tinha firme as torcidas do sudeste, chegando no sul. Nesse encontro de torcida, pra você ter uma ideia, a torcida do CRB de Alagoas ficou na Galoucura, a torcida do Sport ficou na Galoucura, eles não são amigos da Galoucura, mas na época não tinha fechado ainda, as torcidas do norte e nordeste tavam chegando nesse contexto. Esse encontro foi um divisor de águas também porque foi pós briga do Pacaembu (Final da Supercopa São Paulo de Futebol Júnior de 1995, entre Palmeiras e São Paulo), pós briga de Ribeirão Preto (Final do Campeonato Paulista de 1995 entre Palmeiras e Corinthians), aqui em Belo Horizonte nessa época já tava morrendo uma galera por conta de bomba, de conflito.

Nessa época, as uniões foram se firmando e consolidando. De uma maneira geral, quando uma torcida formalizava uma relação de amizade acabava por ganhar ao menos uma de inimizade. Entre Galoucura e Máfia Azul, era exatamente assim, se a Máfia Azul se tornava parceira da Fanáticos do Atlético-PR, era rival da Império Alviverde do Coritiba. O mesmo acontece em outras capitais do país.

Mas nem sempre a questão das alianças é tão simples e racional. Leo James conta sua lembrança do dia em que a Galoucura se tornou desafeto da Independente, maior organizada do São Paulo Futebol Clube e mostra que, às vezes, essas relações tem um certo grau de arbitrariedade:

Quando a Galoucura era pequena e as outras torcidas também, antigamente a rivalidade de torcidas era muito particular em algum lugar, então no geral não é igual hoje que criou quase dois lados em torcida. Então, quando vinha qualquer torcida do Rio, tirando a do Flamengo, se viesse o Vasco, Fluminense ou Botafogo, antes do jogo as torcidas se misturavam e aí cumprimentavam. Era uma beleza, pessoal recebia a gente bem. Quando ia em São Paulo, a mesma coisa, a gente era amigo de todas as torcidas do São Paulo.

Integrantes lá da Independente já ficaram na minha casa.

Independente também foi uma torcida que cresceu depois de todas. A Independente do São Paulo, os caras, pra você ter uma ideia, a gente nessa época já tava grande e era uma torcida bonita, cheia de coreografia, então esses caras, uma vez, da Independente, vieram aqui pra ver como a gente fazia as coisas, os caras ficaram lá em casa, ficavam no meio da Galoucura.

A Galoucura fazia um negócio que uma fileira ficava sentada e outra em pé, alternado e gritava assim "eô, eô, Galô, Galô". Esses caras do São Paulo levaram isso pra Independente e eles faziam o contrário, metade da torcida levanta e outra abaixava. A gente tinha essa amizade com eles. Em São Paulo não tinha briga com ninguém, se não me engano até 1990. Aí dá pra gente saber a data certa porque teve um jogo eliminatório entre Atlético e São Paulo, na época o Clebão, zagueiro, jogava no Galo. Aí teve o primeiro jogo aqui e depois o outro jogo em São Paulo. Esse segundo jogo em São Paulo ainda não tinha guerra com a torcida do São Paulo. Inclusive a gente costumava levar só os panos da bandeira, chegava no outro lugar a gente pegava os bambus emprestados e aqui era a mesma coisa, as torcidas pediam os bambus e a gente emprestava. A Dragões da Real emprestou os bambus pra mim. Aí nesse jogo a torcida do Flamengo tava em São Paulo e aí eles começaram a união entre eles nesse jogo e nesse jogo não sei o que aconteceu do lado de lá, entre Flamengo e São Paulo, mas eu sei que eles uniram e nesse jogo a torcida do São Paulo atacou a gente depois do jogo.

Construções de relação de amizade à parte, o fato é que as alianças com as torcidas de outros estados se configuraram em um elemento de fundamental importância para a expansão de Galoucura e Máfia Azul nos anos 1990 e seriam muito influentes para muitos outros temas que ainda serão debatidos ao longo do livro.

Rendimento esportivo

A equação de time competitivo e estádio lotado nunca pareceu falhar no Brasil, mas nas torcidas organizadas essa lógica nem sempre é o que vale. Faz perfeito sentido, até porque a década de 1990, que marcou o *boom* de Galoucura e Máfia Azul, não foi igualmente exitosa para Atlético e Cruzeiro, mas ainda assim ambas cresceram e se consolidaram.

Na década de 1990, o Atlético venceu duas vezes a Conmebol, torneio sul-americano de caráter imediatamente abaixo da Copa Libertadores, em 1992 e 1997, além de ter sido vice-campeão brasileiro em 1999 e campeão mineiro em três oportunidades (1991, 1995 e 1999).

Já o Cruzeiro experimentou uma redenção esportiva. Depois de ter passado os anos 1980 à sombra do maior rival, repleto de estrelas, o time celeste teria uma década dourada, vencendo a Copa do Brasil em 1993 e 1996, a Copa Libertadores em 1997, sido vice-campeão brasileiro em

1998 e ainda levantado o título mineiro em seis oportunidades (1990, 1992, 1994, 1996, 1997 e 1998).

Coincidência ou não, a percepção sobre rendimento esportivo afetar o crescimento das Torcidas é diferente entre os membros de Máfia Azul e Galoucura. Veja o que pensa Paulinho Popeye, da Máfia:

(O rendimento) influencia... quem falar que não tá mentindo. E a própria década de 1990 com o Cruzeiro... o boom das torcidas ali em 1990 é a Máfia Azul e a Independente, do São Paulo. Bi campeão Mundial e da Libertadores. O Cruzeiro ganhou duas Supercopas com Renato Gaúcho... aí Copa do Brasil 1993, 1996 ganha do Palmeiras, 1997 Libertadores... e começou a chegar... vice-campeão Brasileiro... chegava sabe. Ajudou também. Lógico que o time influencia...

Já o atleticano Bogus não via assim:

O que leva o cara pra torcida organizada é festa, o time é o centro, mas o rendimento não interfere.

Tampouco João Paulo de Souza, o JP, membro da Galoucura desde 1996:

Na torcida a gente não percebia tanto, apesar de toda a rotatividade que existe na torcida, mas essa oscilação do futebol na torcida não acompanhava.

Investir no crescimento

De certa forma, até aqui, o crescimento de Galoucura e Máfia Azul na década de 1990 foi abordado de uma maneira mais ampla, levando mais em conta as situações que acabaram culminando no crescimento das torcidas do que efetivamente na atuação de suas lideranças para promovê-lo. Bom, discutamos então como os diretores tiveram um papel importante nesse contexto.

O papel das duas diretorias, embora tenham pontos em comum, também difere em algum sentido. A Máfia Azul foi fundada sete anos antes da Galoucura, mas demorou para engrenar em uma dinâmica de crescimento mais forte. Em 1977, os irmãos Éder e Henri Toscanini fundaram a Máfia Azul no Bairro Floresta. Junto com amigos e pessoas da região, a torcida cresceu de forma moderada e localizada, nunca tendo de fato figurado entre as principais do Cruzeiro nas arquivancadas.

A situação de crescimento gradual e lento foi agravada quando um dos membros mais importantes, o Torrão, membro da Torcida, morreu em 1983 (existem diferentes narrativas em relação a real importância desse evento no crescimento da Máfia Azul, essa é a apresentada no site oficial da Torcida). Demoraram alguns anos até que a torcida conseguisse se reorganizar e alcançar o status de principal Organizadora celeste. A união com a Cru-fiel da Floresta foi um dos pontos de principal importância para o avanço da torcida no fim da década de 1980.

Paulinho Popeye fala sobre como a diretoria reorganizada e estruturada de maneira mais profissional teve impacto no contexto de crescimento da torcida cruzeirense:

Olha, primeiro a nossa diretoria da época era uma diretoria de pessoas inteligentes... não tô falando que eu sou aqui não... a gente tinha uma diretoria, eu era economista, Jean professor, o Alexandre (Bastão) administrador de empresa, Tunã economista, o Leo (Leonardo Borges) formado em direito. Então ali tinham pessoas que pensavam na frente, a gente começou a pensar na frente.... Isso acho que foi primordial. Foi primordial. E começar a fazer um papel de relações públicas, começar a panfletar no Mineirão, de divulgar a marca, ter a carteirinha, participar de eventos fora do Mineirão... começar a fazer festa. As torcidas faziam festa. Era concentrar... passou a ter uma sede, uma sala fora, que a gente tinha uma sala no Mineirão que guardava os materiais, aí passamos a ter uma sede, uma sala. Aí posteriormente, em 1994, fomos para uma sede maior. E foi começar assim, a torcida foi se estruturando e as outras não.. as outras não... tem também a realidade que é a parte de violência... é um crescimento que você ali, você não tem controle... e foi crescendo...e, pra mim, uma das coisas, que na época eu fui contra, mas fui voto vencido, foi essas subdivisões por região. Que entre aspas começou no Rio, com a Torcida Jovem do Flamengo, que era pelotão... e aqui passou a ser comando. Galoucura família... Galoucura brigada... aí esses grupos começaram a se achar independentes.

A organização interna de uma torcida se fazia imprescindível para que ela conseguisse crescer com bases sólidas e bem geridas, mas não mudava o fato de que, se ela quisesse ter sucesso dentro das arquibancadas, teria de fazer por onde quando pisasse nos degraus de concreto.

Jean Marc é francês de nascimento, mas mora no Brasil desde 1986. Integra a Máfia Azul desde seus primeiros anos no país sul-americano e chegou justamente no momento em que a torcida se preparava para aumentar de tamanho e importância.

Para Jean, uma mudança de postura dos membros da Torcida foi fundamental para que a Máfia Azul começasse o processo de crescimento mais agudo. Ele lembra que entre a fundação (1977) e meados da década de 1980 a Torcida contava com menos de uma década de membros atuantes e os materiais e alegorias ainda eram rudimentares. A partir de sua chegada a Máfia Azul passou a ter uma postura mais atuante, festiva e imponente nas arquibancadas e aquilo chamou a atenção dos demais torcedores.

A Galoucura, por sua vez, talvez até por já ter nascido em um contexto diferente, começou com desejos de grandezas e com o objetivo claro de ser a maior torcida do Atlético, já em 1984.

A diretoria da Torcida alvinegra permaneceu ligada ao poder desde o início até o final da década de 1990. Com destaque especial para Raimundo José Lopes Ferreira, o Mundinho, e Paulo César Ribeiro, o Melão, os diretores fundadores da Galoucura buscaram desde o início encontrar apoio e patrocínio para o crescimento da torcida.

Leo James conta que Mundinho era figura central na organização e captação de recursos da torcida e que não fazia muita distinção das fontes de financiamento, aceitando a ajuda de políticos e empresários. Para Leo, a personalidade empreendedora de Mundinho foi o que fez da Galoucura a maior Torcida do Atlético mesmo poucos anos após sua fundação.

Essa avidez por tornar as torcidas cada vez maiores e mais importantes gerava uma concorrência natural entre diretorias, que buscavam meios de crescimento em diversas áreas. No setor privado, chama a atenção a história dos primeiros bandeirões de Galoucura e Máfia Azul, ambos patrocinados por cervejarias rivais naquela época.

Rapidamente, as Torcidas foram percebendo que sua influência aumentava de forma exponencial e isso influenciava na hora de buscar patrocínios e apoios financeiros. Os grupos tinham noção da importância de sua imagem e do quanto ela poderia ser explorada por outras empresas. Como bem lembra Jean,

A gente tinha uns caras da Máfia que corriam atrás de patrocínio também, mas os primeiros bandeirões da Máfia foram muitas vezes patrocinados pela Brahma. Tinha um Bruno, um cara da torcida, ele e outros que arrumaram esses patrocínios. Nós fizemos campanha de arrecadações... a gente fazia de tudo pra fazer a festa... A Xerox ajudou a Máfia Azul, teve a Energil C.

E se as Torcidas Organizadas passaram a chamar a atenção das empresas privadas, não foi diferente com o poder público. Não demorou para que as grandes massas organizadas começassem a se tornar interessantes palanques para políticos, em troca de favores que pudessem contribuir para o crescimento e consolidação de Galoucura e Máfia Azul.

Leo James lembra que as primeiras 50 bandeiras de mastro levadas pela Galoucura ao Mineirão tiveram seu material bancado pela SELT, Secretaria de Esporte, Lazer e Turismo, órgão estatal da época. Leo também fala sobre uma das sedes da Galoucura, um galpão próximo ao Hospital Belo Horizonte, no bairro Cachoeirinha, que foi bancado no início dos anos 1990 por Newton Cardoso, político de grande influência em Minas Gerais.

Não havia a necessidade de muito alinhamento ideológico. Os políticos viam nas Torcidas uma oportunidade de conseguir votos em massa e as Torcidas a possibilidade de conseguir apoio do Estado e dinheiro para conseguir promover seus planos de crescimento e a conta fechava muito bem dessa maneira.

Bogus lembra que demorou a perceber, de maneira crítica, o que estava acontecendo e que o fato de que as Organizadas não estarem acostumadas a lidar com grandes verbas seduzia de maneira fácil os membros da Torcida, que por sua vez eram o cenário perfeito para a eleição de toda a sorte de políticos. O torcedor ressalta a importância e relevância das Torcidas no sentido de serem um movimento organizado que contava com um número muito alto de integrantes. Isso sem contar na influência que poderiam exercer nos demais torcedores. Esse era um prato cheio para quem buscava votos através da troca de favores.

A organização e a captação de recursos foram pontos fundamentais que fizeram das diretorias de Galoucura e Máfia Azul um sucesso de crescimento nos anos 1990 e as consolidaram de vez por todas como as principais Torcidas Organizadas de seus respectivos clubes, mas esse não era o único elemento responsável pela atração de novos membros em larga escala.

Como já foi demonstrado, as Torcidas se configuraram em um espaço abrangente, que acolheu diversos outros grupos urbanos da capital e muito disso se deve aos desejos de crescimento, que faziam com que houvesse pouca distinção e seleção na assimilação de componentes. É o principal fator que explica o fenômeno de duas torcidas originalmente de classe média e de regiões tradicionais da capital terem se tornado cada vez mais populares e ganhado espaço nas periferias de Belo Horizonte.

Como o francês Jean relatou, a postura da torcida na arquibancada era o ponto de entrada de muitos novos membros, que identificavam em Galoucura e Máfia Azul uma nova forma de torcer e viver o futebol nas arquibancadas.

Atlético e Cruzeiro já tinham suas Torcidas Organizadas antes do crescimento das duas principais, mas elas eram diferentes, agremiações de bairro, sem muitos aparatos musicais e estéticos e tanta preocupação em se tornar referência nas arquibancadas.

A postura chamava a atenção e era por isso que as diretorias estavam sempre em busca de recurso para a produção de material, bandeiras, faixas, camisetas e artigos personalizados criavam um senso de coletividade, uma aura que fazia com que os demais torcedores percebessem a distinção daqueles grupos e muitos desejassem fazer parte também.

Leo James, presente na Galoucura desde seu primeiro ano de existência, lembra da urgência vivida pela torcida em conseguir montar logo uma bateria, um dos mais importantes instrumentos para conseguir chamar atenção na arquibancada. De forma precária, mas rápida, a Organizada atleticana deu um jeito e foi expandindo o número de instrumentos ao longo do tempo, já que o importante era fazer algum barulho:

A gente discutia... as maiores torcidas ficavam isoladas, num canto só delas. Diferenciadas... e elas tem a bateria delas. Elas têm a banda delas, os

instrumentos delas próprios. Porque era uma tradição também os clubes terem as charangas, mas essas grandes torcidas já tinham as delas. Então falamos "vamos montar a da Galoucura". Pra montar, a gente sem dinheiro, a gente começou a bateria da Galoucura com um tarol meu. Eu tinha um tarol particular. Melão tinha um tantan. Foram os dois primeiros instrumentos da primeira bateria da Galoucura. Mas depois, rapidinho também, a gente já foi comprando mais instrumento...

Patrocínio para bandeiras, instrumentos musicais, viagens para acompanhar o time... as Torcidas faziam de tudo que estivesse ao seu alcance para alcançar o posto mais alto de suas respectivas arquibancadas e chamar a atenção. A grande questão é que não ficava só nisso e os confrontamentos entre elas passaram a ser mais frequentes e intensos.

Esse também era um elemento que chamava a atenção e atraía novos membros para as Torcidas e, no intuito de crescer, chamar a atenção e se consolidarem, a violência não era vista com olhares repreensivos por parte das diretorias.

Jean conta que um dos episódios mais importantes para o crescimento e ganho de respeito da Máfia Azul perante os próprios cruzeirenses envolve a extinção de uma ideia de que a torcida do Cruzeiro temia os atleticanos e não costumava se dar bem em confrontos físicos. O francês conta que em um clássico estava no grupo que desceu em meio a torcida alvinegra e seguiu incólume até o Mineirão:

No primeiro clássico, começaram a se interessar, aí por exemplo, no Floresta, começou a crescer, de dez foi passando pra trinta, quarenta, sessenta. Aí uma vez, a gente não tinha dinheiro pra nada, não conseguimos alugar um ônibus... não tinha dinheiro pra nada, atravessei a cidade toda e aí tinha um ônibus esperando, acho até que tinha 2, isso em 1987. Aí falaram assim: caminho para o Mineirão. Antônio Carlos, etc etc [caminho tradicional da torcida atleticana em dias de clássico, enquanto os cruzeirenses chegam ao estádio pela Av. Carlos Luz]. Aí falaram não: "vamos subir a Abrahão Caram". "Não, mas a torcida do Atlético vai passar ali"... "foda-se! nós vamos lá".

E fomos a primeira torcida do Cruzeiro a subir a Abrahão Caram às 12h30, paramos em um bar encostado no Mineirão, do lado da torcida do Atlético, nós descemos em quase 80, os caras do Atlético se apavoraram... a torcida do Cruzeiro sempre foi pacata antes, quando viram a gente começou a ter um corre corre e ficamos tranquilos, eram 80 cabulosos, não era fácil de encarar não... aí andamos tranquilamente no estacionamento do Atlético. Aí o que aconteceu: a

torcida do Cruzeiro ficou sabendo “porra, teve uma torcida do Cruzeiro que veio e passou no meio da torcida do Galo”, aí o que aconteceu? Crescemos ainda mais... e assim foi indo.

Era a importância da conquista do espaço e da sobreposição em relação ao rival começando a criar raízes que se tornariam o principal problema das Organizadas dentro de alguns anos. Mas isso é tema para uma discussão futura, ainda neste livro.

Leo James fala sobre a violência ter sido, em parte, uma herança dos grupos já existentes e que foram abrigados pelas Organizadas em busca do crescimento. Ele não nega que as Torcidas incentivavam um comportamento violento em busca de atenção popular e que, de fato, os episódios mais violentos tinham impacto na popularidade de Galoucura e Máfia Azul:

Sempre existiu briga, de um bairro com outro, existe essas histórias de briga. Aí as torcidas começaram a brigar e o pessoal gostava de brigar. A gente é novo, todo mundo jovem. É, tinha uma certa diversão. Era uma adrenalina.

Aí o que que acontecia nessa época: as torcidas ainda não eram tão, assim, é... não ficava tanto na mídia. As brigas fizeram as torcidas ficarem na mídia. Com isso, tinha gente que defendia briga exatamente pra aumentar a popularidade. Nessa época, as torcidas primeiro cresceram, igual a Galoucura, por exemplo. Que ela primeiro cresceu, por que ela era bonita, cantava mais, era a mais bonita, então todo mundo queria fazer parte da Galoucura. Depois teve um momento que ela também continuou crescendo pelas brigas. Então, quanto mais briga tinha, mais as torcidas cresciam.

É, exatamente isso mesmo. Nessa época, quanto mais a torcida brigava, mais crescia. Quanto mais fama ela tinha de brigão, de roubar o material do outro, mais ela crescia, mais popularidade ela tinha, mais ela ficava conhecida no Brasil inteiro. Então, é... tinha diretoria que até defendia isso.

No meio da Galoucura, tinha gente que defendia e tinha gente que não defendia. Eu não fui a favor dessas coisas. Covardia, esses tipos de coisas. Nunca fui, na minha vida, nunca fui. Já teve briga, já participei de briga. Mas covardia, nunca defendi, nunca... E aí, as custas de crescer, crescer também por causa da briga, chegou um ponto que hoje elas... a briga afasta. Então, nos dias de hoje eu vejo que um dos motivos que as torcidas caíram e diminuíram muito é por causa da violência.

Dores do crescimento

É claro que crescer tem seu custo e ele foi cobrado às torcidas na questão do gerenciamento, principalmente das atividades econômicas e administrativas, mas também na questão das brigas e confusões que se alastravam cada vez mais pela cidade e região metropolitana, a medida que as Organizadas iam ganhando núcleos interiorizados.

A formação dos Comandos na Máfia Azul e das divisões regionais da Galoucura foram uma tentativa de organizar esse crescimento e manter um poder central com influência e decisão sobre a torcida, mas não foi um movimento que deu necessariamente certo, como será tratado em capítulos por vir.

As brigas e o constante crescimento da violência em regiões periféricas (em boa parte, violentas por razões alheias ao futebol) se mostravam como um desafio dos mais complexos a ser geridos pelas novas e gigantescas Torcidas Organizadas mineiras, como explica Paulinho Popeye:

Tinha hierarquia da torcida, logicamente se existia uma diretoria, mas esses grupos (divisões internas) começaram... aí você perde o controle... eu chegava em uma reunião da polícia e falavam... ah, teve uma briga lá no Barreiro... como que eu vou resolver? Ah, briga na estação Vilarinho, briga em Contagem, Betim...aí teve esse problema também.

Seria absolutamente natural que as Torcidas tivessem de lidar com os problemas acarretados por sua dinâmica de crescimento. Eles chegaram e cobraram seu preço ao longo dos anos. O que é interessante perceber é que muito pouco do que acontece dentro das Organizadas está em um contexto integralmente próprio, mais se torna um reflexo, ora mais límpido, ora mais fosco de um cenário social mais abrangente. Desde o crescimento e seus alicerces, até os problemas que vieram junto com a expansão.

Anos 1990: Mídia e repressão

Bernardo Estillac

A década de 1990 foi de crucial importância para as Torcidas Organizadas no Brasil. No capítulo anterior, a dinâmica de crescimento e o contexto dos últimos dez anos do século XX foram tratados com atenção visando explicar o movimento de vertiginoso aumento no número de integrantes das Torcidas de todo o país, com destaque para Galoucura e Máfia Azul, as maiores representantes das arquibancadas de Atlético e Cruzeiro, respectivamente.

Um dos pontos iniciais da discussão que apresentava o contexto de crescimento das torcidas era justamente o fato de que as Organizadas conseguiram abrigar vários grupos urbanos marginalizados e que elas não faziam distinção quanto às formas de inclusão de novos membros. Em suma, tudo valia contando que o número de integrantes crescesse e elas passassem a ser mais e mais relevantes.

Para começar a discutir a mesma época, mas com enfoque na mídia e repressão, precisamos levar em consideração que os movimentos sociais, suas formas de relação com o Estado e o intermédio da mídia nesse cenário não começam ou tem um estilo fundado com a ascensão das Torcidas Organizadas; eles existem há muito tempo.

Para citar um exemplo, é possível recorrer a forma de abordagem de outros movimentos majoritariamente jovens e socialmente marginais que chamaram a atenção antes das Torcidas. O livro “Meninos em Fúria”, escrito em conjunto pelo escritor e jornalista Marcelo Rubens Paiva e o músico Clemente Tadeu Nascimento, fala sobre o movimento Punk em São Paulo, na década de 1980.

Em um trecho do livro, Rubens Paiva e Clemente falam sobre como a mídia tratava o movimento no momento de sua eclosão e aumento de relevância cultural e em número de integrantes. Para tal, os autores resgatam uma série de reportagens feitas pelo jornal paulista Estadão. O trecho recordado traz as seguintes memórias:

Poucos entendiam o Punk Brasileiro. Luiz Fernando Emediato, premiado jornalista, lançou em maio de 1982, entre os dias 2, domingo, e 8, sexta, no Estadão, a série de reportagens Geração Abandonada.

Abria no domingo com o título “Drogas, álcool e um revólver na mão”. Dizia que os jovens parecem ágeis e saudáveis, mas são tristes e amargos e condenados a solidão. Tentavam se matar ou encontraram o “refúgio nas drogas”. O jornal esclareceu que o repórter passou mais de dois meses convivendo com jovens – não todos, mas com parte deles. E citou uma pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz, em que havia 100 mil jovens viciados em drogas no Rio de Janeiro e 200 mil em São Paulo. Parte da reportagem é um texto de ficção sobre os amigos Ricky e Júnior. Começa bem: “Ricky apontou o revólver para a cabeça de Júnior e disparou. A bala calibre 22 passou raspando”. Tratava-se de uma brincadeira do amigo. O que começou a causar problema foram as chamadas “subs” da matéria, os textos em separado nos pés das páginas com explicações, dados, pesquisas e entrevistas com especialistas. No mesmo dia, “Um imenso pasto para o Grande Irmão” acusa a nova geração de ser alienada e desinformada.

Na terça, dia 4, “Música, amor violência e loucura”. Na quarta, dia 5, “Um rebanho caminhando para o nada”.

O livro segue relatando como o movimento Punk reagiu à série de matérias. Um misto de indignação com deboche dominava a repercussão da visão jornalística sobre o movimento ainda incipiente, mas dissecado pelos jornalistas como algo determinado e bem resolvido.

É interessante levantar a discussão de uma visão midiática de um movimento jovem e marginal de uma década antes da explosão de crescimento das grandes torcidas pois em vários momentos a postura dos grandes meios de comunicação em relação às Organizadas será bastante parecida, inclusive na linguagem, trazendo certa dramatização ao tema.

Existe um apelo estético e mercadológico em tratar a violência de forma escancarada e, às vezes, até dramatizada, como no caso da criação de dois personagens na matéria citada anteriormente. Neste capítulo, vamos tentar estabelecer os elos entre a mídia e o tratamento dado às Torcidas Organizadas e os mecanismos de repressão com os quais os torcedores lidam rotineiramente.

A violência, de fato, nas Torcidas Organizadas

Por mais que possa se debruçar e tratar sobre exageros e vícios de uma cobertura midiática, é importante, antes de tudo, entender o que acontece no cenário retratado. No caso da cobertura das Torcidas Organizadas, compreender de fato o problema da violência como algo estrutural dentro de suas formações.

Mais uma vez, recorrendo ao capítulo passado, sobre a dinâmica de crescimento das Torcidas nos anos 1990, podemos ter uma ideia do que fez a violência se tornar um fenômeno quase indissociável das Torcidas.

Vários líderes e membros das Organizadas não se omitem em relação ao fato de que as próprias Torcidas incentivavam as brigas e o comportamento bélico como uma das formas de atração de novos membros.

Muitos dos grupos que fizeram parte essencial para o crescimento das torcidas, como os movimentos dos punks, metaleiros, pichadores, dentre outros, já viviam em um contexto de marginalidade, violência entre eles e com as forças de repressão do Estado. Além disso, as brigas e demonstrações de força podem ser vistas como algo associável ao próprio esporte ou como manifestação de virilidade em um ambiente marcado pela presença de jovens, homens, e com a dominância de uma certa forma de masculinidade.

Antes de começar a questionar a forma como essa violência é tratada, é importante perceber o cenário geral e confirmar sua existência enquanto um problema real e grave de nosso futebol.

O Sociólogo Maurício Murad é um dos principais pesquisadores do tema da violência no futebol do país. Em seu livro “A Violência no Futebol”, lançado em 2017, Murad elenca alguns dados levantados por suas pesquisas ao longo de muitos anos de trabalho na área.

O primeiro período de mortes entre torcedores estudado mais aprofundada e detalhadamente, foi a década de 1999 a 2008.

Com base nas pesquisas que já vínhamos desenvolvendo, construímos um projeto de trabalho, que conceituamos como “pesquisa-processo”, isto é, uma investigação aberta, que não tem um recorte de tempo que vai incorporando as

novas realidades dos “objetos de estudo” que se apresentam e desafiam os pesquisadores. E assim tem sido e amadurecido até hoje.

No decênio referido, fomos campeões mundiais nas mortes de torcedores se compararmos nosso levantamento com os efetuados no chamado “primeiro mundo do futebol”, em que as sondagens sobre conflitos de torcidas são mais sistemáticas e confiáveis, sob a chancela de centros de excelência bastante respeitáveis.

Pesquisa conjunta da Uerj com o mestrado da Universo contabilizou 42 mortes de torcedores comprovadas pelo inquérito policial, nesses dez anos de estudo (1999-2008), uma média de 4,2 por ano. Assim ultrapassamos Itália e Argentina, nessa ordem, que estavam a frente do Brasil no período investigado.

Analisando os números levantados pelo pesquisador, pode-se então comprovar que a violência tem, e deve mesmo ter, um papel central na discussão sobre os principais problemas relacionados ao futebol no Brasil.

Embora os números apresentados mostrem o Brasil como o líder em mortes relacionadas ao futebol na década entre 1999 e 2008, ela também leva em conta o fato de que o país permaneceu no Top 3 do infeliz ranking durante a década de 1990, nosso foco inicial da discussão. Ainda assim vale ressaltar que o ranking trabalha com números absolutos e a população brasileira é bem maior do que a de Argentina e Itália.

Entra aqui um ponto interessante sobre o tema. Sendo a violência um problema grave e real das arquibancadas brasileiras, qual é a melhor forma de tratar o tema?

A mídia, como apresentamos no início do capítulo, não fez da cobertura da violência entre Torcidas Organizadas algo totalmente novo e diferente do que já fazia na cobertura da violência de outros grupos, como os punks, no exemplo utilizado.

Essa visão generalizante e buscando sempre trazer o impacto da violência, porém, traz uma série de complicações que dificultam a solução real do problema. Uma dessas complicações é legitimar publicamente a repressão violenta por parte dos órgãos de controle do Estado.

Outra complicação que advém de uma cobertura precipitada, sensacionalista e focada em aproveitar da estética e impacto da violência jaz no risco de generalização do movimento.

A pesquisa apresentada por Maurício Murad é mais ampla na abordagem sobre a violência no futebol, não se restringindo ao número de mortes, mas também trabalhando temas como a prevalência de indivíduos violentos dentro das Torcidas. O número é interessante e fomenta uma série de discussões sobre sua pouca divulgação.

A pesquisa da Uerj e do mestrado da Universidade Salgado de Oliveira (Universo), de 2009-2010, atualizada em 2015-2016, apurou que a violência entre torcedores no Brasil é praticada por uma minoria de vândalos que oscila entre 5% e 7% das torcidas organizadas, confirmando, pois, dados de levantamentos anteriores.

Isto, em se tratando de pessoas que fazem parte das uniformizadas, de seus membros. No que diz respeito às torcidas organizadas, enquanto entes associativos, no mesmo biênio 2015-2016, somente 15% delas foram reincidentes em atos criminosos.

Vândalos: 5% a 7% dos torcedores organizados.

Total de torcedores organizados: entre 2 milhões e 2,5 milhões.

Torcidas reincidentes em crimes: 15% das organizadas.

Torcidas oficiais cadastradas: as maiores e mais atuantes são 435, num total de 700.

Torcidas associadas oficialmente à Anatorg: 107.

Os números apresentados mostram que a generalização das torcidas enquanto movimentos majoritariamente violentos é um equívoco, apesar de a cobertura midiática, via de regra, não tomar os devidos cuidados no sentido de evitar esse fenômeno.

É importante, portanto, discutir a violência das Torcidas Organizadas tendo em conta a dimensão real do problema. Trata-se de um fenômeno grave, com número recorde de vítimas em nosso país, mas não permite uma análise generalista das Torcidas como entidades violentas por si só.

Futebol como produto

No capítulo anterior, sobre a dinâmica de crescimento das Torcidas Organizadas nos anos 1990, um dos pontos abordados como possível causa para esse fenômeno foi a popularização do esporte. Parte importante dessa popularização estava relacionada à transmissão do Campeonato Brasileiro com mais frequência na televisão, principalmente a partir do ano de 1987.

A década de 1990 marcou o início da transição do futebol de até então para o que hoje conhecemos como “futebol moderno”. Alguns marcos são importantes para entendermos como se deu esse momento. A criação da Premier League inglesa, em 1992, é um bom exemplo. Com novos estádios e um modelo econômico mais rentável, o campeonato cresceu até o ponto atual, se tornando o mais rico e assistido dentre os nacionais de todo o planeta.

Leis importantes sobre a condição contratual dos jogadores também promoveram o futebol a um novo patamar econômico. O esporte passou a ser visto com outros olhos por grandes empresários, que enxergaram no jogo mais popular do planeta uma possibilidade de lucro para além da organização do evento.

Na Europa, a Lei Bosman acabou com os impedimentos antes existentes para a transferência de jogadores entre países da Europa, sendo possíveis negociações irrestritas entre os países membros da Uefa. Essa lei também instituiu a possibilidade de assinatura de pré-contratos entre clubes e jogadores desde que o contrato vigente esteja a menos de seis meses de término.

No Brasil, destacam-se as Leis Zico e Pelé. A primeira, que leva o nome do Galinho de Quintino, buscava acabar com a lei do passe, que tornava os atletas fixos aos clubes com os quais tinham contrato e também afrouxar uma série de amarras judiciais que impediam investimentos de grande porte nos clubes brasileiros. A Lei Zico entrou em vigor no ano de 1993.

A Lei Pelé é de 1998 e extingue de vez a regra dos passes, dando autonomia aos jogadores e tornando o investimento de empresários e outros nomes fortes possível e viável no mercado futebolístico brasileiro.

Essas leis viabilizaram várias das situações que hoje vemos no futebol nacional e internacional, como a formação de times que monopolizam os campeonatos europeus e a contratação cada vez mais precoce de talentos sul-americanos, por exemplo.

Toda essa lógica de modernização e valorização do produto futebol tem como grande favorecida a mídia esportiva de uma maneira geral. Marcos importantes na cobertura midiática do esporte no Brasil datam dessa década, como a fundação da Sportv em 1991 (canal esportivo do grupo Globosat, à época da fundação chamado de Top Sports até o ano de 1995, quando assumiu o nome atual) e da Espn Brasil, em 1995, como filiada do grupo norte-americano de mesmo nome.

Com o esporte ocupando mais tempo na mídia e, principalmente, mais espaço na divisão de verbas para cobertura, era natural que mais elementos do jogo fossem abordados de maneira mais intensa. As quatro linhas então são rompidas para que cada vez mais entrevistas, matérias, treinos e, claro, arquibancadas fossem veiculadas.

É também nos anos 1990, no embalo do aumento exponencial do número de integrantes de Torcidas Organizadas que a violência relacionada ao futebol cresce e conta com episódios marcantes.

Para o contexto de abordagem midiática, os episódios marcantes são centrais para criar uma imagem de criminalização das Torcidas e iniciar um debate público mais intenso sobre o problema da violência nos estádios de futebol.

Um capítulo fundamental da cobertura midiática sobre a violência nos estádios foi a chamada “Batalha do Pacaembu”. O evento ocorreu no dia 20 de agosto de 1995, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo. Palmeiras e São Paulo se enfrentavam pela final da Supercopa São Paulo de Juniores e o cenário se transformou em uma verdadeira batalha campal após um gol que dava o título ao time de jovens palmeirenses.

Membros das torcidas de São Paulo e Palmeiras começaram uma briga nas arquibancadas e a terminaram dentro do gramado do estádio municipal. Os números totais do confronto apresentavam 108 pessoas feridas, dentre elas Márcio Gasparin, que faleceu no hospital oito dias depois da briga.

O episódio já tinha todas as características suficientes para ser considerado um fato absolutamente marcante para a discussão sobre violência no futebol e, como se não bastasse, a briga foi transmitida ao vivo. Uma morte ao vivo em uma partida de juniores era algo forte demais e poderia significar um abalo significativo para o futebol enquanto produto. A partir daí era razoável que a violência entre Torcidas passasse a ocupar frequentemente os noticiários esportivos e policiais.

A batalha do Pacaembu modificou a forma como a mídia tratava os torcedores e, de certa maneira, legitimava uma repressão ainda mais forte por parte do Estado (ponto que ainda será discutido mais profundamente). Várias das decisões tomadas ali permanecem até hoje e marcaram profundamente o futebol paulista, o primeiro no Brasil a instituir os clássicos com torcida única, por exemplo.

Márcio Jorge Melo, conhecido como Bogus e membro da Galoucura por mais de 20 anos, conta sobre como esse episódio afetou o olhar público sobre as torcidas e ainda fala sobre como os conflitos prévios eram tratados.

O olhar (sobre a violência) sim, porque até então eram jovens periféricos, suburbanos brigando por futebol, só que você vai olhar, o alçapão do Bonfim é famoso na década de 1960 e 1970. Ninguém entrava lá não, aqui em Nova Lima. Lá sempre tem briga, é clássico.

Então, a briga de 1995 foi desencadear um olhar da grande mídia com relação ao movimento, porque não tinha mais o que falar. Já não tinham mais os punks pra ficar falando, não tinham mais esses movimentos jovens pra ficar falando, o que tinha era isso, "quem são esses suburbanos periféricos aí?".

Pra gente, a gente já tava nos intercâmbios. Eu mesmo nessa época aí, eu fui no último jogo de bandeira com bambu no estádio de São Paulo, que foi a final Palmeiras e Corinthians de 1995, em Ribeirão Preto, eu tava lá. Tem no YouTube. Você coloca lá Hooligans Mancha Verde Gaviões, uma das três pessoas da frente lá, uma era eu, você vai reconhecer por causa do nariz, mas já existia esses intercâmbios.

É interessante perceber na fala de Bogus sobre sua presença em eventos marcantes, como a Final entre Corinthians e Palmeiras em Ribeirão Preto. O fato de as torcidas já estarem

significativamente unidas fez com que os ecos de confusões de grande porte não tivessem efeitos apenas locais, mas também de forma geral.

Não é preciso reiterar que as confusões, brigas e mortes não pararam por ali e a repercussão midiática manteve sempre um tom raso e generalista sobre os casos. Em certos programas, como o Linha Direta, exibido na TV Globo entre 1997 e 2007, casos como o da morte do botafoguense Rhafik em confronto com torcedores do Flamengo ganhavam uma simulação de teor dramático que chamava a atenção pela estética criminal e sensacionalista.

A relação das Torcidas com a mídia é conturbada e está sempre em uma área cinza de tentativa de visibilidade esbarrando em rugas sobre a repercussão negativa de eventos violentos.

João Paulo de Souza, conhecido como JP e membro da Galoucura, fala sobre a relação das Torcidas com a imprensa, citando exemplos de dificuldade de diálogo e falta de apoio midiático para as ações sociais promovidas pela torcida.

Ninguém liga, mas no dia em que tem uma briga dessa grande aí meu telefone pipoca de tocar. Todo mundo me liga, quer saber o que aconteceu. Não vai dar, já tentou de todas as formas, a gente faz pra fazer o bem pro cidadão. Só mostram quando é coisa ruim.

As brigas tem acontecido bem menos. Tem uns caras da mídia que preocupam mais com isso, por exemplo, tem um cara que é aquele Leopoldo Siqueira do Alterosa Esporte. Ele é mestre nisso. Se tiverem dois professores brigando aqui na UFMG um com camisa da Galoucura e outro da Máfia Azul, ele vai passar uma semana. E sempre fala assim “gente, não gostamos de dar ênfase, mas temos que mostrar, eu prometi pra mim que nunca mais ia falar sobre isso, mas eu tenho que mostrar”. Pra você ter uma ideia, é tão difícil que teve uma vez que a Galoucura foi punida. Eu fui lá conversei com o promotor para perguntar sobre o motivo da punição e disse que nós vamos acabar com diálogo com polícia e tal. No Ministério Público, tem uns caras muito bacanas, sabe, muito bacanas mesmo, aí o promotor falou assim, “ô João, vou ajudar vocês então”, quando é uma coisa boa ninguém procura, ninguém está nem aí. A gente faz ação social e tal. Aí ele falou assim “vocês fazem mesmo? Então vai lá no Hemominas e faz uma ação social, doa sangue que eu vou repensar o caso seus, não vou garantir nada, mas vou tentar repensar”. Eu falei, beleza, fizemos um mutirão que aquela porta do Hemominas ali foi tomada, foi um cara da imprensa, um blogueiro la de Ribeirão das Neves, pra se ter uma ideia.

Aí passa um pouquinho, chega uma intimação pra torcida. O Hemominas fez um manifesto junto ao Ministério Público repudiando a ação social. Porque eles não

estão preparados para receber tanta gente. Tomamos mais uma lenhada, acredita, cara?

Podia ter vindo e falado assim: “gente, obrigado, não consigo atender todo mundo, vamos atender dez aqui, semana que vem volta dez”. Não, não falou nada. Só foi no Ministério Público e meteu o ferro. Tem cabimento um trem desse? Então assim, até pra ajudar às vezes é difícil, mas acontece muita coisa boa....

A fala de João Paulo também chama a atenção para uma relação existente entre a repressão e a postura midiática sobre as Torcidas, quando fala sobre a forma como a questão foi abordada pelo Ministério Público.

Antes de entrar definitivamente na questão da repressão, é importante ressaltar outro ponto sobre a cobertura midiática, o que entra na questão mercadológica da circulação de informações.

O futebol movimenta milhões de reais no mercado midiático e é um dos principais produtos de boa parte das grandes empresas jornalísticas. Associar a imagem da violência urbana, brutal e descontrolada, em um primeiro momento, parece ir de encontro aos ideais de quem busca faturar com o esporte. Essa é uma das questões mais controversas sobre a abordagem midiática.

Todo o cenário descrito sobre as mudanças vividas no futebol a partir dos anos 1990 levam para um contexto onde o esporte é cada vez mais visto como uma mercadoria e os novos estádios e adoção de planos de sócio-torcedor por parte dos clubes favorece essa imagem.

Em um contexto de globalização, com vários campeonatos sendo transmitidos para todo o mundo e com as reformas nos estádios brasileiros, que se transformaram em arenas modernas e de manutenção financeiramente dispendiosa, tratar o ambiente futebolístico como um local violento e hostil para o torcedor pacífico passa a não ser uma ideia tão autodestrutiva, uma vez que o negócio do esporte passa a mirar um novo público, com maior poder aquisitivo e capacidade de usufruir de mais produtos oferecidos pelo evento. Em suma, a mídia também pode ser considerada um ator dentro da estratégia de elitização do futebol nacional.

As arquibancadas hoje têm uma imagem completamente diferente do que fora algumas décadas atrás. A elitização das torcidas muda não só o comportamento como o público, que, seguindo a realidade brasileira, passa a agregar cada vez mais as classes médias e excluir os mais pobres.

O esvaziamento dos estádios é flagrante e a violência no imaginário da população se tornou um dos principais fatores usados como justificativa pelos torcedores, como apresenta Murad.

Tanto o futebol quanto o cinema são espetáculos internacionais que apaixonantes e, cada um deles tem a sua própria cultura e mitologia. Suas estrelas e seus astros (observe que os mesmos termos são usados no futebol e no cinema) seduzem pessoas muito diferentes, tornando-se referências nas mais diversas sociedades, cujos valores e imaginários coletivos são tão distintos que abrangem um âmbito quase universal.

Mas pesquisas mostram que os brasileiros estão se afastando dos estádios de futebol. De acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a média de público no Campeonato Brasileiro de 2015 foi de 17.051 espectadores, com apenas 40% de taxa de ocupação. A título de comparação, e para mostrar como essa média é baixa, nos Estados Unidos, a média de público nos jogos de futebol – o soccer, não o americano – no mesmo exercício chegou a 28 mil, com uma taxa de ocupação de mais de 70%.

Investigação realizada pelo Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 2009 e atualizado pelo Programa de Mestrado da Universo, RJ, 2016, mostrou que, para mais de dois terços (69,5%) dos torcedores, a violência é a maior causa de afastamento do público dos estádios brasileiros, seguida de preços (ingresso e alimentação), transporte, horário e falta de conforto nos estádios. Portanto, vários fatores combinados afastam o público dos estádios brasileiros, mas, sem dúvida, o principal deles é a violência.

As pesquisas mostram que uma grande maioria dos brasileiros é afastada dos estádios por conta da violência. É um dado significativo e importante, mas deve ser analisado sob outros pontos de vista.

Trata-se de uma pesquisa com uma amostra quantitativa e seria interessante conhecer melhor os públicos que afirmam não frequentar estádios por conta da violência das torcidas. São

pessoas que deixaram de frequentar as arquibancadas ou que nunca tiveram como hábito girar as catracas de um estádio?

O discurso midiático ajuda a formar tal imagem e isso pode influenciar na resposta da pergunta, além do próprio conceito de violência ser bastante vasto, podendo simbolizar violência da segurança, policial, das torcidas e várias das suas outras faces.

João Paulo fala sobre sua visão em relação ao esvaziamento dos estádios e também sobre a mudança de postura e comportamento da torcida nas arquibancadas modernas.

E tem essas restrições (de adereços e preços altos) e o atleticano também ficou muito chato. Aí você vê o cara na imprensa, o cara vai e fala assim: “o que afasta o público do estádio é a violência”. Você quer violência maior que essa? Você querer levar seu filho e não poder? Eu lembro quando eu era office boy, eu viajava e ia no estádio porque eu tinha um ticket refeição razoavelmente bom e eu vendia meu ticket todo de uma vez. O dinheiro do ticket era pra conseguir ir no jogo. Na hora do almoço, eu comia biscoito maizena e tomava café lá no serviço. Ficava sem almoçar, cara, pra ir no jogo. Hoje não consegue mais não. Antes eu ia e mesmo assim passava apertado. Aí hoje eu levo um menino no campo e o menino vira e fala assim: “pai me dá um picolé”. Ai o cara olha e fala: “pô oito conto um picolé”. “O pai me dá um copo d’água. Cinco reais um copo d’água. Quer violência maior do que essa?”

É visível (a diminuição), e visível quem vai aos campos, quem vai aos jogos, que acompanha as ações da torcida. Vamos por hoje que, no muito assim, tem uns 3 mil presentes, que é um número ridículo, muito pouco.

Com as mudanças, principalmente financeiras. Porque hoje, vamos supor, o jogo de amanhã vai ter ingresso na bilheteria a 10 reais, mas já criou uma mística que o ingresso é caro, que o acesso é difícil. Se eu não tenho um cartão Galo na Veia, eu não entro no estádio. Então aquele cara que ia lá de geral, ou ia na Galoucura por cinco conto, o cara fala assim: “ah, eu não vou não, eu não tenho cartão”. E o cara não tem muita instrução, então o cara não vai, o cara deixa de ir.

O argumento dos preços é forte no discurso do torcedor, assim como na pesquisa, já que esse é o segundo argumento mais relatado.

Repressão: Coerção ostensiva e judicial

A relação das Torcidas Organizadas com o Estado é, por natureza, conturbada e cheia de meandros. Por natureza porque a própria composição das torcidas já integra vários elementos de conflito social. Relembrando o capítulo anterior, sobre a dinâmica de crescimento das torcidas, vale lembrar que uma parte significativa dos membros das Organizadas provinha de grupos marginalizados e com práticas subversivas, como os pichadores.

Além disso, o Brasil é um dos países com índices altíssimos de desigualdade social, não apenas na distribuição de renda, mas na garantia de direitos básicos e nas formas de atuação do Estado.

Para se pensar nas formas de repressão às Torcidas Organizadas é preciso ampliar o escopo de agentes para além da Polícia Militar e dos seguranças dos estádios. A coerção das atividades também passa por instâncias judiciais e outros órgãos do governo, como o Ministério Público.

Mas começando com as forças ostensivas, a relação entre Organizadas e Polícia Militar é um ponto interessante a ser tratado. Os relatos coletados mostram que o diálogo entre os torcedores e a PM são um tanto dúbios e transitam entre uma ideia de repressão e proteção.

Paulo Augusto da Cunha Fonseca, mais conhecido como Paulinho Popeye, foi membro da direção da Máfia Azul e conta como se dava sua relação com a Polícia Militar, revelando alguns pontos de discussão e política entre as duas partes:

Comigo sempre foi tranquila. Comigo, com Jean, Bolão. E tem hora que quando você tem o telhado de vidro, principalmente torcida, você não pode ficar peitando os caras. Sempre tive bom relacionamento, com Coronel Piccinini, eu lembro de todos... Major Vitor, grande amigo nosso. Coronel Piccinini, Coronel Severo, Coronel Renato.

Na maioria das reuniões com a Polícia, era eu. Quer dizer, eu nunca me envolvi em confusão, merda nenhuma, mas na hora de colocar a cara lá, colocava.

O fato de que as Torcidas são um grupo muito numeroso, inflamado pela paixão e calor do momento faz com que a ação da polícia possa ser entendida como necessária, ou como uma forma eficiente de controlar as situações nos arredores dos estádios.

Eis uma das grandes dubiedades do discurso das Organizadas em relação a PM, a truculência pode servir como forma de proteção em relação aos outros torcedores. João Paulo apresenta um pouco de sua visão em relação à ação policial no contexto futebolístico.

Eu nunca tive problema efetivo com polícia, mas teve um Atlético e Flamengo da Copa do Brasil que a torcida do Flamengo chegou sem ofício, não informou a polícia que chegava, encontrou com a torcida do Cruzeiro, a Pavilhão Independente, e tentou descer a rua do postinho, da torcida do Atlético. Aí deu aquela confusão e tal, obviamente não iam deixar os caras passar ali, ainda mais se tratando de quem, e rolou uma porrada e tal. Chegou o Caveirão, muita bala de borracha e tal. E nós fomos assim, as lideranças da torcida, vai tentando conter os ânimos, mas foi tipo uma guerra civil. E nisso aí eu tô conversando com um sargento, tranquilo, calmo, e veio um policial e já chegou me puxando pela blusa e jogou um spray de pimenta na minha cara, velho.

Minha esposa tava do outro lado da rua e eu custei a enxergar ela, foi um desespero. Então assim, tem truculência, tem, eu sei que os caras não podem ser "ô por favor, não briguem", não pode. Mas tem hora que tem um excesso, mas, no meu modo de ver, na hora que você põe na balança, o serviço dos caras tem que ser valorizado. O efetivo não é grande, é muito problema, muita gente não respeita, não respeita mesmo e, assim, como toda instituição, tem um cara de diálogo que sabe conversar e por limite

Apesar da existência de certos discursos complacentes com a ação, muitas vezes, truculenta da Polícia Militar, existe um discurso forte sobre a necessidade de capacitação profissional dos policiais para lidar com grandes eventos.

O francês Jean Marc aponta alguns problemas do policiamento relacionados ao preparo dos profissionais para cumprir as funções designadas, focando no aspecto punitivo.

Tem que punir quem cometeu o crime ué. Mesma coisa, uma vez o cara foi preso com a camisa da Máfia Azul há 20 km do Mineirão com bomba caseira. Aí nos proibiram durante seis meses de usar faixa e bandeira. Aí falei com o

comandante da polícia... primeiro tem que saber se ele é da torcida, tá usando a camisa... eu posso usar uma camisa do banco do brasil... vamos falar a verdade. Tá. Se ele tava com bomba, ele que tem que ser responsabilizado ué, eu não posso ser responsabilizado por algo que acontece há 20 km do estádio. É igual a polícia ué, se um policial comete um crime, bombeiro, um bancário... você vai responsabilizar a entidade? Não tem jeito... essas discussões no Brasil, às vezes, são completamente absurdas. Isso aqui é muito comum de lidar com isso...

Aí vem o seguinte... eu vou falar. As polícias no geral acham que entendem do assunto... tem um batalhão de choque especial, só que não! Primeiro sabe porque não entendem muito bem do assunto? Porque eles trocam de comando toda hora. Então um cara, um comandante, que começa a pegar o jeito das torcidas, das reuniões... ele pega, mas aí o que acontece, ele vai ser transferido pra outro batalhão, vai aposentar... porque já tivemos ótimos comandantes da PM aqui, já tivemos relacionamentos bons com alguns, de poder explicar os problemas, e outros completamente quadrados e despreparados.

Como já dito nesse capítulo, existe uma relação de legitimação entre o que a mídia apresenta para o discurso popular e as ações do Estado para tentar conter os problemas.

A imagem das Torcidas violentas ajuda a justificar a truculência policial nas ações com Organizadas e demais torcedores nos arredores de um estádio, ao passo que também diminuem a capacidade dos torcedores de terem voz significativa nos debates sobre segurança e no acesso midiático para levantar tais questões.

Bogus fala sobre a ausência de espaço na mídia para os problemas vividos por torcedores e sobre o uso de armas não letais pela PM, uma prática que começou a ser usada em torcedores, embora só tenha ganhado espaço enquanto prática de força excessiva em protestos e manifestações civis anos depois.

Questionar? “Não sabemos de nada não”. “Vou é apresentar o Globo Esporte”. “Não posso falar disso não”. Uma capa de Estado de Minas vai falar de um negócio desse? Nunca! Aí lembre-se de que a gente tá falando também de Diários Associados. Não tá sozinho. Então a Galoucura comprou briga com esse povo e esse cerceamento a gente já tava enxergando isso e de repente em 2000 e 2001 começa a aparecer o uso de armas não-letais, do nada. Aí de repente começam a atirar só de ter uma aglomeração. Aí começam os casos, menino de 11 anos, 12 anos de idade torcedor do time do Barro Preto com tiro de bala de borracha no olho, que a Galoucura ajudava ele em termos de assistência básica, porque era

uma família pobre. A Galoucura que ajudou ele lá, doava cesta básica, ia lá, tem pouco tempo. De repente um policial militar ficou cego porque um outro policial atirou na multidão e a multidão abriu e a bala pegou no olho do policial do outro lado e isso tudo é 2000 e pouco, a galera esquece, não comenta. A Galoucura foi a primeira torcida a ir na Assembléia Legislativa abrir junto com a Comissão de Direitos Humanos do Durval Ângelo e João Leite na época pedir uma pauta pra questão de usos de armas não letais e a Máfia Azul não foi esse dia não, mas foi a Polícia Civil. Eles atestaram que isso pode matar, foram quatro vítimas de armas não letais.

Aí a gente pula agora pra 2013, 2014. Onde que essas armas foram testadas antes, antes de chegar na população aqui? Foi testada dentro de estádio de futebol. Muita gente assustou porque tava nas manifestações e nunca tinha vista uma polícia assim. Tanto que a primeira briga que teve aqui na Antônio Carlos quem ficou na linha de frente foi Máfia Azul e Galoucura. Nos primeiros conflitos aqui da Antônio Carlos. E isso eu falo porque eu tava, quem tava era Máfia Azul e Galoucura e tinha dois ou três punks, o resto correu.

Retomando o começo deste tópico, embora a forma de coerção policial seja mais visível e física, ela não é a única. As formas de punição às torcidas merecem um espaço especial de crítica e análise, uma vez que são em grande maioria ineficientes e pouco contribuem para a queda dos números da violência.

Há anos as punições adotadas para torcidas que se envolvem em casos de violência no Brasil se limitam a suspensão de itens da indumentária da Organizada, bem como bandeiras e bateria.

O espetáculo no estádio é empobrecido e toda a torcida punida, ao passo que os responsáveis pelo crime em questão seguem com acesso livre aos arredores e até mesmo às arquibancadas do estádio.

Um exercício simples que pode atestar a ineficiência dessas medidas é pensar nas formas de construção de identidade das torcidas. A violência, inclusive enquanto estética e forma de angariar novos membros, faz parte desse rol. Além dela, as bandeiras, os fogos, as camisas e bandeirões. Quando se retira todo o resto, a única maneira de vínculo identitário restante passa a ser o comportamento violento.

Uma outra questão que ajuda a pensar os problemas das decisões judiciais de punição às torcidas é o fato de que as Organizadas não são consultadas sobre as penas e não há espaço de diálogo, como afirma Bogus.

Por exemplo, o Mineirão cabia mais de cem mil pessoas, agora cabe 70. Por que? Ah, o policiamento diz que não pode ter mais, mas policiamento que manda? Simples assim. Ah não, então vamos colocar as fumaças aqui, o papel, aí não pode porque o policiamento diz que não pode, mas nunca aparece quem é o policiamento e quem tá por trás do policiamento. Pra quem é de torcida, suburbano periférico, é isso que se tem de resposta e se não aceita, foda-se.

A discussão sobre a violência das Torcidas Organizadas é complexa e passa por uma série de razões mercadológicas, midiáticas e que envolvem o aparelho repressivo do Estado. Não se trata de fechar os olhos para os inúmeros problemas e infrações cometidas por membros dessas agremiações, mas de promover um debate mais amplo e profundo, evitando medidas simples para resolução de problemas complexos, o que historicamente só representa arbitrariedade, intolerância e, sobretudo, ineficiência.

Torcidas Organizadas, Política e Poder

Igor Junio Barbosa

“O general nunca me ouviu quando escalou o seu Ministério. Por que, diabos, teria eu que ouvi-lo agora?”. Essa famosa indagação de João Saldanha, um dos maiores personagens da história do futebol brasileiro, é uma bela porta de entrada para ajudar na compreensão das intrincadas relações entre futebol e política no Brasil.

No capítulo “Anos 1990: Dinâmica de crescimento das Torcidas Organizadas” já foi esclarecido o contexto de Ditadura Militar que o país esteve submetido entre 1964 e 1985. João Saldanha era jornalista, mas, de forma até surpreendente, foi convidado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) a dirigir a Seleção Brasileira nas Eliminatórias em 1969, visando participação na Copa do Mundo de 1970.

João Saldanha fez bem seu trabalho e conseguiu classificar a “Canarinho” para o mundial, mas um episódio em especial colocou tudo o que já havia sido conquistado em risco. Saldanha era conhecido por suas convicções políticas de esquerda – era filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) – e não reagiu bem a um comentário do até então presidente do Brasil, general Emílio Garrastazu Médici. O governante militar disse publicamente que gostaria da presença de Dario José dos Santos, o popular Dadá Maravilha, entre os jogadores selecionáveis.

João Saldanha ignorou os pedidos do presidente e soltou a frase mencionada anteriormente no início desse capítulo, o que acabaria por assinar sua sentença. Esse episódio, aliado a outras pequenas controvérsias em que o jornalista esteve envolvido, culminaram em sua demissão às vésperas da Copa do Mundo de 1970. Zagallo assumiu, deu a volta por cima e conseguiu levar a Seleção ao título mundial, enquanto João Saldanha voltou a sua habitual função de comentarista.

Esse é só um dos exemplos em que futebol e política estiveram lado a lado no período da ditadura. No caso das Torcidas Organizadas, a dimensão política perpassa a relação dessas com diversos atores externos a esses agrupamentos e também entre eles. Relações com outros grupos de torcedores, com a diretoria dos clubes e com figuras públicas relacionadas à política marcaram as trajetórias de crescimento e visibilidade dessas entidades e seus membros.

Relações com figuras da política

Dentro da Galoucura, historicamente, quem dá início às relações com figuras da política e de poder foi Raimundo José Lopes Ferreira, o Mundinho. Como mencionado no Capítulo “Anos 1990: Dinâmica de crescimento das Torcidas Organizadas”, foi a SELT, Secretaria de Esporte, Lazer e Turismo, que forneceu o material para a confecção das 50 primeiras bandeiras da Galoucura, através de contato estabelecido por Mundinho com o órgão. Conforme explica Bogus, um dos principais membros da Galoucura na década de 1990, o crescimento das organizadas, sobretudo nos anos 1990, era notório e não demorou para que elas chamassem a atenção de figuras políticas e instituições:

Qual o movimento hoje, até pouco tempo atrás, hoje existem mais, mas até pouco tempo, qual era o maior movimento no Brasil que reunia mais de 20 mil pessoas? Um jogo de futebol. Entende? Então era muito fácil, as torcidas de São Paulo foram mais espertas nisso, em vez de apoiarem políticos eles se elegeram, então você tem gente na Gaviões que já foi até deputado.

A possibilidade de ter um grande grupo de pessoas trabalhando numa campanha política em troca de regalias foi um prato cheio para os políticos em diferentes épocas da trajetória desses agrupamentos. Podemos citar o exemplo de Belo Horizonte em que, nas eleições para a Prefeitura de 2016, duas figuras ligadas ao futebol protagonizaram a disputa no segundo turno: Alexandre Kalil e o ex-goleiro João Leite. Nos outros estados do sudeste, temos o ex-atacante Romário, que entrou para a política em 2009. Romário se candidatou para Deputado Federal e foi o sexto mais votado no Rio de Janeiro. Posteriormente, em 2014, elegeu-se Senador e nas eleições de 2018 foi candidato a Governador do Rio de Janeiro. Em São Paulo, temos o curioso caso de Andrés Sanchez, eleito Deputado Federal em 2015, mas também eleito para retornar à Presidência do Corinthians no início de 2018. Andrés Sanchez foi denunciado por sonegação fiscal pelo Ministério Público em 2014 e, três anos depois, teve seu nome citado no esquema de corrupção da construtora Odebrecht – a empresa inclusive disse que Andrés recebeu 2,5 milhões de reais a título de caixa dois.

Diante desse cenário, novamente não podemos fugir das raízes de cada torcida. A Galoucura, por exemplo, foi formada por torcedores belo-horizontinos de classe mais alta, em

grande maioria moradores da região Centro-Sul. “A Galoucura é tradicionalíssima em apoiar políticos de centro-direita”, complementa Bogus.

Newton Cardoso foi um dos nomes mais citados durante as entrevistas. O político nascido em 22 de maio de 1938 foi prefeito de Contagem por três períodos, mas ganhou grande notoriedade enquanto Governador do estado entre 1987 e 1991. Também foi Deputado Federal e vice-governador.

A Galoucura diz ter sido a primeira torcida de Belo Horizonte a possuir uma sede fora do Mineirão. Foi alugada uma sala no Edifício Maletta, que servia para a confecção de carteirinhas dos associados. Posteriormente, a principal Torcida Organizada do Atlético foi para a Rua Caetés e depois para um galpão perto do Hospital Odilon Behrens. “Esse galpão foi alugado com a ajuda do Newton Cardoso, que pagava o aluguel. Então durante um ano, ou dois, não lembro, ele pagou o aluguel para a gente. Eu que ia lá todo mês pegar dinheiro com ele para pagar o aluguel”, contou Léo James, que fez parte da Galoucura desde seus primeiros meses de existência.

Apesar da tradição da Galoucura, como mencionado, de apoiar políticos de centro-direita, a finalidade que levou a torcida a criar esses laços durante muito tempo foi de pura sobrevivência: “Eu já fiz campanha no Jardim Teresópolis, no meio do favelão em Betim, o pau quebra lá. Eu lembro que na época fizemos boca de urna e o vereador não ganhou, aí ele não pagou a gente”, nos contou Bogus, mostrando o outro lado da moeda.

Relações com clubes e dirigentes

“A gente pode creditar tudo para o Mundinho. O Mundinho que era o presidente na época, ele que conseguia. Ele corria atrás... era um cara que ia atrás de político, ia atrás de empresário, para conseguir recurso. Então, ele foi o cara que fazia isso assim. Um cara até visionário que acabou até trazendo dinheiro e recurso para a torcida”, contou Léo James. É fácil de perceber como que na vida institucional de uma Torcida Organizada era necessário matar um leão por dia apenas para se manter na ativa de um modo que realmente fizesse a diferença dentro do estádio. Nesse cenário de dificuldades, ainda que os agrupamentos torcedores se aproximassem de vários atores e instituições, algumas contradições permaneciam e ainda permanecem vivas, particularmente no que tange à proximidade com dirigentes dos clubes:

“Então, torcida organizada tem uma coisa... não pode ter o rabo preso com o clube. Não vale. Você tem que ter um bom relacionamento, mas não pode ter o rabo preso, pra poder criticar. Se tiver o rabo preso, não vai criticar. A torcida ajuda o Cruzeiro, mas o Cruzeiro tem que ajudar a torcida”. Essa fala de Jean Marc nos ajuda a refletir e tentar compreender os limites nas relações entre diretorias dos clubes e Torcidas Organizadas.

Luiz Henrique de Toledo, em seu livro “Torcidas Organizadas de Futebol”, conta como foi acontecendo essa mudança de comportamento dos agrupamentos de torcedores nos clubes de São Paulo. Sobre a década de 1960 e as primeiras Torcidas Organizadas ele diz:

Naquela época os agrupamentos torcedores eram vinculados aos times, geralmente a alguém envolvido com a organização institucional do futebol (político, dirigente, funcionários de ligas ou federações de futebol) ou ainda oriundos da atividade e do empenho pessoal de alguns indivíduos.

Continuando, Toledo conta como a partir da década de 1970 esse comportamento mudou drasticamente, o que ditaria o ritmo das grandes Organizadas que surgiriam a partir desse momento. “Por volta da metade da década de 70 as Torcidas Organizadas já assumiam um papel de pressão política diante dos times. Para transtorno de muitos, acostumados à passividade dos torcedores (...)”.

Cruzeiro com a Máfia Azul e Atlético com a Galoucura, no fim, são instituições em prol de um mesmo bem, mas com funcionamentos bem distintos, obviamente. Nos primeiros anos de “boom”, as torcidas encaravam um crescimento assombroso, mas passavam longe de ter uma estrutura para lidar com isso, fazendo com que essa relação com o clube se tornasse necessária, para um bem maior.

Durante as entrevistas realizadas, ficou claro como o espaço próprio foi fator determinante dentro das duas torcidas. “Já conseguimos terreno lá em Venda Nova, 20 anos... para fazer um projeto. Não tinha dinheiro, o terreno ficou lá aí repassou para a prefeitura. Mas a prefeitura tinha dado”, disse Jean Marc. Essa frase escancara as dificuldades que uma torcida enfrenta para se manter, não conseguindo se sustentar diretamente. Hoje, a sede da Máfia Azul fica no Barro Preto, na mesma rua da Sede Administrativa do Cruzeiro.

A Galoucura, por sua vez, ainda falando sobre seus primeiros passos após o grande crescimento dentro de Belo Horizonte e região, teve um espaço cedido para reuniões dentro da própria sede do Atlético.

Era dentro da sede, lá em cima no auditório. O clube cedia, a gente pedia e fazia a reunião da torcida lá. Eu lembro até hoje a reunião que a gente decidiu pelo pulgão. Então, essa reunião foi na sede, lá em cima no auditório. A gente falou assim “pô, a maioria das torcidas aí tem um mascote, a gente deveria ter”. Aí a gente, nessa época, já estava discutindo em crescer, desenvolver a torcida, disse Léo James.

No Cruzeiro, é interessante perceber como algumas trocas de comando durante a década de 1980 coincidiram com esse crescimento assombroso da Máfia Azul. Felício Brandi, considerado por muitos o maior presidente da história do clube, assumiu em 1961 e deixou o cargo apenas 21 anos depois, em 1982. Ou seja, Felício foi o comandante do clube celeste durante um período que o clube deixou de ter uma representação apenas local, passando a ter também grande importância nacionalmente falando, com a inauguração do Mineirão em 1965, o título da Taça Brasil de 1966 e a conquista da Copa Libertadores na década seguinte, mais precisamente em 1976. Como já explicado anteriormente, a Máfia Azul é criada em 1977, mas durante anos tem apenas um caráter local, começando a crescer apenas na segunda metade da década de 1980 graças a uma diretoria organizada e com objetivos mais ambiciosos.

O sucessor de Felício Brandi foi Carmine Furletti, que foi conhecido por ser um dos conselheiros mais jovens da história do Cruzeiro. Ele já fazia parte da diretoria desde os primeiros anos de Brandi como presidente e o sucedeu, em curto mandato que durou apenas dois anos (1983 e 1984). A partir desse período, se iniciava uma nova era no Cruzeiro, de dominância nas eleições, crescimento e institucionalização da Máfia Azul e o início de uma reconstrução também dentro de campo, que resultará em conquistas expressivas durante toda a década de 1990.

No mundo do futebol brasileiro, acabou tornando-se comum em muitos clubes a possibilidade de dirigentes se perpetuando no poder, ficando por muitos mandatos seguidos à frente das instituições, de diferentes maneiras, para que fosse mantida a legalidade de acordo com a constituição de cada entidade. Acima já vimos, no Cruzeiro, como Felício Brandi ficou por mais de duas décadas na presidência.

Se engana quem pensa que os irmãos Perrella foram pioneiros nisso no Brasil. Trazendo exemplos de fora do estado de Minas Gerais, temos a família Natel, muito forte historicamente no São Paulo Futebol Clube há décadas. Laudo Natel, que foi governador do Estado de São Paulo em duas oportunidades, assumiu a presidência do time paulista em 1958 e só a deixou no início da década de 1970, mais precisamente em 1971. Laerte Alves Natel é sobrinho de Laudo Natel, conselheiro vitalício do São Paulo e ainda ativo na administração do clube, além de Roberto Natel, sobrinho-neto de Laudo, que é atualmente vice-presidente do time paulista.

Isso não é algo exclusivo no futebol, longe disso, mas mostra claramente como as relações políticas perpassam outros âmbitos da sociedade brasileira, incluindo o cultural. Laudo Natel foi importantíssimo na história do São Paulo tendo participação marcante na construção do Morumbi, ganhando uma reputação enorme que passa para as gerações seguintes que possuem seu sobrenome e trabalham para manter tal crédito. Luiz Henrique de Toledo ainda conta em “Torcidas Organizadas de Futebol” que Laudo Natel foi um dos fundadores do primeiro agrupamento torcedor do clube, chamado Torcida Uniformizada do São Paulo, em 1940. No Atlético, temos o exemplo da família Kalil, que teve Elias Kalil montando grandes times na década de 1980, enquanto Alexandre fez parte da diretoria durante grande parte do século XXI e assumiu a presidência em 2008.

Outra maneira de conseguir essa predominância no poder é a troca de apoio entre familiares em cada eleição, quando o número de reeleições possíveis é alcançado. Como já mencionado, a família Perrella fez história nos anos 1990 no Cruzeiro e se manteve no poder por longos anos, mas logo antes deles, o Cruzeiro também foi comandado durante nove anos por três familiares se revezando no poder, entre 1985 e 1994: era o reinado da família Masci.

Entre os cruzeirenses, a década de 1980 é conhecida como “década perdida” pela escassez de títulos e períodos de forte crise financeira. Outros preferem ser mais otimistas e dizer que esses anos em dificuldade serviram para aumentar o fanatismo. “Nos anos 1980, o torcedor se torna mais fanático. Eu, por exemplo, na minha sala, na minha sala de colégio, devia ter 40 alunos, 30 atleticanos, 8 cruzeirenses e 2 americanos. Só que esses oito passam a ser guerreiros, precisam né”, conta Paulinho Popeye, membro da Máfia Azul por décadas.

Até que chega 1985 e Benito Masci é o primeiro da família Masci a assumir a presidência do Cruzeiro. “Nós apoiamos o Benito Masci numa eleição e a chapa chamou Máfia Cinco Estrelas. Final de 1984. Posteriormente todas as torcidas apoiaram o Felício e nós apoiamos

César Masci”, disse Paulinho. Benito conseguiu sanear as dívidas do clube e fazer o Cruzeiro voltar a ser competitivo a nível nacional, chegando nas quartas de final do Campeonato Brasileiro em 1986, ficando entre os quatro melhores da Copa União de 1987, alcançando o vice-campeonato da primeira edição da Supercopa em 1988 e faturando o Campeonato Mineiro de 1987.

Em 1990, Salvador Masci tornou-se mandatário, mas nesse mesmo ano ocorreu a eleição mencionada por Paulinho anteriormente, em que César Masci derrotou Felício Brandi, que mesmo com todas as glórias da década de 1970, estava queimado com a torcida. César Masci seguiu o excelente trabalho que fez com que o Cruzeiro fosse um dos times mais vitoriosos da década de 1990, além de também ter boas relações com a Máfia Azul.

A primeira sede nossa é dentro do Cruzeiro... na Guajajaras ali, tinha um espacinho lá, aí o Cesar Masci na época nos serviu esse espaço. Falamos que precisávamos de um espaço para as pessoas se associarem e fazerem as carteirinhas... e na época ali a entrada do Barro Preto e da Guajajaras não tinha acesso ao clube. Hoje se acessa por ali, mas antigamente o acesso era só pela Augusto de Lima. Então aquela entrada ali da Guajajaras, tinha a quadra né, onde a gente jogava pelo Cruzeiro, virava à direita e tinha uma salinha ali e foi a primeira sede. Aí começou o negócio de fazer carteirinha, essas coisas, conta Paulinho.

Novamente aparece, agora pelo lado do Cruzeiro, como o ganho de um espaço que possibilitava maior organização foi vital para as torcidas se desenvolverem, com os clubes e políticos influentes sendo atores fundamentais para que isso fosse possível.

Entrando cada vez mais profundamente nessa ligação entre Torcida Organizada e clube de futebol, é impossível não buscar exemplos fora do Brasil para entender melhor como se dão essas relações e qual o limite entre elas. Aproveitamos a conversa com o francês Jean Marc para saber um pouco de suas experiências enquanto ainda morava na Europa.

Eu participava do grupo mais pesado, que na Europa a gente chama de Ultras. Tinha os Boulogne Boys, que alguns anos atrás foram banidos de frequentar os estádios porque fizeram uma faixa lá que resultou em brigas e violência. Tinha um lado muito político no PSG. Pessoal da extrema-direita... eu não, sou torcedor do PSG e apenas fazia parte, mas tinha um grupinho de hooligans barra pesada que brigava adoidado, que tinha uma tendência um pouco fascista, mas a maioria não. A torcida do PSG é bem complicada.

Trazendo para algo mais próximo da nossa realidade, pensando em América do Sul, temos na Argentina exemplos de fortes relações entre clubes e Torcidas Organizadas. As barras argentinas são, basicamente, as torcidas organizadas brasileiras, porém com níveis de institucionalização maiores e com conexões mais intensas com a política dos clubes.

Gustavo Grabia conta em seu livro-reportagem “La Doce: a explosiva história da Torcida Organizada mais temida do Mundo” que a La Doce, a barra brava do Boca Juniors – doce em português é doze, em alusão a ser um décimo segundo jogador –, um dos times mais tradicionais da Argentina, ficou bastante conhecida dentro do cenário do futebol local não apenas por sua festa dentro dos estádios. O grupo tinha diversos métodos para financiar seu crescimento, passando por uma simples revenda de ingressos e chegando a estacionamentos clandestinos perto de La Bombonera como fonte de renda ilegal. Já com um tamanho considerável, La Doce começou a cativar relações com jogadores e dirigentes, além de poder de fala em brigas internas dentro do clube. Invadir o local de treinamento dos jogadores e realizar intimidação e extorsão também eram práticas recorrentes, além de outros conflitos e casos de violência ocultados do poder público, pois as barras muitas vezes eram utilizadas como massa de manobra por parte de políticos influentes.

Trazendo para um contexto mais recente, é possível citar algo que aconteceu com o Independiente, outro tradicionalíssimo clube argentino, já nessa década, mais precisamente em 2012. A Revista Placar de outubro de 2012 contou que Javier Cantero era o presidente do time de Avellaneda, que passava por momento conturbado e acabou sendo o primeiro clube a levar essa disputa entre diretoria e barras para o noticiário. Como? Bem, um grupo de 30 torcedores invadiu seu escritório solicitando a demissão do gerente de futebol, além de permissão para continuar guardando bandeiras no estádio, cessão de ingressos e também de passagens para viagens. Tudo isso foi negado por Cantero, que bateu de frente com um grupo tão importante e influente poucos meses após assumir a presidência.

No Atlético, existe um caso um pouco semelhante ao que aconteceu no Independiente, durante o mandato de Ziza Valadares:

Cara, nenhum dirigente de clube no Brasil quer ter problema com torcida organizada, ninguém quer. Ele sabe que o que coloca e pode tirar um dirigente de um clube é torcida organizada, igual foi com o Ziza. Quem tirou o Ziza do

Galo foi a Galoucura, os caras invadiram a sede do Galo, chutaram porta, ameaçaram e tal, contou João Paulo, membro da Galoucura.

“Até o Ziza, todas as diretorias que passaram foi catástrofe, o Atlético estava numa draga desgraçada, era mal no campo e mal administrativamente”, continuou. O mau desempenho do clube alvinegro em 2008, no ano do Centenário, foi a gota d’água e Ziza renunciou à presidência em setembro desse mesmo ano:

Você vai ter a política por trás sempre. Na história da Galoucura, o único momento em que não teve repasse de ingresso foi na época do Ziza (...). O impasse, a briga e os protestos foram 100% legitimados pela torcida atleticana, de ir lá e questionar. Aí o Ziza fala que dava ingressos, mas ele dava dez ingressos, a gente vendia esses dez pra virar 20 meias entrada, aí a bateria entrava. O resto a gente se virava... ia pular muro, rodar roleta junto, pedir pra inteirar. Mas nessa época se você analisar bem a Galoucura estava brigando com a presidência, porque o Ziza não tava lá sozinho não, nenhum presidente tá lá sozinho. A gente tem que analisar isso. O Ziza está lá cheio de empresário, político, imprensa do lado dele, então a Galoucura nessa época comprou briga com o Ziza, com esse povo, com a Itatiaia e com a Alterosa. A Alterosa era assim, quase diariamente falando mal da Galoucura, disse Bogus.

Poucas semanas antes da renúncia, Ziza Valadares chegou a revelar ter recebido uma carta anônima que continha ameaças de morte para ele e membros de sua família. Ele declarou que isso não o faria sair da presidência do Atlético, mas após o Ministério Público de Minas Gerais comunicar que iniciaria investigação em parcerias do alvinegro com clubes do interior do estado em negociações que poderiam ter prejudicado os cofres do clube, Ziza não resistiu.

Sobre esse episódio, da carta ameaçadora para Ziza, inclusive, se desenrola uma história bem interessante que nos foi contada por Bogus, sobre um protesto em que, por fim, membros da Galoucura passaram cerca de 12 horas de um dia pelas ruas de Belo Horizonte:

Teve um dia que a gente resolveu protestar contra o Ziza. Praça Sete, sábado, 7h da manhã, a gente já com quase umas 100 cabeças (...). A gente sai andando até a sede do Galo e a polícia atrás. Chegamos na sede do Galo, foi uma época que o Ziza mandou uma carta pro Aécio falando que tava sendo jurado de morte e tal.

Também em bronca com a imprensa, os membros da Organizada não se contiveram em apenas passar na sede do clube, mas andaram por outros pontos da cidade durante todo o dia, chegando ao fim disso tudo na Rádio Itatiaia.

Ainda em 2008, o Atlético convocou novas eleições e ali se iniciava uma nova era dentro do clube. Alexandre Kalil, hoje prefeito de Belo Horizonte, era eleito e, apesar de um primeiro mandato ainda conturbado, entrou na história do Atlético como um dos principais responsáveis pela retomada do clube entre os protagonistas do futebol brasileiro, faturando a primeira Copa Libertadores da história dos alvinegros em 2013 e também uma Copa do Brasil em cima do maior rival em 2014.

Além dos resultados dentro de campo e metas administrativas alcançadas, o relacionamento com as organizadas também melhorou. “Do Kalil pra cá, tem uma conversa muito boa entre torcida e clube”, comentou João Paulo. A popularidade alcançada por Kalil é tão grande que, sem nunca ter concorrido a nenhum cargo político, conseguiu vencer a eleição para a prefeitura de Belo Horizonte em 2016. Esse fator em que membros do esporte aproveitam sua representatividade pública e clamor popular para migrar para o campo político também é um fenômeno bem interessante, seja falando sobre membros da própria Torcida Organizada ou diretores e outros personagens influentes que são, de certa forma, associados aos clubes. Mundinho, por exemplo, foi candidato a Deputado Estadual em 1998. Na Máfia Azul, um dos membros mais icônicos da torcida também chegou a se aventurar na política, o famoso Fubá. Em 2008, foi candidato a vereador em Belo Horizonte. Porém, nenhum dos dois conseguiu ser eleito.

Ao falar sobre dirigentes de clubes mineiros na política, apesar do sucesso atual de Kalil, é impossível não lembrar de Zezé Perrella e seu irmão, Alvimar. Hoje homem forte no Senado, Zezé assumiu essa posição em 2011, justamente seu último ano como presidente do Cruzeiro, após a morte de Itamar Franco – Zezé Perrella era seu suplente. Sempre com uma ligação muito forte com Aécio Neves, ex-governador de Minas Gerais e cruzeirense assumido, os irmãos Perrella permaneceram no poder por 16 anos no Cruzeiro e tiveram vários períodos de glórias, tanto com Zezé, como com Alvimar no comando presidencial.

Como dito anteriormente, a Máfia Azul chegou a declarar apoio à Cesar Masci nas eleições de 1990. Depois, vieram os Perrellas e um ótimo relacionamento, ao ponto que muitos de nossos entrevistados da Velha Guarda cruzeirense os mencionam como amigos pessoais:

Então, quer dizer, a última eleição que o bicho pegou mesmo no Cruzeiro foi a de 1990. Que foi Felício e Furletti contra o Cesar Masci e o Salvador Masci. E foi essa agora (eleição de 2017). Ou seja, tinha 27 anos que o Cruzeiro não tinha uma eleição que rachou o clube, disse Paulinho.

No fim dos anos 1990, já com Zezé na presidência, o Cruzeiro faturou uma Copa do Brasil, uma Copa Libertadores e um tricampeonato estadual entre 1996 e 1998. Em 2000, mais uma Copa do Brasil. Esse bom retrospecto em campo, aliado a toda a força de bastidores e excelente conexão com a torcida, deram um imenso crédito a Zezé, a ponto de eleger seu irmão para ser seu sucessor em 2003. E o que acontece em 2003? De uma só vez, o Cruzeiro fatura o Campeonato Mineiro, o Brasileiro e a Copa do Brasil.

Se dentro de campo tudo ia muito bem, com o passar dos anos, começaram a surgir algumas situações que deixavam dúvidas sobre a gestão dos irmãos Perrella. Em 2006, por exemplo, aconteceu uma manobra política com a Assembleia Geral, que deixou definido que associados do clube não votariam nas eleições para presidente e vice. Os associados da época ficaram limitados a eleger conselheiros efetivos e suplentes, totalizando 476. Ainda foi definido um sistema um pouco complicado para a contagem de votos, em que na eleição de novos conselheiros, efetivos e suplentes, apenas o voto dos seis conselheiros beneméritos, além de 250 natos, seriam valorados – multiplicados por 6 ou 5, respectivamente. Os votos de conselheiros efetivos, suplentes e associados ganharam peso 1. O que isso significa? Ficava bem difícil para a oposição se inserir no grupo de conselheiros, tanto efetivos como suplentes, deixando praticamente impossível uma possível troca de poder.

Dessa forma, Alvimar se manteve no poder até o final de 2008 e Zezé Perrella reassumiu no ano seguinte, ficando na presidência até o final de 2011:

Eu acho que a relação se chama Zezé Perrella. Com Zezé Perrella no Cruzeiro, as torcidas organizadas vão nadar de braçada, entendeu? Ele gosta mesmo, ele compra a causa mesmo, ele dá ingresso, se precisar dá passagem de ônibus, avião. É... teve época que a gente viajava e aí tinha uns problemas na estrada que a galera descia e pegava os negócios dos postos, essas coisas. Então o Perrella, para cortar isso aí, deu dinheiro para comprar, comer na viagem. Então, tipo assim, coisa que ninguém nunca fez, ele fazia, ele faz ainda, disse Rafael, membro da Máfia Azul, reforçando que Zezé sempre prezou por uma boa relação com a Torcida Organizada.*

“E o Perrella é uma coisa... defeito claro que tem, mas que ele é cruzeirense, que sabia lidar... você escutava o Zezé falando... ele banca e assume as coisas, é assim e vai ser assim. Tem outros problemas, tudo bem, mas era assim”, comentou Jean Marc. Zezé Perrella planejava voltar a ser candidato à presidência do Cruzeiro em 2017, mas a Máfia Azul, mesmo com todo esse histórico de bom relacionamento com o Senador, se posicionou oficialmente contra. Alguns escândalos durante seu último mandato mudaram um pouco a visão que parte dos cruzeirenses tem de Zezé, mas ainda assim ele conseguiu ser eleito pelos conselheiros o presidente do Conselho Deliberativo do clube, tomando posse em 2018.

Sobre os escândalos envolvendo o nome de Zezé, em 2004, o Ministério Público de Minas Gerais ficou em alerta após notar um grande crescimento patrimonial nas contas do dirigente, dando início a um processo investigativo. No entanto, ele foi suspenso antes do MP ter acesso à contabilidade do clube mineiro. Anos depois, a Polícia Federal entrou na jogada, investigando lavagem de dinheiro e sonegação fiscal. De lá para cá, a Polícia Federal já fez buscas e apreensões na casa do Senador. Em 2013, novamente o nome de Zezé Perrella ganhou o noticiário, dessa vez porque um helicóptero pertencente à família do dirigente caiu no Espírito Santo com quase meia tonelada de cocaína.

Em 2011, o Cruzeiro vivia um ano terrível dentro de campo. Apesar do título mineiro, a raposa foi eliminada precocemente da Copa Libertadores e fez um péssimo Campeonato Brasileiro, se salvando do que seria seu primeiro rebaixamento na história apenas na última rodada. Em setembro, por exemplo, no auge da crise do Cruzeiro, aconteceu um protesto na porta da Toca da Raposa II, que resultou em um muro pichado com os dizeres: “Perrella safado. Se o Cruzeiro cair, você vai pagar”. Os protestos acabaram em briga entre torcedores e Polícia Militar.

Para se dedicar a sua carreira política e por todo esse desgaste, Zezé Perrella não se candidatou, mas sim apoiou o candidato Gilvan de Pinho Tavares, que venceu com facilidade Alberto Rodrigues, cruzeirense que narra as partidas da equipe na Rádio Itatiaia há décadas. Gilvan, na época, tinha 70 anos e 56 deles dedicados ao Cruzeiro. Foi atleta e também responsável pelo setor jurídico, além de um período como vice-presidente. Tudo correu com normalidade para o candidato da situação: 391 votos contra apenas 48 de Alberto Rodrigues.

Ainda sem o Mineirão em 2012, que passava por reformas para a Copa do Mundo de 2014, o primeiro ano de Gilvan Tavares na presidência foi complicado, atuando no

Independência e sem nenhum título. Depois, mesmo com a volta do Gigante da Pampulha e os resultados dentro de campo, a relação entre o presidente e a Máfia Azul não foi das melhores:

Relação com o Gilvan era zero, mas foi uma postura dele... eu acho assim: o clube não tem obrigação nenhuma de dar ônibus, ingresso, nada, mas ele tinha que ter a consciência que a torcida organizada é importante. Ele tornou uma situação que seria fácil de ser resolvida numa situação insuportável que depois ele que teve que voltar atrás. O que acontece, falaram com ele. Assim, particularmente, não tenho nada contra o Gilvan, sempre me tratou bem, mas são coisas que às vezes você pode evitar e ele não teve essa consciência, contou Paulinho, conselheiro do clube.

O fator chave para esse rompimento foi, definitivamente, a briga entre membros da Máfia Azul e da Pavilhão, outra Torcida Organizada do clube, em 2013, no evento que era para ser a festa do título brasileiro. A maior Torcida Organizada do Cruzeiro, apesar da rixa com Gilvan, tem consciência de que esse acontecimento não poderia, de fato, ter passado em branco:

O Gilvan era um cara que tinha muita resistência à torcida organizada. Porque... acaba também que as torcidas não ajudaram, né. A gente tem essa ideia também. Pô, tem uma festa lá para o time ganhar, tinha dez anos que o time não ganhava o campeonato. Os cara brigam na festa, tipo assim... Bota fé? Então acaba que... acaba que ficou uma imagem negativa demais da torcida, disse Rafael.*

Apesar de também estar entre um dos presidentes mais vitoriosos da história do Cruzeiro, com dois títulos brasileiros, uma Copa do Brasil e um campeonato estadual, Gilvan viveu muitos momentos de baixa nessa relação com a torcida, tanto pelo rendimento ruim dentro de campo, caso de 2015 e 2016, como por outros motivos. Um deles foi sua decisão de se candidatar a Deputado Estadual em 2014. Gilvan não conseguiu ser eleito, apesar de sua visibilidade. Jean Marc explica:

Ele foi eleito presidente com apoio dos Perrellas e falou que não tinha pisado no Cruzeiro por política... mas anos depois o que ele faz? Se lança candidato a deputado. Só que o cruzeirense não é bobo não, o torcedor não é bobo não, ele não foi eleito. O Perrella pelo menos nunca falou que não ia ser trampolim pra política.

É perceptível como as relações entre clubes e suas Torcidas Organizadas foram mudando com o passar do tempo. Primeiro, relações regidas por incentivos para que as torcidas conseguissem se estruturar. Depois, a partir do momento que Máfia Azul e Galoucura já estavam estabilizadas como instituições fortes e relevantes dentro do cenário local futebolístico, uma vinculação mais ligada a regalias, relações entre dirigentes e diretores, alguns momentos conturbados e a necessidade de protesto nos momentos ruins.

Conflitos internos e suas consequências

Durante as entrevistas, questionamos os torcedores sobre as relações com outras torcidas do clube e os entraves ao crescimento das principais Torcidas Organizadas durante suas trajetórias. Sobre as desavenças, as respostas foram unânimes: como Máfia Azul e Galoucura acabaram se firmando como as maiores organizações torcedoras de seus respectivos clubes, as outras, por vezes, demonstraram “ciúmes” que desencadearam pequenos embates de ideologia entre as entidades.

Além do mais, falando de um modo geral, muitas torcidas organizadas que ganham relevância no cenário local têm em seus fundadores e principais diretores ex-membros de Máfia Azul e Galoucura. São as chamadas dissidências. “A Pavilhão é uma dissidência da Máfia Azul. A própria TFC [outra Torcida Organizada do Cruzeiro] são meninos que eram da Máfia Azul”, disse Paulinho.

Dentro das torcidas do Cruzeiro é muito fácil identificar algumas diferenças de comportamento entre elas, apesar das origens. A Torcida Fanáti-Cruz (TFC), por exemplo, busca uma conduta semelhante às barras argentinas, com músicas mais lentas e total apoio apenas ao clube, sem cantos próprios para exaltar a organizada.

A partir do momento que você consegue institucionalizar a Torcida Organizada, a busca pelo poder dentro dela também acaba virando ponto a ser levado em consideração. Durante boa parte de suas respectivas histórias, principalmente nos anos 1990, Máfia Azul e Galoucura conseguiram a manutenção do quadro de diretores tradicionais, passando apenas por mudanças em momentos inevitáveis da vida pessoal dos envolvidos. “Era democrática (a escolha do presidente). Ninguém nunca questionou. O Mundinho sempre foi o presidente que ele era e sempre fazia mesmo, era uma liderança que não tinha oposição e aí também ele trabalhava junto o dia inteiro”, disse Léo James.

No entanto, a Galoucura apresenta um evento em especial que reforça como a busca pelo poder estará sempre presente a partir do momento que existem uma série de interesses por trás de tudo isso. Como mencionado, Mundinho se afastou da presidência da Galoucura em 1998 para se dedicar a sua campanha eleitoral, com Léo James e Melão se tornando as referências no comando da Torcida Organizada. Com essa liderança dividida, a consequência foi um ambiente um pouco mais democrático dentro da Galoucura, com as brigadas ganhando mais voz nas tomadas de decisão. “Demos uma descentralizada, com um grupo tomando as decisões”, comentou Léo James.

A torcida conseguiu continuar com boas arrecadações mesmo com o afastamento de Mundinho, graças, principalmente, à venda de material. Tal descentralização mencionada por Léo James, aliada a uma contínua prosperidade financeira da entidade, continuava a chamar a atenção de outros torcedores que, por trás da diretoria principal, começaram a visitar as brigadas de outros bairros com a finalidade de agregar torcedores, criando uma oposição. A alegação à época era que os diretores roubavam dinheiro da Galoucura.

Um dos articuladores da manobra era inclusive homem de confiança de Léo James e Melão, sendo responsável pela venda de material na sede da Galoucura. Léo James explica:

Ele que vendia e anotava e ele foi um dos que foi pros bairros falar que a gente tava roubando. Ele que tomava conta do negócio e teve gente que acreditou nele (...) Aí fizeram eleição e escolheram o presidente que era deles lá mesmo e de repente avisaram. Só que eles fizeram tudo escondido, só com o pessoal que eles já tinham conquistado. Aí eu e o Melão não entregamos de bandeja não.

A única maneira que Léo James, Melão e Mundinho encontraram para se manter no poder foi por meio de ações judiciais. “Acabamos até tendo que ir na justiça e teve até processo, teve audiência e tudo e deu pra gente o direito de ficar lá”, disse Léo James. Léo James e Melão fizeram questão de lutar até o fim pela manutenção do comando da Galoucura, mas esse foi um divisor de água para os dois. Mesmo com a vitória judicial, chegaram à conclusão que o desgaste em conduzir a entidade era grande e estava atrapalhando a vida pessoal dos mesmos, que tinham uma carreira profissional para levar adiante. O curioso? Os próprios torcedores que antes tentaram tomar a liderança da torcida finalmente conseguiram o que queriam. “Chegamos lá um dia, deixamos a chave e essa galera tomou conta”, concluiu Léo James.

É fascinante perceber o nível de relações políticas e relacionadas ao poder que as Torcidas Organizadas tiveram ao longo de toda a sua trajetória. Começando por uma simples necessidade de fundos para sobrevivência e crescimento, esse fenômeno só se expandiu na medida que as entidades começaram a ter considerável influência no âmbito futebolístico e social. Como veremos a seguir, o cenário atual das torcidas foi moldado a partir de muitas dessas relações.

Cenário atual e novas torcidas

Marco Túlio Bayma

O cenário do futebol, não só brasileiro, mas mundial, se modificou imensamente desde os anos 1990. No caso europeu, principalmente na Inglaterra, havia muita pressão pública e da grande mídia para o fim do *hooliganismo* desde o início dos anos 1980. Depois de vários incidentes como o incêndio no estádio de Bradford, em 1985, quando 56 torcedores morreram; os conflitos entre torcedores italianos e ingleses no estádio de Heysel, Bélgica, também em 1985, que deixaram 39 mortes e cerca de 600 torcedores feridos; e, por fim, a tragédia de Hillsborough, em Sheffield, quando 96 torcedores morreram pisoteados e outros 400 ficaram feridos no que é considerado até hoje o pior desastre da história esportiva inglesa, o poder público, em conjunto com os clubes e empresários, decidiram reformular as estruturas do futebol inglês. Alterações importantes como aumento do preço do ingresso para bancar as reformas dos estádios, perseguições e punições aos torcedores, cobertura televisiva no modelo *pay-per-view* e outros acarretaram em alterações profundas na forma de se consumir e apreciar o futebol.

Especificamente no Brasil, a mesma tendência teve seu início nos anos finais da década de 1990 e começo dos anos 2000. Dois elementos que são quase indissociáveis e que também estavam presentes na questão inglesa são: a implementação do modelo de campeonato por pontos corridos e o consumo deste via *pay-per-view*.

Vários modelos foram testados desde os anos 1970 no Brasil, porém, em sua maioria, tinham como fase decisiva o “mata-mata”, com eliminação direta após confronto em dois jogos. A partir de 2003, houve a estabilização de um modelo que dura até os dias atuais. A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) definiu a adequação dos campeonatos de elite brasileiros à fórmula inglesa de pontos corridos: realizado em dois turnos de 19 rodadas em ida e volta. A equipe que mais somasse pontos ao longo do campeonato era campeã do torneio. Assim como na Inglaterra, em conjunto com as mudanças dos campeonatos de elite, houve uma intensificação do modelo de transmissão dos jogos via *pay-per-view*. A TV Globo já detinha os direitos de

transmissão desde 1997, quando o serviço começa a operar no país, porém, o contrato foi reformulado a partir de 2003.

Rômulo Reis, que estudou a fundo as mudanças na organização do Campeonato Brasileiro em seu trabalho de mestrado, afirma que o sistema de pontos corridos seria supostamente capaz de otimizar a capacidade dos clubes em faturar receitas ao longo do ano, pois um clube participante da Série A, por exemplo, conseguiria realizar jogos e participar de competições durante toda a temporada, captando contratos de patrocínio e cotas de TV mais vantajosos. Arlei Damo, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisador da área de antropologia e esporte, explica, por sua vez, que o sistema foi adotado em função também do lobby da Rede Globo que via vantagens no modelo de pontos corridos. “A grande vantagem da televisão quando se adota essa modalidade de disputa é a definição do calendário dos jogos, do início ao fim do certame, o que acarreta não apenas facilidade no planejamento da programação, mas também a venda de pacotes aos torcedores”, afirma Damo em estudo sobre o assunto.

Em consonância a adoção do sistema de pontos corridos, bem como na intensificação da distribuição dos jogos via *pay-per-view*, houve potencialização e a legitimação do argumento reformista estrutural do futebol brasileiro. O padrão buscado continuou sendo a Inglaterra e Europa como um todo, porém legitimado e cobrado internacionalmente pelo órgão máximo do esporte, a FIFA (Fédération Internationale de Football Association). Conhecido como “Padrão Fifa” se refere à estrutura arquitetônica dos estádios reformados ou novos, denominados como “Arenas”.

O Padrão FIFA e a arenização dos estádios de Belo Horizonte

Em Belo Horizonte, por exemplo, a primeira reforma do Estádio Mineirão ocorreu em 2004 para o jogo entre Brasil e Argentina, válido pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2006. A FIFA exigiu que o estádio se enquadrasse aos padrões internacionais impostos pela mesma. Foram investidos cerca de 8 milhões de reais para a instalação de cadeiras vermelhas no anel superior do estádio. Quatro anos mais tarde, outra modificação: a substituição dos telões do

estádio, também por exigência da FIFA, para receber outro clássico entre Brasil e Argentina, mas desta vez, válido pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2010.

Porém, mudanças mais profundas e amplas ocorreram nos estádios brasileiros a partir da realização de grandes eventos esportivos. A promoção dos “XV Jogos Pan-Americanos” em 2007 no Rio de Janeiro, bem como os “Jogos Olímpicos de Verão de 2016” também na cidade carioca e a “Copa do Mundo FIFA 2014” em todo país, fizeram com que fosse praticamente inevitável a reforma e construção de estádios de maneira mais ampla, além da criação e/ou adaptação infra-estrutural das cidades participantes.

As edições mais recentes desses jogos, principalmente a “Copa do Mundo FIFA”, priorizaram sedes que até então não possuíam a infra-estrutura ideal para a realização dos eventos (África do Sul, em 2010, Brasil em 2014, Rússia em 2018 e a próxima edição no Catar, em 2022). Assim, toda uma movimentação operária para aparelhar as sedes foi montada. Na África do Sul e no Brasil, alguns dos legados gerados às cidades são gigantescas infra-estruturas com alto preço de manutenção e que em muitos casos têm pouca utilidade social local.

A instalação de cadeiras sobre as arquibancadas, bem como de toda uma estrutura específica para imprensa, acessibilidade, internet, camarotes e outros, dos principais estádios do país – os participantes da Copa de 2014 – foi a responsável por um grande efeito dominó. Oficialmente, o Brasil foi eleito sede da Copa em 30 de Outubro de 2007. Assim, o processo de implantação da infra-estrutura das cidades devia ser programada. Novamente, tomando como exemplo Belo Horizonte, Cruzeiro e Atlético, equipes que mais jogavam no estádio Mineirão, teriam um prazo para atuar no campo (até 6 de junho de 2010 - data de fechamento do estádio para reforma). Dessa forma, o projeto em Minas Gerais foi o de atualizar outros estádios da região para comportar as partidas dos dois principais clubes do estado enquanto o Mineirão permaneceria fechado para a reforma.

O efeito dominó fez com que houvesse a modernização do Estádio Joaquim Henrique Nogueira, a Arena do Jacaré, localizada em Sete Lagoas, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte (cerca de 70 km de distância da capital). O estádio, construído em 2006, foi reformado apenas três anos depois, em 2009, recebendo cadeiras. Pronto para receber Cruzeiro e Atlético enquanto o Mineirão estava fechado, a Arena do Jacaré hoje é praticamente inutilizada.

Todo o processo reformista atingiu diretamente os torcedores dos clubes mineiros. Tanto os que são de Sete Lagoas, quanto os da capital que precisaram se deslocar para acompanhar os times. Os torcedores organizados principalmente, pois eles são a maioria que viajam junto às equipes para apoiá-las fora de seus domínios. Rafael*, torcedor da Máfia Azul e natural de Sete Lagoas, comentou a experiência de ver seu time do coração em sua terra.

[...] eu moro aqui (em Belo Horizonte). Minha família inteira mora lá (em Sete Lagoas). Mora eu e minha mãe aqui e minha família toda lá. Então, assim, foi muito bom, né, pra cidade [...], uma honra você tá... seu time jogando na sua cidade natal, que pouca gente conhece. A maior goleada, o 6 a 1, foi lá, então você fica meio que lisonjeado, honrado e tal. [...] Aí eu me aproximei mais ainda. Nesse ano eu ia até em jogo sub 15 em Sete Lagoas, do Cruzeiro, eu tava indo. Tudo que tinha eu tava indo. [...].

Além de todo o incômodo dos torcedores de Cruzeiro e Atlético viajarem por 140 km (ida e volta para Sete Lagoas) para assistirem seus times atuando como “mandantes”, outros problemas naturalmente acompanhavam-lhes. O torcedor organizado tem outras responsabilidades além de ver o jogo e torcer, como levar os materiais da torcida e questões de sua vida pessoal. O relato de dois integrantes da Galoucura mostram o desânimo para o deslocamento, primeiro Fred e depois Bogus:

Em 2011, o Atlético começou a jogar em Sete Lagoas. Aí eu já falei: ah... não dá pra mim mais, deslocar pra Sete Lagoas, outra cidade, ... [...] O colégio começou a apertar, aí, segundo ano, terceiro ano, eu falei: ah... acho que agora é melhor dar um tempo e depois quem sabe, se sobrar tempo, eu volto.

[...] como que o cara vai pra Sete Lagoas? Um jogo de Copa do Brasil, 22h30 da noite, é uns doido igual nós que ia. Chegava lá, beleza, o jogo acabava meia noite e meia, 1h, aí tinha o trânsito pra sair de lá, você chegava aqui 2h30, 3h e o Galo enganando. Eu falo que o Galo nos engana, pra chegar e trabalhar no outro dia. E pra Torcida Organizada então, tem que guardar material, é o último a sair, vai pra sede, deixa o material.

Outro estádio importante que participou do processo de modernização é o Estádio Raimundo Sampaio, o Independência. O campo foi construído para a Copa do Mundo de 1950 e praticamente todo demolido para uma grande reforma em janeiro de 2010. Da estrutura original pré-reforma foi aproveitado apenas o vestiário. A entrega do Independência ocorreu em abril de 2012 e hoje recebe jogos tanto de Atlético quanto de América.

A relação dos torcedores com o Independência é completamente diferente de Sete Lagoas. Se o deslocamento nesse período não era um problema (o estádio fica na região Leste de BH, no bairro Horto), o modo de se torcer foi modificado. É importante frisar que mesmo após a entrega do Mineirão (em dezembro de 2012), o Atlético preferiu continuar mandando seus jogos no Independência. O argumento da diretoria é baseado nos altos custos de manutenção do Mineirão.

Entre vantagens monetárias para o clube, a dinâmica do torcedor organizado em Belo Horizonte acabou sendo alterada, tanto da Máfia Azul quanto da Galoucura. Os torcedores do Atlético, claro, são mais suscetíveis à mudança por atuarem por mais vezes no estádio. Um bom exemplo é o tamanho do espaço destinado à Galoucura. Se a lotação do Mineirão, antes da reforma, era de cerca de 70 mil torcedores, o Independência pós-reforma tem a capacidade para 23 mil. JP e Fred, ambos da Galoucura, falaram sobre o impacto do Independência na torcida:

A gente tinha esse problema, virou um problema grave, a gente lembra da Galoucura no Mineirão, portão 9 e 12, agora o espaço do Independência é desse tamanhozinho e a Galoucura não enche aquele espaço. [...] Essa modernização do futebol acabou com a torcida do Atlético.

Acho que essa questão de colocar no Independência, também, como são dezoito mil, vinte mil pessoas acaba que limita o número de pessoas que vão lá no portão seis. O especial Ismênia atrás do gol ali. [...] Na época (que o Atlético jogava no Mineirão) também, é... a Galoucura acho que recebia uma cota de ingressos da diretoria. Acho que 10% assim... Aí como o Mineirão, naquela época era, cabiam sessenta mil pessoas, coloca 10%. Seis mil ingressos. Nada pro estádio, mas era um número relevante em relação ao Independência. O Independência é vinte duas mil pessoas. Vamos supor que a Galoucura tivesse 10%, é duas mil e duzentas. Uma coisa é você ter duas mil e duzentas pessoas participando ali, ganhando ingresso, contribuindo ali, ajudando. E seis mil pessoas dentro do Mineirão ajudando.

Clássicos de torcida única

Com a mudança definitiva do Atlético para o Independência, outras medidas nessa mesma linha de modernização do esporte influenciaram na dinâmica das Torcidas Organizadas. Uma medida importante desse processo é a realização do Cruzeiro x Atlético ou Atlético x Cruzeiro em torcida única ou com apenas 10% da carga de ingressos para o visitante. A decisão é tomada sempre em conjunto, em tradicional reunião entre diretorias de Atlético e Cruzeiro, Ministério Público, Polícia Militar e Federação responsável pelo campeonato. As Torcidas Organizadas são apenas informadas da decisão, que vem de cima pra baixo. Na tentativa de inseri-las minimamente no processo, elas são convidadas para debate sobre a logística de transporte dos visitantes no dia do jogo. Porém, apenas para consideração, pois a logística é padrão e quase todas as decisões já estão tomadas. Rafael* comentou em duas oportunidades sobre essas reuniões:

[...] essa definição (de porcentagem das torcidas em clássicos) ela, ela já é feita já pelo Ministério Público e pelas autoridades, entendeu? Então, meio que de alguns anos pra cá, todos os clássicos são de 10%. Exceto aquele clássico que teve lá para a reinauguração do Mineirão e o clássico da (Primeira) Liga que tava tendo. Esses foram 50-50. O resto é tudo 10%. E como que funciona: as torcidas só são chamadas pra discutir como que vai ser o deslocamento para o jogo. Mas o deslocamento já é meio que padrão, entendeu? Sede da maior organizada do time visitante, polícia desloca com os ônibus que a BHTrans cede, a torcida toda. Então não é só a Torcida Organizada, qualquer torcedor que vai ir também com a escolta da polícia. Deixa no estádio e cerca de 1 hora ou 40 minutos depois do jogo leva de volta pra sede da torcida. Então é basicamente isso, entendeu? Então não tem negociação sobre.. é, 10% ou não. Na verdade, os clubes têm esse poder, entendeu? Então assim, tava tendo um acordo, tão tentando chegar em outro acordo de clássico meio a meio. Aí as diretorias dos clubes têm esse poder, mas as torcidas em si não tem nenhum poder quanto à isso.

Tem a reunião com a polícia, das torcidas e tem a reunião com a Federação Mineira. [...]. A gente joga sugestões pro Cruzeiro lá, e tal. Igual, o Cruzeiro levou lá a demanda de levar faixas, bandeiras, essas coisas pro clássico. Aí não foi liberado, mas colocaram essa demanda lá na reunião, entendeu? Essa é a ideia assim que a gente tem e tal.

Toda essa questão do poder público decidir sobre as dinâmicas dos torcedores em conjunto com os clubes não é feito apenas em Belo Horizonte. Em estados como Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro alterna-se clássicos com 10% de torcida visitante e torcida única. Porém, dados apresentados pelo site *Ludopédio* mostram que apesar das confusões entre torcedores rivais funcionarem como argumento principal para diminuição da torcida visitante, a quantidade de brigas e violência não foi diminuída.

No Campeonato Estadual Baiano de 2018, por exemplo, torcedores do Bahia foram limitados a 10% no primeiro clássico do ano. Porém, brigas dentro e fora de campo não foram evitadas. Em Goiás, os jogos entre Vila Nova e Goiás vêm sendo feitos em torcida única. Mas, também no início de 2018, um torcedor do Goiás foi baleado e morto a 4 km do estádio. Ou seja, a situação de torcedores em jogos grandes como esses não deve ser preocupação apenas dentro do estádio, como em toda a logística de transporte e demais situações sócio-culturais que envolvem os clássicos.

Voltando à Belo Horizonte, Fred deu um exemplo de deslocamento das torcidas nos dias de clássico no Independência. O esquema adotado e passado nas reuniões mostra a alteração da rotina dos torcedores para se adequar às normas.

[...] aí foi em dois clássicos, essas duas finais do mineiro (de 2018). É, nessa primeira, eu cheguei era oito e meia, era a sede da Galoucura, o jogo era quatro horas, pra você ter noção. Parece que tem umas regiões mais no interior, que saem de lá cedo pra pegar o ônibus. Aí geralmente reencontram todas as regiões: Nordeste, Leste, Noroeste, Zona Norte, Itabirito, Betim, Contagem... [...] Geralmente clássico, porque eu acho que clássico é uma mobilização maior da torcida. E tem todo o esquema de segurança. A polícia fala: Vamos sair duas e meia escoltado. Aí esse clássico do Independência, o primeiro jogo da final, que o Atlético ganhou de três a um, é... eu lembro que a gente saiu, eu tava lá desde oito e meia, nove e meia, a gente saiu de lá era duas e meia, duas horas... Porque a torcida do Cruzeiro já tava no estádio, então a gente saiu depois que a torcida do Cruzeiro já tava lá no Independência. Aí a gente caminhou do Bonfim, com escolta da polícia, com todos os carros escoltando. Tinha carro da Galoucura também, pessoal que carrega instrumento, faixa, essas coisas, o pessoal tava sendo escoltado também com o material. Aí foi uma caminhada mais ou menos de

uma hora, por aí... Porque assim, acaba que ah, espera juntar todo mundo, aí vai. Ah... carro passando, faz a escolta, arreda um pouquinho pro lado pra passar. Eu lembro que a caminhada foi: Bonfim, aí aquela Pedro II, a gente passou o túnel ali... [...] Aí esse jogo no Independência foi Bonfim, Pedro II, da Pedro II subindo nós fomos por aquele túnel lá, de acesso ali no centro, pela Cristiano Machado. Aí passou o túnel da Cristiano Machado já tem uma viradinha pra Jacuí a direita, que ali já é a... Se não me engano é a Pitangui. Já tá dentro da Pitangui [rua de acesso ao estádio].

O primeiro clássico depois que o Mineirão foi fechado para reforma ocorreu no dia 1º de agosto de 2010 na Arena do Jacaré. Ficou acordado entre as diretorias de Atlético e Cruzeiro que esse seria de torcida única, no caso, do Atlético, e o seguinte, em 24 de outubro, exclusivo do Cruzeiro. Dessa data em diante, a maioria dos confrontos entre os rivais vem sendo com apenas 10% da torcida visitante. O motivo dado para a medida foi “Questões de segurança”, independente das partidas acontecerem na Arena do Jacaré, no Independência ou até no Mineirão. O argumento de “segurança” permanece, como nas situações já mostradas de Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e também Goiás e Bahia.

Em dias de clássico em Belo Horizonte, a segurança dos torcedores é uma questão bastante polêmica. Não é incomum vermos a mídia noticiando confusões entre torcedores organizados rivais em pontos descentralizados da cidade ou até região metropolitana. Se as medidas tomadas pelas autoridades para aumentar a segurança em dias de clássico realmente diminuíssem a violência, não teríamos acesso a esses relatos frequentes. Bernardo Buarque de Hollanda, professor da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro e pesquisador que se dedica à temática do futebol, explora no trabalho “Das Torcidas Jovens às Embaixadas de torcedores: Uma análise das novas dinâmicas associativas de torcer no Futebol Brasileiro” justamente o deslocamento da violência dos estádios para seus arredores e áreas periféricas da cidade:

A violência permaneceu como uma preocupação constante entre as autoridades. À medida que os mecanismos de repressão e vigilância se intensificaram no interior das arenas esportivas, verificou-se a tendência à irradiação dos conflitos para os arredores e até mesmo para os perímetros urbanos mais afastados dos palcos do jogo.

A intensificação da vigilância nos estádios faz com que as confusões se afastem desses palcos, como expresso por Hollanda. As diretorias das Torcidas Organizadas parecem ter noção dessa descentralização e buscam conter alas mais descentralizadas da sede, além de orientá-las nas redes sociais a cumprir o acordado na reunião com o poder público. No entanto, alguns eventos, ditos ocasionais, não são evitados, como presente na fala de Rafael*.

Tipo assim, todo dia antes de clássico, a gente tem que tomar cuidado, pra entrar lá na comunidade lá no Facebook, tem a nota da torcida, escrito: ô gente, é pra vir pra sede, ir escoltado da sede, com a polícia. Porque se acontecer alguma coisa no meio do caminho, a culpa é da polícia, não da torcida. Agora, se você vai, pega seu bonde, Nova Lima e vai pro Independência sem escolta... fatalmente nesse caminho você vai encontrar com cara da Galoucura e o pau vai quebrar. Aí a culpa é da torcida. Aí é punido, entendeu? Então tem que evitar mesmo, fraga?

A Polícia Militar, responsável pela manutenção da segurança nos clássicos, atua de forma contestada pelos torcedores. A forma com que é posta em prática a logística acordada traz discordâncias pela violência desnecessária em momentos específicos. De acordo com relatos, a maior preocupação parece ser com a torcida visitante nos dias de clássico. Por estarem em número reduzido, teoricamente os torcedores têm maior exposição frente ao rival. Portanto, um maior contingente da PM é usado para conduzi-los até a área de torcida visitante. Porém, parece que a regra é que isso não seja feito de forma pacífica, como dito por Fred e duas vezes por Rafael*, respectivamente:

Este ano (2018), na final do segundo jogo do Mineiro, é... a Galoucura, as torcidas do Galo, em geral, são colocadas no Mineirinho, quando são 10%. E passa por cima, por aquela, como é que chama... tipo uma passarela. Só que, como é 10%, tá todo mundo lá aglomerado, e é uma dificuldade danada, porque tem que subir escada. Aquela acessibilidade pra torcida do Galo ali é terrível. Assim, o lugar é bom, o Mineirinho é bom, mas a acessibilidade lá é terrível. Aí foi dando duas e meia, três horas, a galera já foi começando a agilizizar e tal no estádio. Aí, eles não abriram o portão todo para entrar nas catracas. Não era nem nas catracas, era tipo um primeiro acesso que você tem, aí depois você entra na catraca lá na frente. Eles querem saber se ingressos e tal pra você entrar. Pra subir a passarela. Aí, é... sei que tinha muita gente poucas pessoas pra

olharem. Aí o empurra, empurra, vamos ser campeões, aquele negócio todo, confusão. Tinha criança, tinha velha e tal... aí eu falei: o véi, e a polícia meio puta, aí eu falei: vamos acalmar e tal, vamos parar com isso. E a polícia sem dó nem piedade, sem... sei lá. Foi terrível, eles pegaram spray de pimenta e tacaram em todo mundo. Então eu cheguei no estádio e aquele spray de pimenta, não sei quanta química tem naquele trem, véi, que é bizarro. Seu olho fica queimando, sua cara fica toda vermelha, não pode coçar o olho de maneira alguma, não pode jogar água que queima mais ainda... Foi o pior primeiro tempo que já vi dos jogos, véi... tomei spray de pimenta de graça, muita gente tomou spray de pimenta, criança sendo... meio que amassada ali, sabe? Acho que esse sistema de controle da polícia e do pessoal da administração do Mineirão tem que ser melhor nesses jogos de 10%. Porque 10% é terrível, porque é só o cara que vai pra torcer. É o atleticano mesmo. Eu costumo falar que 10% tanto do Cruzeiro quanto do Galo, é aquele cara que tá lá independente do que acontecer, o cara tá lá pelo Galo. Falar 10% é a mesma coisa, o cara vai é cantar.

[...] acaba que se você tá com uma camisa da Máfia Azul e você com uma do Cruzeiro, o cara já te revista diferente. Para começar. [...] Já te olha diferente. Então, assim, acaba que se você é tratado como um animal, você responde como um animal, entendeu? Independentemente da sua classe social, de qualquer coisa. Igual eu tava contando para eles que agora eu conheci uma menina [...] e ela é fanática pelo Cruzeiro. Só que ela nunca tinha ido em clássico no Independência, porque, querendo ou não, a mídia acaba que divulga que é violência, é briga e tal.

Aí, tipo assim, acaba que a relação com a polícia, é que eu acho que é uma relação de autoridade, entendeu? Então, tipo assim, pode falar nada que o cara vai te bater [...] Amedrontar mesmo, entendeu? [...] Você paga um tanto de imposto já, então aí beleza, o policial... Falei: “Eu tô organizando aqui e tal. Então vou te ajudar, vei... Galera, não vai quebrar o ônibus, vamos pagar passagem”, tipo assim, de boa e tal. Aí o policial: “Pode entrar e pagar passagem! Se abrir a janela nós vamos jogar spray de pimenta.”. Tipo assim, fraga? [...] É, aí, tipo assim, na revista também, [...] batendo forte mesmo e tal.

A reforma nos estádios em Belo Horizonte, portanto, também gerou uma reforma em todo o contexto do futebol na cidade. Além das modificações já apresentadas, talvez o aspecto mais autoritário e que deixou um forte legado foi o aumento do preço do consumo no estádio. Não só o valor dos ingressos, mas toda a estrutura nova e de maior conforto oferecida. Os reflexos na torcida, de modo geral, foram imensos e os próprios torcedores comentaram

naturalmente os impactos, não só financeiros, para o público presente no estádio. Os relatos de Fred e os dois finais de Rafael* são demonstrações claras disso:

[...] acho que essa elitização do futebol, essa modernização do futebol, essa colocação de preços elevados da torcida, acaba afastando um pouco essa galera que queira ou não, da Galoucura, é uma galera que não tem um poder aquisitivo tão grande. Então, isso aí acaba afastando um pouco a torcida. Então, não é o mesmo perfil de torcida que tem lá. No portão 6, ainda tem aquela, eu digo que resistência. Aquelas pessoas que continuam lá, continuam torcendo, com todas as dificuldades, mas continuam torcendo.

[...] pra mim, quarenta reais pra sociedade que a gente vive, o cara quer ir em todos os jogos, é muito dinheiro. Então, tipo assim, mais dez reais de passagem ou trinta de estacionamento, comida. [...] Então, tipo assim, meio que você consome cem conto em dia de jogo no Mineirão fácil, sem pensar. Então acaba que você tem que, acaba que futebol moderno, pra mim a Copa do Mundo foi horrível pro Brasil. Tipo assim, pobre não foi pro jogo, é... os estádios, beleza, melhorou a comodidade, mas quem vê jogo sentado ali no C superior? Ninguém. [...] Ver jogo em cima da cadeira, aí quebra a cadeira e a culpa é do torcedor. Não é do engenheiro que não pensou lá que não dava pra por uma cadeira naquele setor não. Então, tipo assim, acaba que criou toda uma... querem transformar o futebol em um teatro, [...] isso é um fato. Querem, mas acaba que a gente tenta ser a resistência ao futebol moderno. Já fizemos várias caminhadas em dia de jogo do Del Rey até o Mineirão, com faixa, só que já foi proibido também. Bandeira: Somos a resistência ao futebol moderno, é, a TFC mesmo tem faixas que fica, tipo, em cima assim: Celular xis (riscado), sofá xis, ver jogo sentado xis, cantar ok. Entendeu? Então, tipo assim, coisas que a gente tenta resgatar a cultura né? Mas quando ela tá implementada ali, o sistema acaba que vai levando e quando você vê você já tá lá no meio já.

[...] o cara que é do interior, por exemplo, antes ele vinha com trinta reais. [...] E ainda sobrava dinheiro ainda. É, aí o cara da Máfia: Hoje eu não tenho dinheiro pro 3 e 6 não, então eu vou de geral, cinco reais. Assim, cinco reais não é nem um jogo de categoria de base hoje em dia.

O discurso contrário à “modernização do futebol” para alguns pode soar como radical. Porém, devemos considerar que essa rigidez na oratória dos torcedores se dá pela agressividade das mudanças no esporte e pelo modo radical com que foram impostas. De forma autoritária,

diversas medidas, algumas mostradas neste capítulo, foram tomadas e a reação natural causada também foi radical.

A postura defensiva dos torcedores para lidar com questões relativas à modernização tem suas justificativas nas próprias narrativas apresentadas por eles. Com o Atlético atuando no Independência e o Cruzeiro no novo Mineirão, o custo para ir ao estádio foi ampliado, como mostrado.

A partir da implementação das novas “Arenas”, o custo direto dos ingressos aumentou bastante. A fim de garantir uma “renda fixa” no fim da temporada e que torcedores (que pudessem pagar) mantivessem a ida aos estádios, as diretorias de Atlético e Cruzeiro aplicaram a metodologia de venda de ingressos por temporada. O programa “sócio-torcedor” tem várias possibilidades, de um valor anual (dividido ou não em parcelas mensais) com todos os jogos inclusos, a uma porcentagem de desconto no preço de ingressos avulsos ou apenas a prioridade de compra dos bilhetes sem entrar em filas.

Como, obviamente, isso não era acessível para os Torcedores Organizados, diretorias de Atlético e Cruzeiro resolveram fazer planos especiais para eles. No caso do Atlético, cartões “Galo na Veia” especiais para Torcidas e, no do Cruzeiro, a possibilidade de se pagar via boleto bancário, também exclusiva das Organizadas. O Cruzeiro também oferece ingressos pela metade do preço para as Torcidas Organizadas, de acordo com a demanda passada dias antes. Rafael* e JP citam como funcionam essas dinâmicas.

[...] jogos em casa o Cruzeiro facilita. Então, como muita gente não tem sócio... pega pela metade do preço. Igual o último clássico, os clássicos do Independência pra evitar confusão na fila, então é só mandar a demanda pro Cruzeiro e o pagamento que eles mandam os ingressos pela metade do preço. Independentemente se é estudante ou não, então assim, já facilita bem né. [...] O sócio hoje em dia só aceita cartão ou dinheiro a vista. Aí se você é da torcida, você consegue pagar boleto. [...] Você tem que demonstrar que tem a condição de pagar o boleto por 12 meses, entendeu? Porque o que acontecia era que o cara fazia o boleto, aí o Cruzeiro começava a perder aí o cara ficava inadimplente. Aí o Cruzeiro tomava prejuízo, entendeu? Aí, por isso, que eles fizeram com cartão de crédito ou com dinheiro à vista. Mas, por exemplo, eu junto meu dinheiro todo ano. Pra no final do ano eu renovar meu sócio. Porque eu quero ajudar o Cruzeiro, entendeu? Então eu acho que, tipo assim, se eu pagar à vista e tiver a condição é melhor que eu pagar com boleto.

Hoje pra você ter ideia, os ingressos pra torcida do Atlético tem uma opção de sócio Galo na Veia Torcida. [...] É um cartão do Galo na Veia com o logotipo da Galoucura, se você é da Uniformizada, tem o da Uniformizada. É a mesma coisa, só que o pacote, no caso da Galoucura, são treze reais mensais, você paga com o clube e tudo é feito no clube, nada pela torcida, é feito na sede do clube, todas as torcidas tem isso e a diferença é a seguinte, porque o Galo na Veia comum, o Galo na Veia prata, tem que ser feito via cartão de crédito, a forma de pagamento é cartão de crédito e na Galoucura ninguém tem não, cara [...] Como é que eu vou cobrar de um cara lá, os caras vão falar “meu nome é sujo”, tem menor de idade. Não tem condição, aí que que o Atlético fez? falou “vamos criar então um Galo na Veia pra torcida, a gente acaba com esse problema, você vem cá e vai me pagar a mensalidade aqui na sede”. Pagou a mensalidade, seu cartão tá ativo. O cara vai lá no clube e paga, sem passar nada pela torcida, pagou, domingo tem Atlético e Cruzeiro, você vai na sede ou no líder da sua região e fala assim “aqui quanto que é o ingresso? 50 reais, toma meu dinheiro aqui e o número do meu cartão”, aí ele recarrega, a gente manda uma planilha pro Atlético, deposita o valor e carrega todos os cartões. Melhorou muito porque negócio de ingresso era foda. Tem muita história, muito misticismo, que o cara ganha ingresso “ah você vai no jogo porque ganha ingresso”, não tem isso.

Ainda que os clubes mineiros estejam adotando medidas para facilitar o acesso dos Torcedores Organizados ao estádio, em geral, o panorama dos preços de ingresso no Brasil não é nada inclusivo. Dados de levantamento do preço médio dos ingressos de futebol por todo o mundo feito pela Pluri Consultoria revelam um desequilíbrio profundo entre a renda média do brasileiro e o valor pago nos jogos de futebol. A empresa teve como parâmetro da pesquisa a renda per capita dos países e fez uma simulação de quantos ingressos daria para comprar com esse valor em diferentes lugares. A conclusão deu nome ao relatório: “Brasil, País do ingresso mais caro do mundo”. Abaixo, a tabela comparativa relativa aos preços de ingressos dos campeonatos nacionais de 2013 (quando a maioria dos estádios estavam prontos para a Copa do Mundo de 2014).

Comparativo do preço dos Ingressos no Brasil em relação a outros mercados

País	Preço médio dos ingressos (mais barato)		Renda Per capita do país - US\$/ano	Nº de ingressos que se pode comprar com a renda per capita	Média de público no último campeonato Nacional
	Em R\$	Em US\$			
Brasil	51,74	22,62	11.208	495	14.951
Espanha	112,89	49,36	29.118	590	26.867
Inglaterra	116,27	50,84	39.351	774	36.589
Alemanha	60,10	26,28	45.085	1.716	43.173
Argentina	27,95	12,22	11.573	947	18.216
E.U.A.	62,51	27,33	53.143	1.944	18.743
Japão	78,80	34,46	38.492	1.117	17.160

Fontes: PLURI Consultoria, Banco Central do Brasil, FMI, Confederações e Clubes. (1) Preços médios dos ingressos na modalidade mais barata, para adultos, sem promoções, em jogos não decisivos dos times participantes dos respectivos campeonatos nacionais; (2) Renda Per Capita anual a preços correntes, referentes a 2013.

Além do preço médio dos ingressos ser fator fundamental na diminuição do público presente nos estádios, a capacidade das novas arenas também gera empecilhos às torcidas. No caso do Atlético, a ocupação de um estádio menor, o Independência, limita ainda mais a atuação

das Organizadas tradicionais. O visível encolhimento de adeptos de Galoucura e Máfia Azul no campo também foi um tópico abordado pelos torcedores, como na descrição de Rafael*.

Se você for só olhar mesmo por ali, Cruzeiro e Uberaba 2007. Máfia Azul grande na arquibancada. Jogo pequeno e tal. Cruzeiro e Uberaba 2018. Máfia Azul... na arquibancada. [...] Visualmente dá pra ver. [...] Se você por dez reais todo jogo, vai sessenta mil todo jogo. O cara quer ir. Ah, o cara não deixa de ir ao estádio porque ele não... porque ele não gosta do time não. Tem poucos caras... igual, minha mãe falou: o que você quer de Páscoa? Falei: me dá cinquenta reais para ir pro clássico. Não quero um ovo, quero cinquenta reais pra ir pro clássico. Entendeu? Então, tipo assim, pouca gente pensa assim, entendeu? E tem cara dentro da torcida mesmo, o cara deixa de comprar o leite pro filho pra ir pro jogo. Tipo assim, aí depois vou pensar como que eu vou fazer pra comprar o leite. Primeiro eu vou pro jogo. O cara usa a mesma roupa, mesma camisa, não compra camisa, não compra nada pra ir pro jogo. Então acaba que poucas pessoas são assim. Acho que, por exemplo, todas as torcidas organizadas do Brasil, elas eu acho que diminuíram. Não sei se fora do estádio, mas dentro do estádio com certeza.

A limitação da presença das Torcidas Organizadas no estádio tem outras influências externas, além dos motivos já apresentados. O acesso à tecnologia foi democratizado após a primeira década dos anos 2000, muito pelo barateamento de produção e transmissão da comunicação digital, como já mostrado no início deste capítulo. Colado à isso, houve o aumento do acesso aos pacotes de TV por assinatura, o *pay-per-view*, dos principais campeonatos de futebol brasileiro e mundial. Essa democratização ocorreu não pela redução de preço, mas pela intensificação do poder aquisitivo dos torcedores. Então, mesmo se os preços finais de pacotes por assinatura ficaram estagnados, o dos ingressos ultrapassou o aumento de renda média dos torcedores. Portanto, se por um lado, o custo de ir ao estádio aumentou, por outro, o consumo dos jogos de futebol via Internet e televisão se tornou mais popular.

Assim, muitos dos torcedores de massa que investiam parte de sua renda em idas ao estádio, agora não têm condições de torcer para seu time *in loco*. Porém, podem se reunir com antigos companheiros de estádio (que se encontram na mesma situação financeira) na sua própria casa para assistir o jogo via *pay-per-view*. Logo, esses podem ser considerados alguns motivos

para o esvaziamento das Torcidas Organizadas, além dos argumentos apresentados pelos próprios entrevistados.

O esvaziamento das Torcidas Organizadas tradicionais na arquibancada deixou uma espécie de ‘vácuo’ e, talvez, uma questão de representatividade em aberto entre os não-organizados que frequentam esses espaços. Dessa forma, novos grupos de torcedores surgiram com comportamentos distintos das Organizadas tradicionais.

Os novos grupos de torcedores

Antes de apresentar os novos grupos de torcedores que têm grande atuação no cenário atual do futebol brasileiro e, mais especificamente, dentro do universo de Atlético e Cruzeiro, é necessário reforçar o contexto em que eles emergem. A democratização tecnológica já apresentada, bem como a barreira financeira instituída sobre a lógica das novas “Arenas” distanciou os torcedores mais tradicionais. O caminho inverso, de promessas de segurança e conforto nos estádios reformados, junto de um contexto de alto custo para manutenção dos mesmos, faz com que os clubes tomem medidas para atração de um público de classe social mais alta.

Dessa forma, grupos de torcedores próximos a uma cultura consumidora, que até então não eram a massa nos estádios do Brasil, se tornam figuras comuns. São pessoas inseridas ao meio virtual e à lógica mercadológica buscada por clubes. Logo, presenciamos maior atuação dos times nas redes sociais, com incentivos à divulgação de sua marca. Assim, questões de adequação ao modelo de gestão de clubes europeus de futebol, com venda de uniformes nas linhas *authentic* (mesmo modelo usado pelos jogadores, portanto com preço mais alto) e *supporter* (linha mais barata, semelhante a usada pelos jogadores mas com menos detalhes e tecido de inferior qualidade), venda de passaportes com ingressos de todos os jogos da temporada (sócio-torcedor), acúmulo de pontos para compras online nas lojas oficiais, promoções de aproximação do torcedor com jogadores (conhecer o centro de treinamento, ir ao treino dos atletas profissionais, ganhar prêmios nos dias de jogos...) e muitas outras ações são realizadas. Então, uma cultura inédita no país, mais próxima à realidade do novo torcedor é inserida aos poucos.

Richard Giulianotti, pesquisador da Universidade de Loughborough, no Reino Unido, em seu estudo “Fanáticos, Seguidores, Fãs e *Flaneurs*: Uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol” sugere quatro identidades ideais de torcedores. Os torcedores tradicionais são divididos em duas categorias: os Fanáticos (ou com uma relação mais “quente” com seus clubes) e os Seguidores (ou tradicionais com uma relação mais “fria” com seus clubes). O primeiro grupo se caracteriza por investimento pessoal e emocional de longo prazo com o time, além de um engajamento financeiro. Já o segundo são seguidores do clube, bem como de jogadores, técnicos e outros profissionais relacionados ao futebol.

Demonstrar apoio a seu clube, em suas múltiplas formas (incluindo as de mercado), é considerado algo obrigatório, devido ao fato de que o indivíduo possui uma relação com o mesmo que se assemelha à que possui com sua família e amigos. Na América do Sul, fanáticos se referem a seus respectivos clubes como “mães”, sendo eles seus “filhos”. O clube pode até mudar seus jogadores, mas seu campo será sempre sua “casa”. Deixar de torcer por ele ou mudar de time, passando a torcer por um rival, é impossível; torcedores tradicionais possuem um contrato cultural com seus clubes. [...] Os fanáticos são guardiões do futebol, enquanto jogo, e são também participantes quentes em rivalidades ativas com outros clubes, especialmente aqueles de comunidades vizinhas.

[...] o seguidor pode se aproximar de um clube em particular devido a suas ligações históricas com seu time, como no caso em que um clube contrata o técnico ou jogadores de outro. O clube distante deve possuir atrações ideológicas para seguidores específicos [...] Em sua forma de solidariedade densa, grupos de seguidores podem estabelecer relações de amizade com torcedores tradicionais/quentes desses clubes. [...] O seguidor não possui a incorporação espacial do torcedor que pertence ao clube e à comunidade de seus arredores. Para os seguidores, locais de futebol podem ser apenas fontes práticas com pouco significado simbólico: um palco onde jogadores e outros agentes se reúnem para atuar e depois seguirem adiante.

Sobre os torcedores consumidores, o autor também os divide em dois grupos: os Fãs (ou consumidores quentes) e os *Flaneurs* (ou consumidores frios). A primeira categoria se aproxima de um clube por ser seguidor moderno de seus feitos ou de alguns jogadores, com foco em celebridades e fatores pessoais. A segunda categoria se caracteriza pela identidade moderna

através de um conjunto de relacionamentos virtuais virados ao mercado, pelas interações midiáticas na TV e internet.

O fã é quente em termos de identificação; o sentimento de intimidade é forte e é um elemento chave na identidade do indivíduo. Mas essa é uma relação mais distante do que aquela experienciada por fanáticos. A virada moderna do futebol para o mercado e sua mais recente hipermercantilização serviram para separar jogadores e representantes dos clubes dos torcedores, especialmente nas divisões profissionais mais altas. O fã vivencia o clube, suas tradições, seus maiores jogadores e os outros torcedores através de um conjunto de relações baseadas no mercado. A força de identificação dos fãs com o clube e seus jogadores é assim autenticada através do consumo de produtos a eles relacionados.

O flâneur compõe um tipo social urbano distinto, descrito e caracterizado por Baudelaire em meados do século XIX [...] um andarilho urbano moderno burguês do sexo masculino, tipicamente adulto, ele vagava pelos bulevares e pelos mercados. [...] O flâneur do futebol pode ser uma tendência maior para homens do que para mulheres, mas não o é por definição. Frequentemente, ele é um burguês em busca de uma multiplicidade de experiências no futebol. O flâneur adota uma postura afastada em relação a clubes de futebol, mesmo com seus favoritos. Um verdadeiro flâneur do futebol, o consumidor frio, pertence apenas a uma comunidade virtual de andarilhos que olham os clubes como que em uma vitrine. Em sua manifestação mais extrema, lealdades nacionais podem ser trocadas com base no sucesso competitivo ou na identificação mediada com grandes celebridades.

Trazendo essa lógica para o contexto de Atlético e Cruzeiro, cada vez mais Fãs e *Flaneurs* ocupam os espaços esvaziados de Fanáticos e Seguidores que se adequam cada vez menos ao modelo vigente. Os Organizados que surgem a partir do movimento de modernização dos estádios são ligados à tecnologia e consumidores da lógica de produção atual dos clubes, bem mais próximos aos Fãs. Se diferenciam dos *Flaneurs* pela lealdade e comparecimento ao estádio. Os Fanáticos, por outro lado, têm essa cultura hereditária de se ir ao estádio, com relações fundamentadas na memória afetiva, igual aos Seguidores. Mas se distanciam deles (e se aproximam dos Fãs) pela relação mais intimista ao clube. Rafael*, que se enquadra como um Fanático, faz um raciocínio de diferenciação de torcedores, mas agora contextualizando com as viagens.

Eu acho que... a Torcida Organizada é... acho não, tenho certeza que a Torcida Organizada vai ver o Cruzeiro, a Máfia Azul no caso é a Torcida que mais viaja no Brasil, assim. Todo jogo do Cruzeiro, você pode ver lá, tem uma faixa lá nossa. Então ganhando, perdendo, com neve, sem neve, chovendo, você vai ver, os torcedores vão mesmo e tal. Então acho que essa é a grande diferença assim da Torcida Organizada e o torcedor comum. Porque o torcedor comum tá mais presente em casa. Muitos ainda vão só... eu tenho amigos que são cruzeirenses e falam: “Ah não, Cruzeiro e Botafogo, time reserva... ah, não vou não. Agora, Cruzeiro e Racing eu vou.” Entendeu? Então, tipo assim, acaba que a Torcida Organizada difere disso.

O ponto chave da fala de Rafael* é a participação mais intensa do Organizado (Fanático e Fã) frente ao comum (Seguidor e *Flaneur*). Para identificar os novos grupos Organizados (Fãs) e tornar o assunto mais palpável e digestivo, distinções dos próprios Organizados tradicionais (Fanáticos) são pontuadas. Dessa forma, fica clara a divergência entre Fanáticos e Fãs que dividem espaço nas arquibancadas. Primeiro, o perfil dos Fãs, pontuado por Bogus e Fred.

[...] são clientes. Aí a gente vai ter que analisar um contexto já socioeconômico de comportamento dos últimos anos, principalmente no governo de esquerda, que disponibilizou muito crédito, então se você pegar essas gerações, a minha geração cresceu querendo ter um ferrorama, um kichute, um bonequinho Gulliver. Essas últimas gerações, elas cresceram já sabendo nome de carro, vários estilos de moto, querendo já apartamento, casa, que pra minha geração é muito distante. Então eles já foram criados nesse contexto do poder da compra, ‘eu comprei eu tenho direito, eu comprei é meu’, mas quando isso se aplica num time de futebol, é seu mesmo? Aí tem esse conflito que acontece na arquibancada, ‘ah eu tô pagando’, beleza, pode ficar espumando aí até amanhã.

[...] Tem a caracterização da elitização, que é o Galo na Veia Black. Tem o padrão corneteiro, que fica meio que um Galo na Veia Black. Acho que esse é mais recente com certeza. Porque eu acho que corneteiro sempre existiu, mas igual tem hoje nunca existiu. E tem aquele cara que entende de futebol. Que é aquele cara que fica grudado na janela... naquela pilastra de vidro... aquele negócio de vidro, aquela vidraçaria do estádio ali, do Independência. Fica bem pertinho do campo. É aquele cara que acha que é o técnico, véi, fraga? Ele acha que se tivesse no campo, era melhor que contratar, que pagar 300 mil num treinador. Que eu acho que o cara sabe de tudo. Tem aquele cara que sabe de

futebol mais do que ninguém, tem o corneteiro, tem o elitizado que é o Galo na Veia Black [...]

Após a “montagem” do perfil dos novos torcedores, é fundamental entender quais são as novas Torcidas criadas e como é o comportamento delas dentro do estádio. No Cruzeiro, a Geral Celeste, fundada em abril de 2013, é a principal Torcida Organizada pós-reforma do Mineirão e que rivaliza com a Máfia Azul, assim como diz Rafael*:

[...] a Geral Celeste que é uma Torcida que a gente entende que é criada pelo Cruzeiro, pelo Gilvan pra acabar com a Máfia Azul, pra acabar com as outras Torcidas. Então acaba que isso é... surge um certo preconceito com os caras. Só que eles são bem tranquilos também. Tem um amigo meu [...] que é diretor da Geral Celeste. Então a gente tem uma relação boa e tal. [...] Então, tipo assim, acaba que como eles são pessoas, entre aspas, de classe mais favorecidas, os torcedores comuns gostam deles, entendeu? Atraem a ideia. [...] É uma Torcida Organizada que tem patrocinador na camisa, sabe? Tipo, Kick Ball, entendeu? Então, tipo assim, é um negócio diferente mesmo e tal.

A TFC, a qual foi criada no fim da década de 1990, no início das modificações estruturais do futebol brasileiro, tem a mesma postura que a Geral Celeste no estádio. Ambas se espelham no movimento argentino *barra brava*, mesmo que tenham características diferentes. O principal traço de raiz *barra brava* da TFC são os cânticos do grupo, que são entoados por longos períodos de tempo. Grande parte dos novos agrupamentos de torcedores se espelham em Torcidas argentinas como modelo de inspiração para a criação de Organizadas, como é o caso da Geral Celeste, conforme explica Rafael*:

[...] a TFC é uma Torcida... uma “Barra” né? Como a gente chama. Que é um estilo argentino. Então as músicas são mais lentas, são músicas... eles têm como característica cantar só músicas do Cruzeiro, o jogo todo é... Então eles ficam na mesma música uns 10 ou 15 minutos. Eu acho Top. Pra mim o estilo ideal de Torcida é o estilo argentino mesmo.

É comum que Torcidas sejam criadas a partir de dissidências. Ainda no Cruzeiro, é o caso da Pavilhão Independente, criada em 1997. No Atlético, um movimento de novos torcedores evidenciou-se recentemente, também a partir de dissidências. A Torcida Fúria Alvinegra foi criada em julho de 2012, por ex-diretores da Força Jovem Atleticana. Uma Torcida atleticana que também surgiu na era pré-reforma do Mineirão e utiliza-se de inspiração *barra brava* é o Movimento 105 minutos. O grupo talvez seja o que, esteticamente falando, mais lembra as Torcidas argentinas, por usarem bandeirolas, trapos e instrumentos típicos.

Um aspecto importante de ser dissecado, a fim de entender a complexa relação entre agrupamentos novos e tradicionais, é a análise de como os meios de comunicação interferem no convívio das Torcidas. Agora, a dinâmica tecnológica permeia profundamente as relações entre torcedores tradicionais e mais recentes. É visível o modo diferente com que questões sociais são tratadas, logo, as dificuldades de convívio entre os grupos. A sociedade brasileira, mineira e belo-horizontina sofre com a distância geracional, que acaba se tornando um empecilho para que o diálogo de culturas distintas seja realizado de maneira satisfatória. Isso também é refletido na arquibancada do estádio de futebol, pois o espaço não é deslocado do cenário sócio-político que vivemos, como destaca Bogus por duas vezes:

[...] Com WhatsApp então agora, eu mesmo depois te mostro, tenho uns três grupos aqui, então a gente debate várias coisas de Torcida, de time. Aí entra no campo político, aí já tem gente que, por exemplo, é a favor de Bolsonaro, tem gente que é a favor do Lula, tem gente que é da Igreja Pentecostal e aí tem gente mais aberta. Eu tenho três gerações no Whatsapp, geração de 2000 pra cá, tenho a geração de década de 1980 e 1990 e tenho um outro grupo que foram os líderes das regiões [...]. Às vezes a gente vai falar de questões como o machismo, aí coloca essas correntes de grupo de Whatsapp, colocam um comentário machista em um áudio. Eu colocar num grupo dessa galera de 2000 pra cá, as meninas vão ser as primeiras a dar o grito e os caras vão respeitar. É um outro lugar, uma outra geração. Se eu coloco isso e quase que 100% das fontes desses áudios que eu recebo é do grupo da galera da década de 1980 e 1990 não tem tanto problema, é normal, é aí que eu me coloco no meu papel hoje, na minha cabeça hoje é começar a dar umas questionadas. Aí as mulheres hoje já mães que tão no grupo começam a mudar a percepção, isso fora os que me xingam, né 'ah, tudo agora é mimimi, não pode falar' e a galera que era liderança que estão no outro grupo já é meio a meio, por exemplo. Essa jovem que morreu no Rio de Janeiro, a Matheusa, eu conheci ela [...] uma pessoa super legal, gente boa mesmo [...] e fui comentar com os caras 'nó, vei, conheci essa menina aqui no congresso de

arte e tal', mandei a reportagem da Globo e na reportagem da Globo falam assim 'a Matheus, a não sei o que', aí os meninos começaram a mandar pêsames e tal, mas depois que eles leram, eles ficaram confusos porque fala 'a Matheus' e aí foi uma abertura que eu tive pra falar. Mas é difícil, a galera é dura, às vezes eles sabem, mas não aceitam. Então tem esse atrito de gerações.

[...] mudou o perfil da arquibancada. Você vai achar negro hoje na arquibancada do futebol só em Torcida Organizada, então muitas dessas pessoas que tinham receio de frequentar estádio de futebol e hoje frequentam, de uma condição socioeconômica favorável, elas também se identificaram no futebol como uma fonte de esparramar tudo que incomoda. Outro dia a torcida do Atlético tava gritando 'Fora Dilma'... [...] É! Mandando tomar no cu, exatamente. Então você vê que o perfil mudou. O perfil já é outro. A relação do torcedor com o time mudou hoje. A relação com o time hoje ela é pautada no Twitter. A relação entre time e torcida é pautada no Twitter! Então essa galera de estádio hoje não é a galera que tava lá em Sete Lagoas não [...].

Portanto, é possível afirmar que há conflito entre torcedores tradicionais e recentes ocasionado por diferenças culturais dentro da arquibancada. Além disso, as divergências são amplificadas pelas convicções geracionais. A profundidade e complexidade da relação entre torcedores na contemporaneidade é enorme, por haver variáveis sociais que vão além do esporte, sociedade, cultura e política. É realmente muito complicado lidar de maneira harmônica com diferentes grupos que estão unidos por uma mesma causa.

Um fator perceptível nessa relação é o grande incômodo de parte de Fanáticos com os Fãs e *Flaneurs*. O transtorno gira em torno do tempo e dificuldades que os tradicionais passaram em certos momentos históricos, do desempenho do clube, que no passado foi inferior, até os limites aceitáveis para apoio ou não do grupo de jogadores. Fred explica como enxerga essas diferenças:

[...] Acho que eles são os que mais atrapalham. Vão quando tá bem. Antes dos jogadores pegar na bola já... no aquecimento já começa a vaiar já. Eu acho ridículo isso. Acho que se for pra vaiar, vaia depois do jogo, porque aí já não tem tanta importância assim, mas na hora do jogo tem que cantar. Independente se o Atlético estiver perdendo, pode tá perdendo de 3, pode tá perdendo de 4, mas tem que cantar! Tem que cantar, apoiar o time, porque eu já vi o Galo tomar de 2 a 0 e virar pra 3 a 2. E aí? Essa torcida que tava vaiando lá no começo? Vai

continuar vaiando? Então eu acho que falta isso, falta essa união, falta essa questão assim. Não sei se isso é cultural [...] Eu meto o pau às vezes quando eu tô lá dentro do estádio, às vezes na conversa de amigos lá. Agora eu posso falar com certeza. Eu sou mais torcedor que aquele cara que tá lá no sofá, vendo o jogo e criticando e comentando na internet. Nos grupos lá do Facebook. Ah, o Galo jogou mal, meteu o pau lá no jogador. Foi no Instagram: seu tanamnamtanam.. xingando. Eu sou mais torcedor com certeza. Por que? Porque eu sou um cara que eu tô frequente no estádio, eu canto. Se for pra vaiar, eu vaio mas na hora certa. E, com certeza, eu acho que tem que acabar esse distanciamento, porque... ou você frequenta estádio... acho que não existe meio termo. Ou você frequenta o estádio ou você não frequenta o estádio. Então, assim, não venha aplaudir o Atlético depois de 2013, não venha comprar ingresso depois de 2013 se você não viveu aquela época que o Atlético tava mal. Então, 2005, a época que o Galo caiu. 2006 quando o Galo tava na série B. 2007 quando o Galo teve... 2007 e 2008 que o Atlético tomou de 5, acho que foram dois 5 a 0. Depois desse jogo do Cruzeiro, foi Galo e Náutico, oitavas de final da Copa do Brasil. O Galo tinha perdido por 1 a 0 lá, nos Aflitos. 30 mil torcedores do Galo lá, depois do 5 a 0 do Cruzeiro, nós ganhamos de 3 a 0 e classificamos. Então se você...então eu falo se você, eu falo pro torcedor mesmo. Se você não tava presente na época, de dificuldade, não venha chegar em 2013, não venha viver 2013, não venha viver o presente do Galo hoje, achando que ah... nós mudamos de patamar. Mudamos de patamar, mas a torcida e sentimento de apoiar tem que ser sempre. Então não venha aplaudir agora que são mil maravilhas. Porque eu sei que futebol é muito fase. Às vezes o time tá excelente, nas cabeças, 2 ou 3 anos. Mas às vezes o time tá lá embaixo. Mas o time não vai deixar de ser Galo, não vai deixar de ser Cruzeiro. Eu também não vou deixar de ser torcedor, entendeu?”.

Apesar de todos os problemas de relacionamento entre os grupos novos e tradicionais, há um esforço recente, tanto de Máfia Azul quanto de Galoucura, para unificar as Torcidas Organizadas de seu time. No caso do Cruzeiro, em algumas oportunidades, as maiores Torcidas do clube – TFC, Geral Celeste, Pavilhão Independente e Máfia Azul – se uniram no mesmo setor para usar os instrumentos de todos e unificar as baterias em uma só. Porém, geralmente esses eventos de reunião desgastam bastante as relações, pois todos precisam abrir mão de limites internos. Logo, exige-se um tempo de digestão após o feito. Rafael* conta como ocorreu:

[...] Entã,o assim, jogos de Libertadores, o primeiro jogo contra o Vasco (04/04/2018) teve uma reunião. Como a gente entende que na arquibancada ficar três baterias diferentes e cantando três músicas diferentes não auxilia muito o Cruzeiro. [...] Aí juntou agora vai ter... tão tentando seguir o exemplo do

Borússia, que tem uma Torcida Organizada. Todas as Torcidas Organizadas só atrás do gol. [...] Aí nesse dia todas as baterias juntas para cantar a mesma música e tal. Então, assim, acaba que as Torcidas perderam o orgulho, entendeu? Porque, querendo ou não, você perdeu sua bateria, você tá perdendo seu orgulho ali, né? Você tá deixando sua Torcida... tirando o nome de sua Torcida em prol de algo maior, que é o Cruzeiro. Aí assim, é bem legal. Foi bem legal. Mas acaba que como algumas Torcidas não batem muito com a Geral, tipo a TFC, então meio que... nos próximos jogos eles já não aceitaram e tal. Aí cada uma ficou no seu canto mesmo.

No caso do Atlético, não há um movimento de união dentro na arquibancada do estádio, nos moldes do Cruzeiro. Até mesmo pelo espaço físico limitado do Independência. Por outro lado, é comum as Torcidas se fortalecerem ao prestigiarem eventos umas das outras, marcarem ensaios de bateria conjunta para criação de novas músicas e se mobilizarem fora do estádio para acordos coletivos. Fred explica, em duas oportunidades, a dinâmica entre as Organizadas do Atlético:

Então, essas questões de movimento eu sei que, igual eu te falei. Sábado sempre rola o ensaio de bateria da Galoucura. Às vezes vão alguns membros de outras Torcidas para ensaiar bateria, pra às vezes criar alguma música. E até fora do estádio, aquele pré-jogo, às vezes as Torcidas se unem também pra fazer esse aquecimento. Então essa interação existe, claro que cada Torcida, ela quer... tem meio que sua ideologia [...] a Galoucura tem muita música que é da 105. Aquela 'Atlético, gostamos muito de você' bombou quando tava na Galoucura, mas já tinha na 105 há muito tempo. Muitas músicas aqui, tem uma música, é... da Galoucura, no estilo Aquarela, que a 105 criou e a Galoucura pegou também. Aí acaba que populariza, vem no ritmo da bateria da Galoucura, não é naquele ritmo da bateria da 105. Eu acho que essa interação é bacana, mas acho que falta mais ainda, porque acho que a gente parou no tempo em relação com essa questão de música. Eu acho que falta mais música. Acho que a torcida do Cruzeiro cria mais músicas. Nesse sentido de apoio, tem mais criação de música, durante o ano que as Torcidas do Galo. [...] Acho que reflete mais na criação de músicas, com certeza. E apoio também. Por exemplo: ah, vamos lá no CT apoiar porque é jogo importante. Aí vai, une as Torcidas e vai todo mundo junto. Entendeu? Encontra lá e tal... Acaba que "ah, o diretor de tal Torcida conhece diretor de outra Torcida". Aí chama, mobiliza todo mundo. Aí nessas festas de Torcida, por exemplo. Festa da Galoucura. Acaba que a Fúria tá lá, a Fúria Alvinegra que é do Galo, tá lá. A 105 tá lá. Então nas festas têm muito essa convivência. [...] É muito mais fora do estádio que dentro do estádio. Acho que tem que refletir mais dentro do estádio.

[...] sinto falta da união das Torcidas... Só que acho que às vezes eu acho que falta um pouquinho de união em relação aos cantos, entendeu? Acho que é muito difuso. Por exemplo: a Galoucura canta uma coisa no portão 6... especial Minas, aí o cara no portão 3, no especial Ismênia, no especial Pitangui canta outra, aí a galera do Galo na Veia Black canta outra coisa.

Portanto, após todas as informações e relatos registrados, foi possível explorar a atuação das Torcidas Organizadas tradicionais no contexto atual, bem como o surgimento de novos grupos. A contextualização para referenciar e entender como e porque os novos torcedores emergiram é fundamental parte do processo. Também é essencial destacar que as diferenças geracionais são um grande empecilho para que ambos os grupos de Torcedores Organizados se relacionem harmonicamente. O interessante são as formas de adaptação desses grupos a contextos não-favoráveis e aos modos de idealização desses formatos, mesmo que esbarrem em questões sociais pesadas, como raciais e de classe.

Episódios marcantes na história de Galoucura e Máfia Azul

Marco Túlio Bayma

Ao longo de todo o processo de recolhimento de dados para a construção deste livro-reportagem, surgiram algumas histórias comuns entre as duas Torcidas Organizadas e/ou relatos isolados individualmente. Esses eventos que serão apresentados neste capítulo foram movimentos não-premeditados de Galoucura e Máfia Azul, porém acabaram resultando em importantes desdobramentos tanto para o crescimento ou encolhimento delas em períodos determinados.

Os relatos dos entrevistados foram a principal base para definir a importância de cada evento, mas outras fontes informativas serviram como pilares para a contextualização de cada história. Dessa forma, para organizar o capítulo, os casos serão apresentados e detalhados em ordem cronológica.

Junção Máfia Azul e Cru-Fiel Floresta

O primeiro episódio destacado é a junção entre Máfia Azul e a Cru-Fiel Floresta ocorrida em 1987. Até então, a Máfia, com 10 anos, tinha uma história de altos e baixos que se misturava com o desempenho em campo do Cruzeiro. Porém, há uma discordância entre os entrevistados, sobre a influência que a Cru-Fiel possa ter tido na Máfia Azul. Por um lado, o fundador da Máfia Azul, Éder Toscanini, diz que a Cru-Fiel era composta por duas pessoas apenas, logo, não tinha forças para ampliar a atuação da Máfia que já estava crescendo bastante antes mesmo da fusão.

1986 esses dois rapazes aí, que fizeram a Cru-Fiel. Eram dois rapazes apenas. Apenas dois rapazes. Que fizeram a Cru-Fiel. Em alguns jogos, eles levavam a faixa da Máfia Azul. Que eu não podia ir. Eles levavam a faixa, tá? [...] Em 1987,

mais ou menos, eu chamei os dois. Eu vou chamar...pra unir a torcida... a torcida deles. Cru-Fiel com a Máfia Azul. Que a Máfia Azul já tava começando a crescer muito. Aí eu chamei os dois. Em 1988, eu peguei um patrocínio do Hospital Evangélico. E eles me deram a faixa. Aí eu coloquei "Máfia Azul Cru-Fiel Floresta".

Porém, por outro lado, Paulinho Popeye conta que os integrantes da Máfia Azul já eram mais velhos em 1984. A renovação trazida pela segunda geração da torcida (que ele se inclui) e a junção com a Cru-Fiel foram pontos importantes para o desenvolvimento da Máfia. A Cru-Fiel, segundo Paulinho deixa implícito, não era irrelevante e teve seus méritos.

[...] a Cru-Fiel Floresta era a minha geração de torcedores do Cruzeiro da Floresta/Santa Tereza. Mas a gente conhecia o pessoal da Máfia Azul, as pessoas mais velhas... aí uniu o útil ao agradável. E começamos a tocar o negócio... foi quando começou a produção de camisa, produção de boné e que aí a torcida foi [...] quer queira ou não, as Organizadas daquela época já eram pessoas mais... já não eram meninos mais... e a gente veio como uma geração nova. [...] Eu tinha 16 anos... os caras já tinham 30. [...] E foi nessa renovação, e, a partir de 1984, a Máfia Azul já colocava faixa todo jogo... a Cru-Fiel colocava faixa e a organização Máfia Azul Floresta. Aí em 1987 falamos, somos do mesmo bairro, somos amigos, faz uma só. Aí fizemos. Máfia Azul Cru-Fiel Floresta.

Jean-Marc Gougeuil, o Francês, endossa a versão contada por Paulinho. Confirma a relevância da Cru-Fiel e seu impacto imediato na junção com a Máfia Azul. A divergência está entre a data de junção, que um diz em 1987 e outro em 1986. Como Tosca também afirma que as torcidas se uniram em 1987, acredita-se que foi uma imprecisão de memória do Francês.

[...] era separado, uns de um lado (Cru-Fiel) e a Máfia Azul do outro... era o Tosca que era da Máfia Azul, o irmão dele e mais uns dois ou três... e tinha o Paulinho, o Tunã, o Alexandre que eram da Cru-Fiel, tudo do bairro Floresta. Aí se juntaram... enfim, antes de 1986, a Máfia já existia, mas não aparecia... realmente começou a acontecer, o crescimento da Máfia começa de 1986 pra frente.

A partir desse episódio, a Máfia Azul Cru-Fiel dava um importante passo para se tornar a maior Torcida Organizada do Cruzeiro. Por seus membros atingirem mais faixas etárias, o diálogo com possíveis novos integrantes se tornava mais acessível, pela linguagem falada e até ideias defendidas serem parecidas. Fora toda a empolgação trazida pelos mais jovens, como explicitado por Paulinho.

A vitrine da Fogueteira

O episódio da Fogueteira é muito conhecido no meio do futebol brasileiro. Porém, o que ele tem a ver com a história e com o fenômeno de crescimento de Galoucura e Máfia Azul? De acordo com relatos dos Torcedores Organizados, a partida jogada no Rio de Janeiro teve papel importante no processo de amadurecimento dos agrupamentos.

Para deixar claro, no ano de 1989, durante as eliminatórias da Copa do Mundo de 1990, ocorreu o jogo Brasil x Chile no Maracanã. A partida foi paralisada aos 24 minutos do segundo tempo, quando o Brasil vencia por 1 a 0. O motivo da pausa foi um sinalizador jogado no campo, próximo ao goleiro Rojas. Apesar de claramente não ter sido atingido, Rojas não só simulou o contato, como quando estava no chão, se cortou com uma lâmina que estava escondida na sua luva, o que fez sua vestimenta sangrar. O incidente gerou banimento do goleiro do esporte, após a farsa ter sido descoberta algum tempo depois.

Apresentado o fato, agora será mostrado o porquê de ele ter sido importante para a história principalmente da Galoucura. No fim dos anos 1980, houve a intensificação das uniões das Torcidas Organizadas brasileiras, por critérios diversos, assim como explorado no capítulo Anos 1990: Dinâmica de crescimento das Torcidas Organizadas. Atlético e Vasco tinham uma forte união, principalmente pelo antagonismo do Galo com o Flamengo, advindo dos embates memoráveis nos anos 1980. Assim, Bógus afirma ter se impressionado quando criança de ver uma faixa da Galoucura no estádio do Maracanã. Ele afirmou que foi uma das questões que o persuadiu a estar ativo na torcida.

[...] quando meu pai me fez essa carteirinha (da Galoucura), aí eu liguei com o que eu via na arquibancada já, “nó essa é a carteirinha da galera que tá na

arquibancada”. Eu me lembro de um jogo da Seleção Brasileira com o Chile, do rojão com o Rojas. Tinha uma bandeira grandona da Galoucura no Maracanã. Eu tava nesse jogo, mas eu tava na parte de baixo, aí na hora que eu olhei pra cima, “nó, olha lá a Galoucura, que doido, os caras tão aqui” e aí eu fui criando os vínculos e fui me aproximando da torcida

O caso da Fogueteira foi emblemático justamente por mostrar a força da Galoucura fora de Minas Gerais, no simbólico Maracanã. Simbólico tanto por ser um dos templos do futebol mais conhecidos do mundo, quanto por ser a casa dos quatro maiores times do Rio de Janeiro à época. Portanto, uma bandeira de uma Torcida Organizada de outro estado na casa de outras Torcidas, inclusive uma rival, é sinônimo de orgulho para os torcedores. Léo James diz que esse Brasil x Chile foi um marco não só para a Galoucura, mas para a união entre Galoucura e Força Jovem do Vasco.

[...] eu falo que acho que foi um marco da união nossa foi o jogo Brasil x Chile no Maracanã, o jogo da fogueteira, em 1989. [...] Esse jogo lá também, foi um.. um divisor de águas. [...] Porque a gente quase não tinha contato deles (outras torcidas). Tinha assim, “ah, eu tenho o telefone de um cara”. Porque, nessa época comunicação era difícil. [...] Nesse jogo, a gente falou assim: “Vamos levar a faixa da Galoucura lá?” Também estratégia pra divulgação. Pra Galoucura crescer. Aí falei, “vamos”. Aí eu fiquei responsável por levar a faixa. [...] Eu fui com o pai do Marmaduque e com o Marmaduque, levamos a faixa. [...] Chegamos lá e fizemos contato com eles. A Máfia também a mesma estratégia, foi pra lá pra levar a faixa. [...] Quando a gente chegou lá no Maracanã, os caras receberam a gente tão bem. Eles pegaram a faixa da Galoucura, e tinha uma faixa da Força Jovem do Vasco que era uma faixa enorme. [...] Eles colocaram a faixa da Galoucura em cima de uma parte tipo “Força”, em cima do “Força” ficou a faixa da Galoucura e em cima do Jovem a faixa da Mancha. [...] Aquilo deu uma moral pra Galoucura, mas muita moral. É... moral que a Máfia Azul não teve. A Máfia Azul chegou antes do jogo, a Máfia Azul chegou a colocar lá a faixa: Máfia Azul. Aí a torcida do Flamengo é muito unida com a torcida do Corinthians, na época, e aí quando chegou a torcida do Corinthians e do São Paulo, a torcida do Flamengo arrancou a faixa da Máfia Azul para botar a deles.

O jogo da Seleção Brasileira deu à Galoucura uma exposição jamais imaginada. O caso da Máfia Azul, exposto por Léo James, não foi abordado em detalhes por integrantes da Torcida.

Apenas Tosca comenta rasamente sobre a ida da Máfia ao jogo, e confirma também a presença da faixa da Galoucura.

É, foi Brasil e Chile. Mas não, na época na Seleção brasileira as torcidas eram mais unidas ainda. A Máfia Azul já estava lá com a torcida do Flamengo, a Raça rubro-negra. Tinha bandeira da Máfia Azul junto. Realmente tinha lá a bandeira do outro time. Junto com a do Vasco. Do outro lado. Tinha, realmente.

As uniões de Torcidas Organizadas foram fundamentais para o crescimento de Galoucura e Máfia Azul. Como as maiores Torcidas, principalmente do eixo Rio-São Paulo, eram mais antigas e consolidadas em relação às mineiras, a troca de experiências entre elas e as de Minas Gerais fez com que um modelo brasileiro de Organizadas fosse seguido. Portanto, para as Torcidas Organizadas mais recentes, como a Máfia e a Galoucura, esse conhecimento do que funcionava ou não foi fundamental para a expansão da atuação desses agrupamentos. Como mostrado, estar presente em um jogo com exposição nacional e juntos de aliados locais funcionou para as duas Torcidas justamente pela troca de experiências.

As 50 bandeiras

Outro episódio polêmico que estaria presente na trajetória tanto de Galoucura quanto de Máfia Azul é o caso das 50 bandeiras. A história foi apresentada por Léo James, da Galoucura, mas quando perguntada para outros torcedores da Máfia, nenhum deles disse se lembrar. O contexto do caso não tem uma data exata. Léo afirma que aconteceu no início dos anos 1990, entre 1993 e 1994.

[...] teve uma vez que a gente via que as grandes torcidas tinham muitas bandeiras, muitas bandeiras. Eu fui num jogo no Rio e contei 50 bandeiras da Raça e aqui a gente tinha 10, era uma coisa assim. As torcidas do Atlético não tinham tantas bandeiras por causa de recurso que não tinha e nem componente também pra ficar balançando. [...] E aí nessa época a gente conseguiu com a SELT, na época existia a Secretaria de Esporte, Lazer e Turismo do estado e o Mundin sempre teve um viés político, muito contato com político e ele conseguiu

um recurso pra gente fazer 50 bandeiras. Só que em contrapartida o governo falou que forneceria o material, pano e tinta, mas a gente tinha que dar pra uma torcida do Cruzeiro também. [...] Na época, as torcidas do Cruzeiro que eram grandes eram a Explosão CruChopp, a maior e seguido da Torcida Jovem do Cruzeiro. [...] Então a torcida rival da Galoucura na torcida do Cruzeiro eram eles. Aí juntou a fome com a vontade de comer, como a gente tinha que arrumar bandeira pra torcida do Cruzeiro, aí uma estratégia nossa de enfraquecer a Explosão CruChopp, a Máfia era pequenininha, não tinha quase ninguém, era uma das menores torcidas do Cruzeiro, e aí a gente foi e deu a bandeira pra eles, demos o pano, né, aí cada torcida fez o seu.

Paulinho Popeye e Jean Francês não só disseram que não lembram da história, mas descredibilizaram Léo ao afirmar que o caso não ocorreu. Paulinho argumentou que a CruChopp se transformou em Mancha Azul em 1990, logo, o episódio se tornaria anacrônico se tivesse ocorrido entre 1993 e 1994.

Meu amigo Léo deve estar enganado... [risos]... não lembro, não lembro. [...] a CruChopp na época, a CruChopp que, pra mim, era um nome bacana, depois virou Mancha, virou Mancha Azul em 1990. A CruChopp, ela acabou em 1990. Tenho certeza que foi fundada a Mancha... por isso tô achando esquisito, porque virou Mancha Azul...

Jean teve uma posição mais forte que a de Paulinho, ao comentar o caso narrado por Léo James. Segundo o Francês, o fato nunca aconteceu e foi inventado para colocar a Galoucura em superioridade à Máfia Azul. Jean também destacou que o crescimento das duas Torcidas ocorreu de modo irregular, mas que as duas sempre estiveram pareadas em questão de tamanho. Porém, Francês abre sua fala se contradizendo, ao enfatizar que a Máfia sempre foi maior que a rival.

Nada a ver, nada a ver porque a Máfia Azul sempre foi maior que a Galoucura... a Galoucura não cresceu antes da Máfia, ela cresceu junto com a Máfia. Ao mesmo tempo. Então se eles vêm com essa conversa pra boi dormir, isso é bobajada, tem que falar a verdade. Cresceram junto com a gente... dava pau a pau... às vezes eles eram um pouco maior, às vezes a gente. [...] A gente nunca negociou nada com a Galoucura e tal... nunca conseguiram nada não, tem que falar a verdade.

É muito difícil definir se esse tipo de episódio é real ou não. Nos cabe divulgar e especular com base nos relatos dos torcedores. Se realmente o fato aconteceu, com certeza foi de grande ajuda para o desenvolvimento de Máfia Azul e Galoucura, já que é sabido que as Torcidas Organizadas alternativas de Cruzeiro e Atlético da época eram - e ainda são - menores que as principais.

8 de outubro de 1997

Um episódio comum presente nas narrativas dos entrevistados foi o jogo entre Cruzeiro e Vasco, em 8 de outubro de 1997, no Mineirão. O caso apareceu espontaneamente ao longo das conversas e se mostrou muito marcante para os torcedores envolvidos. Parece ter sido uma referência importante pela conjuntura de fatos implicados, o término trágico e a repercussão na mídia.

O evento em questão foi a morte do torcedor atleticano Claudemir da Silva Reis, a partir da explosão de uma bomba caseira dentro do estádio. Durante o intervalo da partida, torcedores rivais trocavam insultos em uma área interna do Mineirão, quando houve a explosão da bomba caseira, que atingiu o abdômen de Claudemir. Ele foi encaminhado ao hospital, mas não resistiu e faleceu na madrugada de 9 de outubro de 1997. Paulinho Popeye explica o fato a partir do seu ponto de vista, de dentro da torcida do Cruzeiro, e a partir de sua análise é possível perceber que, por ter sido a primeira morte dentro do Mineirão, significou muito para Máfia Azul.

Teve a morte daquele menino no Mineirão, da bomba em 1997. Aquilo lá foi... assim... nunca tinha tido uma morte no Mineirão. E uma coisa assim, eu lembro que eu tava do lado contrário né. A confusão foi lá na torcida do Vasco né. [...] Bicho... o estouro que eu escutei... falei “gente, não é possível”. [...] Isso deu uma repercussão quase igual desse menino do Chevrolet Hall. Isso assim, é uma fatalidade, mas é ruim né...

Indiretamente, a história está associada com o episódio da Fogueteira em 1989 e o laço que havia se firmado entre Galoucura e a torcida Jovem do Vasco naquela ocasião. Conforme

Léo James conta, a união entre Galoucura e Força Jovem era forte e longeva, já que quase uma década após o fato que estreitou os laços (jogo da Fogueteira), as torcidas ainda trocavam cortesias e eram receptivas umas com as outras. Nessa situação, membros da Galoucura estavam na torcida do Vasco, acompanhando amigos da Força Jovem. Era a mesma situação de Claudemir, torcedor novo não só na idade (16 anos), mas também dentro da Galoucura, como explicita Bógus.

Eu tava também, infelizmente, presente no dia que o menino morreu dentro do Mineirão no Cruzeiro e Vasco. Ele tava pertinho de nós. Ele saiu com a gente do centro. [...] A gente brigou com o pessoal da Máfia lá no centro. [...] Já no estádio tinham as divisas, né, e do primeiro para o segundo tempo aquela coisa de discutir na divisa, aí ficava a galera se xingando de um lado pro outro e nisso vieram dois estouros e subiu um clarão branco, fumaceiro subindo e no meio da fumaça eu lembro do pulmão desse menino, abrindo e fechando e batendo no chão. “Olha o que eles fizeram comigo, olha o que fizeram comigo”. Aí a Polícia que tava no cordão não sabia se resgatava o cara ou se ficava tomando conta pra não ter encontro e nisso veio um e pegou ele e levou ele embora e a gente foi pra debaixo do túnel, já invadimos o lado do Cruzeiro e a porradaria comeu. No final do jogo, o coronel da época chegou e falou que o menino tinha falecido. E esse menino acompanhou a gente desde o centro, ele era novo na torcida, a gente não fragava ele muito não.

Na descrição do fato, Bógus destaca que uma pessoa pegou Claudemir no colo após a explosão, enquanto havia um impasse das autoridades sobre o que faziam. Sem saber do relato de Bógus, Léo James explicou sua versão, e nela explicitou que foi o responsável por carregar Claudemir até a ambulância mais próxima.

Esse menino eu carreguei ele no colo lá. [...] Foi o seguinte: eu já tava até na faculdade, aí os caras do Vasco vinham e “pô, você vai no jogo?”. Foi um jogo a noite, meio de semana a noite, falei: “pô, tenho aula cara, tenho que ir na aula e tal...”. “Não, pô, tem um tempão que a gente não encontra, vai lá, vai lá, vai lá...”. “Então beleza! então eu vou.” [...] Então teve o primeiro tempo e na hora que acabou o primeiro tempo, tinha muito isso entre as torcidas. Como às vezes não tinha um policiamento adequado, as torcidas saiam e brigavam no anel ali, de fora ali. [...] descemos, aí a gente tava.. mas não chegamos na divisa não. Aí na hora que a gente tava chegando no anel, assim, eu escutei o barulho da bomba, um barulho muito forte. BOOM, eu falei assim: não é bomba normal, isso

é algum problema. Aí deu o barulho e eu corri em direção à confusão. [...] Na hora que eu chego, o menino tá deitado no chão, encolhido assim, caído assim no chão e um buraco aqui assim [...] Aí o menino no chão, aí eu tinha sido do exército também, né. Falei assim, não deixei ele olhar, pra ele não entrar em choque. Ele queria, ele queria fazer pra ver o machucado. É, ele tava morrendo de dor, tava acordado ainda [...] Aí chegou a polícia, aí tava eu com o menino lá, ajudando ele, aí o pessoal da polícia. Aí eu com a polícia carregamos o menino até o centro médico do Mineirão. [...] Na hora que chegou no centro médico já pegou a ambulância pra levar ele pro hospital. E o negócio, todo mundo vendo que o negócio era tão grave que ficava assim, é... um falava assim: põe o oxigênio. Aí o outro: leva pro pessoal da equipe médica, equipe de socorro. Ah não, não vai dar tempo não, leva assim [...] Aí botaram o menino na ambulância e foram embora. Eu fiquei lá no estádio. No final do jogo, eu procurei [...] aí fiquei sabendo do comandante que esse menino chegou no Odilon Behrens já morto. Eu vim aqui (Morro do Papagaio), visitei a mãe dele. Ele morava aqui. [...] Inclusive nós pagamos um ônibus pra família ir no enterro dele. A Galoucura pagou.

De acordo com informações da imprensa, os responsáveis fizeram a bomba caseira a partir de uma bola de sinuca com pólvora. Cerca de mil torcedores do Atlético (sem informações se só da Galoucura) se juntaram com outros 150 presentes do Vasco. Apenas 6 anos depois, no ano de 2003, veio a condenação de Múcio dos Reis Ribeiro, o responsabilizado por lançar a bomba. Ele foi julgado culpado e sua pena seria de 15 anos de reclusão. Outros envolvidos também foram julgados cúmplices, incluindo Flávio Duarte Medeiros e Ricardo Augusto Assunção Duarte.

Ao pesquisar informações mais precisas sobre o caso, houve muita dificuldade em encontrar dados consistentes na imprensa. A começar por questões simples, como a idade de Claudemir, que em diferentes veículos como a Folha de São Paulo, Folha de Londrina e ConJur, estava em discordância de 15 a 17 anos. A profissão do rapaz também era divergente, de office boy a estudante. A quantidade de condenados também é inconclusiva. Enquanto o portal Terra atesta que Múcio, Flávio e Ricardo foram os condenados, a Folha de Londrina explica que no total foram quatro julgados. O ConJur, por outro lado, informa apenas sobre Múcio e Flávio.

Sobre a condenação de Múcio, não existem notícias após agosto de 2003, que mostram os desdobramentos da pena. Inclusive, não é possível encontrar dados além do nome de dois dos cúmplices, Flávio Duarte e Ricardo Augusto, e a data do seu julgamento, 12 de setembro de

2003. Não há nenhuma informação sobre as outras pessoas envolvidas. Porém, se sabe que em 1997, além de Múcio e Flávio, outras três pessoas foram investigadas por envolvimento no caso, mas não existem informações públicas se alguns desses outros envolvidos são os mesmos que foram condenados.

Ao pesquisar informações concretas sobre o caso, alguns registros importantes no nome de Múcio foram encontrados. Se toda sua pena de reclusão fosse cumprida a partir de 2003, ele finalizaria apenas em 2018. Porém, foram encontrados registros de 2012 que apontam Múcio como presidente da Máfia Azul na ocasião. O jornalista mineiro Chico Maia fez uma coluna no Jornal O Tempo, em 22 de fevereiro de 2009, criticando justamente a falta de postura da mídia em manter o assunto tão relevante em pauta. Ele cobra informações e continuidade da cobertura do caso. Porém, o próprio não toca mais no assunto desde então e não há informações mais recentes sobre o episódio em outros lugares.

O Chevrolet Hall

Talvez o episódio mais famoso envolvendo Galoucura e Máfia Azul seja a briga das duas Torcidas em 27 de novembro de 2010, após um evento de MMA ocorrido na casa de eventos “Chevrolet Hall”. O caso teve ampla cobertura midiática na época e muita pressão da imprensa e da sociedade civil para que aqueles implicados na confusão fossem punidos exemplarmente.

O contexto da história era o torneio de MMA (Artes Marciais Mistas em tradução livre) “3º Brasil MMA Fight”. O lutador César “Gordinho” Augusto estava entre os participantes do evento. Gordinho era integrante da Galoucura e dava aulas de MMA voluntariamente na sede da torcida na época. Portanto, vários amigos e integrantes da Organizadora prestigiavam o professor e lutador nas arquibancadas do local. No dia seguinte, o Cruzeiro jogaria no Rio de Janeiro contra o Flamengo, logo, torcedores da Máfia Azul se preparavam para a viagem.

Neste ponto da história, existem duas versões: a oficial da Máfia Azul, lançada como nota após o ocorrido, e a da Polícia Militar, usada por veículos de imprensa. A primeira afirma basicamente que os torcedores que foram viajar estavam sendo escoltados pela PM até o ponto de encontro com outros ônibus. Por outro lado, torcedores que não viajariam foram ao Chevrolet Hall assistir ao evento. O encontro das Organizadas acabou gerando uma grande briga.

Os cinco ônibus com os torcedores cruzeirenses partiram devidamente escoltados pela Polícia Militar de Minas Gerais, especialmente o Batalhão de Eventos, acompanhando-os até o Posto Chefão, já na saída para o Estado do Rio de Janeiro (BR-040).

Ressalte-se que o trajeto executado para o deslocamento da caravana não passou pelo local dos fatos, seguindo em sentido oposto, acertado previamente com a PMMG.

Noutro norte, alguns integrantes da Torcida Máfia Azul que treinam ou simpatizam com artes marciais, todos na condição de cidadãos comuns e em companhia de frequentadores da academia em que treinam, sem qualquer ligação com a torcida, compareceram ao “Chevrolet Hall” portando seus respectivos ingressos, distribuídos previamente e por indicação do lutador “Maurício Facção”, que participou de uma luta no “Chevrolet Hall” no dia dos fatos.

Na condição de alunos e conhecidos de referido lutador, portando os ingressos, compareceram ao local do evento para prestigiá-lo na luta, de forma totalmente independente, alheia à qualquer conotação de torcida, sem qualquer traje que os caracterizasse, sem qualquer determinação ou com intuito de se envolver em brigas ou confusões.

Assim, cerca de 15 ou 20 pessoas, incluindo algumas que sequer fazem parte de torcidas organizadas, se dirigiram ao local do evento, portando ingressos, cientes que deveriam entrar por portaria específica, justamente para se evitar contato com torcedores do Atlético.

No local, enquanto conversavam na parte externa com dois policiais militares que ali se encontravam, foram surpreendidos por inúmeras pessoas que saíam em desabalada carreira do interior do “Chevrolet Hall” (dentre eles integrantes da Galoucura), sendo que alguns conseguiram se evadir, enquanto os que não tiveram a mesma sorte foram violentamente agredidos, sendo um até a morte.

A versão da Polícia Militar de Minas Gerais dá conta que um dos ônibus da Máfia Azul passou pelo local e parou. Um grupo de torcedores teria descido e se organizado para cantar hinos do clube. Nesse momento, cerca de 40 torcedores da Galoucura teriam saído de dentro do

Chevrolet Hall e usaram placas de trânsito e cavaletes de ferro para agredir os torcedores rivais. O resultado da confusão foi a morte de Otávio Fernandes, de 19 anos e outras pessoas feridas.

O integrante da Galoucura, Bógus, afirma que esse incidente era algo que a imprensa procurava há alguns anos. Segundo Bógus, a Galoucura estava sendo perseguida por importantes canais midiáticos da cidade. Um dos marcos para o início dessa perseguição ocorreu após agosto de 2008, quando o então presidente do Atlético, Ziza Valadares, recebeu uma carta anônima com ameaças de morte. Na época, parte da imprensa deixava a entender que a Galoucura estava ligada ao bilhete.

De acordo com Bógus, a partir desse episódio específico, em conjunto com a modernização do futebol implementada desde o início dos anos 2000 e o movimento de afastar as classes populares do esporte, fizeram com que toda a opinião pública se aproveitasse da sensível questão do Chevrolet Hall para quase extinguir as instituições Galoucura e Máfia Azul. Mesmo com ações positivas das Torcidas, como as tradicionais ações sociais, a imprensa não dava trégua, como destaca o torcedor.

[...] chegava na Galoucura, campanha contra droga, contra racismo, doação de sangue, campanha social, campanha cultural. Tava tudo rolando, tava acontecendo e essa parte (imprensa e aliados de Ziza) querendo arrumar uma coisa pra incriminar. Aí quando acontecia uma briga ou outra, era muito isolada, e eles chegavam depois, até chegar o Chevrolet.

Por que que você acha que o Chevrolet se tornou nacional? No mesmo dia do Chevrolet teve uma coisa que parou o Brasil, que foi a invasão do Morro do Alemão. Aí foi o momento deles, né. Aí que que eles fizeram? A imagem passou em todo lugar o tempo todo. Tanto que você tem ali três diretores condenados que nem estavam na morte do menino. [...] Eles já estavam longe, mas eram líderes, né. [...] O presidente era o Roberto Bocão e o vice era o Ferrugem [...] Estão presos, nem estavam lá perto.

Obviamente que um incidente entre torcidas que acaba em morte não pode ser ignorado ou atenuado. A reclamação principal neste ponto é a de espetacularização da mídia, que tinha assuntos mais relevantes para noticiar naquele momento, como a invasão do Complexo do Alemão. As punições para a Galoucura também geraram insatisfação, já que o Ministério

Público limitou os equipamentos da torcida em dias de jogos e as investigações policiais davam mais forças aos depoimentos das testemunhas que as imagens de segurança do local.

[...] eu tava como diretor na época, quando se tornou nacional, todo mundo saiu. Porque qualquer um podia ser preso, eu poderia ser preso. Tem quatro réus confessos e a polícia queria achar outros, eram oito, eles também estão presos. Três, que foram o Bocão, o Ferrugem e o Vinícius, que nem tavam perto foram também e o último a polícia não conseguiu identificar. [...] Minha sorte, não sei se é sorte porque se eu tivesse no dia eu não teria deixado acontecer as vias de fato de bater na cabeça do menino, eu tentaria né, se eu tivesse perto. Eu tava estreando com um filme em Brasília no dia. Aí o filme ganhou cinco prêmios no Festival de Cinema de Brasília, então eu não fui preso porque minha cara tava na capa do Correio Brasiliense. [...] "O Bogus tava também", então no depoimento deles eu tava. [...] Todo mundo falou, os meninos da Galoucura também, acho que é alguém, acho que é fulano. [...] Eu tava indo pra Sete Lagoas com a faixa sozinho. Eu cheguei na sede uma vez eu e mais uns dez meninos, menino mesmo. A galera afastou, a polícia tava em cima. Imagina a família de cada um.

No total, doze integrantes da Galoucura foram responsabilizados pela briga. São eles e seus cargos na época: O presidente de agremiações, Roberto Augusto Pereira, o “Bocão”, o vice-presidente de agremiações William Thomaz Palumbo, o “Ferrugem”, o diretor administrativo da Organizada Marcos Vinícius Oliveira Melo, o “Vinicin”. Os outros nove também eram integrantes ativos da torcida. Diego Felipe Jesus, o “Feijão”, Cláudio Henrique Souza Araújo, o “Macalé”, Matheus Felipe Magalhães, João Paulo Celestino, Josimar Junior de Sousa Barros, Eduardo Douglas Ribeiro Junior, Windsor Luciano Duarte Serafim, Wellerson Tadeu Gomes e Carlos Eduardo Vieira dos Santos.

Bocão e Ferrugem foram condenados em abril 2012 a 14 anos de prisão, por homicídio e formação de quadrilha. Vinicin foi o integrante que teve a pena mais dura, de 17 anos a serem cumpridos por homicídio qualificado por motivo torpe e meio cruel, além de formação de quadrilha. João Paulo Celestino foi culpado pelos mesmos crimes de Vinicin, mas por ser menor de 21 anos na data, teve a sentença reduzida para 15 anos e 10 meses. Macalé, Eduardo, Windsor e Josimar foram sentenciados a dois anos de reclusão por formação de quadrilha. Feijão,

Wellerson e Carlos Eduardo foram absolvidos. Matheus Felipe Magalhães culpado a cumprir 14 anos.

A cobertura da confusão do Chevrolet Hall foi extensa, assim como destacado por Bógus. As informações são completas e de fácil acesso. A tecnologia tem papel fundamental na democratização de acesso a elas. As motivações da imprensa de 2010 em diante são completamente distintas às daquelas de 1997. Com a modernização dos estádios (Explorada profundamente no capítulo Cenário atual e novas torcidas), a mídia reforça o estereótipo das Torcidas Organizadas como as únicas causadoras da violência nas arenas. A comparação com o caso de 1997 é natural, já que o final trágico semelhante dos dois teve coberturas e enfoques completamente diferentes.

O incidente na festa do título de 2013

Dezembro de 2013. Após 10 anos, o Cruzeiro era novamente campeão brasileiro da Série A. Tudo mil maravilhas para a torcida celeste, festa garantida, com shows musicais e bebida grátis patrocinada pela própria diretoria do clube. Porém, no meio das comemorações, uma briga entre duas Torcidas Organizadas do próprio clube cancela o resto das festividades. Mas por quê?

Para entender a confusão, é necessário contextualizar o convívio histórico dessas Organizadas. O relacionamento entre Máfia Azul e a Torcida Pavilhão Independente é sensível desde a criação dessa segunda. Como já foi explicitado no capítulo Torcidas Organizadas, Política e Poder, a Pavilhão foi criada a partir de dissidências da Máfia Azul. No Mineirão pré-copa, a Máfia ocupava por tradição os portões 3 e 6, atrás do gol do “lado da cidade” (referindo à posição geográfica do gol, que fica no sentido cidade de Belo Horizonte, se visto de cima do Mineirão). O surgimento da Pavilhão faz com que a própria ficasse posicionada do lado oposto da Máfia para evitar conflitos, nos portões 9 e 12, atrás do gol do “lado da lagoa” (posição geográfica sentido Lagoa da Pampulha, tradicionalmente ocupada pelas Organizadas do Atlético).

A questão das dissidências ganha mais adeptos em 2008, quando uma nova leva de torcedores da Máfia Azul debanda para a Pavilhão. Em entrevista para o jornal Hoje em Dia em 2012, o presidente da Máfia na época, Múcio Reis – o mesmo condenado por jogar a bomba em

1997 – explicou as motivações para a saída do grupo. Segundo ele, os torcedores causavam brigas e arrastões constantes dentro do estádio, por isso foram expulsos. Ele completa ao falar que desde a data de expurgo, os dissidentes brigam com integrantes da Máfia Azul para prejudicá-los.

Na mesma reportagem do Hoje em Dia, o então presidente da Pavilhão, Everaldo Alisson Marques, contrapõe Múcio. Ele fazia parte do grupo expulso de dentro da Máfia. Afirma que foram oposição dentro da entidade por fazer pressão sobre o sumiço de uma kombi e um lote de ingressos. Conclui falando que desde que integraram a Pavilhão Independente a Torcida começou a crescer e desafiar a Máfia, que não aceitou o fato.

A situação fica mais acirrada em 2012, quando o Cruzeiro é obrigado a jogar no Estádio Independência, por causa da reforma do Mineirão para a Copa do Mundo. O espaço reduzido do Independência faz com que as duas Organizadas tenham contato direto nas arquibancadas. Com ideais distintos e baterias únicas, a união era complicada no mesmo espaço. Duas brigas em 2012 são registradas, nos arredores do estádio, motivadas pelo estresse de ocupação do mesmo ambiente.

Chegando no ano de 2013, o Cruzeiro retorna ao Mineirão. Toda a tensão entre os agrupamentos tinha a tendência de se resolver. Porém, em outubro do mesmo ano, quatro dias antes do clássico contra o Atlético, as Organizadas entram novamente em conflito, dessa vez nos arredores do estádio, porém, no Mineirão. Especula-se que o confronto ocorreu por provocações de ambos os lados, por novamente ocuparem o mesmo espaço nas arquibancadas em poucos dias. No dia do clássico, outro conflito, desta vez dentro do Independência e antes mesmo da partida começar.

O clima entre diretoria do clube e Organizadas estava péssimo na época. Neste ponto do ano, final de outubro, apesar do Cruzeiro estar na liderança do campeonato, Máfia Azul e Pavilhão são punidas pelo Ministério Público e ficam proibidas de usarem instrumentos, uniformes, bandeiras e faixas por cinco meses, como destacado pelo jornal OTempo.

Até 20 março de 2014, a Pavilhão Independente e a Máfia Azul não poderão levar bandeiras, instrumentos de bateria, charanga, faixas que identificam as

torcidas, bandeirão ou caixotes. Na ata assinada o Ministério Público alerta “Fica a advertência que qualquer incidente de violência envolvendo as torcidas em questão poderá ensejar, em um primeiro momento, banimento temporário das mesmas, com proibição de comercialização de qualquer produto, bem como, na sequência, pedido judicial de extinção das torcidas”.

Porém, o pior ainda estaria por vir. A festa do título brasileiro do Cruzeiro novamente colocava cara-a-cara Pavilhão Independente e Máfia Azul. Porém, desta vez, ambas punidas e com pensamento de que a outra era a culpada pelos problemas recentes. Logo, na esplanada do Mineirão, minutos depois do último jogo do Cruzeiro no Brasileiro de 2013, outro enfrentamento entre os agrupamentos, desta vez durante a festa do título. O resultado foi o cancelamento da festa e mais de 100 pessoas atendidas no ambulatório local. A punição anterior foi estendida para 12 meses.

Perguntados sobre os incidentes de 2013, os torcedores Rafael* e Jean Francês comentaram, respectivamente, o acontecido. Porém, dizem que até o meio de 2018 a situação entre Máfia Azul e Pavilhão era tranquila internamente, após as diretorias conversarem entre si e chegarem a acordos.

Então teve esse problema da festa do título. Só que aí depois a gente mesmo percebeu assim e falou: "Olha, se continuar assim, nós não vamos voltar mais para o estádio, entendeu? Então vamos resolver.". Hoje em dia é tranquilo. Tipo assim, Pavilhão, dia de clássico, a Pavilhão sai com a gente lá da sede. Eles são um pouco diferentes, então eles vão no ônibus deles, não se misturam tanto.

[...] me chamaram pra ver as imagens (da festa do título), pra falar quem era quem. Aí falei com a polícia que era difícil ué, corre corre de todos os lados, quem começou, porque... só que hoje tem uma coisa interessante, a torcida do Cruzeiro é muito mais unida. Por exemplo, o que que acontece, porque a torcida do Cruzeiro é muito mais unida que a torcida do Atlético? Porque primeiro que a gente joga no Mineirão, não no Independência. Segundo, a torcida do Cruzeiro ela fica nas curvas, e essas torcidas são todas uma do lado da outra. Então o povo canta as mesmas músicas, tá mais animado. [...] A torcida do Cruzeiro realmente dá uma potência bem interessante. A rivalidade de 2013 praticamente acabou.. não se vê mais nada. Ah, mas dissidência, confusão da Pavilhão com Máfia, tinha uns ex da Pavilhão, que agora são zona leste e tal, mas já foi superado.

Rafael* ainda se estende mais e explica que a fase mais difícil de sua longa história dentro da Máfia Azul foi quando a Organizada estava punida em 2014. Continuar com toda a assiduidade, mas sem elementos de torcida importantes alterou a forma de se torcer e como ele consumia futebol nessa época.

(O pior período) foi quando a gente tava punido. 2013, 2014. Pô, sem bateria, sem bandeira, sem faixa, sem poder vender material. Roupa, nada... Aí tipo assim, você vê quem que é mesmo da torcida e quem não é da torcida. Porque querendo ou não, torcedor comum compra roupa da Máfia Azul para usar, para guardar. Isso aí é normal, entendeu? Só que, viver o dia a dia lá é um pouco mais complicado. Aí vendo as Torcidas Organizadas do Cruzeiro tudo crescer e a gente não...

Em agosto de 2018, Máfia Azul e Pavilhão Independente entraram em conflito novamente. Desta vez, antes da partida entre Cruzeiro e Flamengo, válido pelas oitavas de final da Libertadores da América. As duas Organizadas estavam aglomeradas após a chegada do ônibus com os jogadores do Cruzeiro. Não se sabe a motivação da confusão, mas segundo a Polícia Militar, cerca de 200 pessoas estiveram envolvidas. Já em setembro, Pavilhão e Máfia se juntaram para entrar em conflito com a Galoucura, durante o clássico contra o Atlético. O árbitro da partida relatou em súmula que as Torcidas Organizadas trocavam lançamentos de artefatos explosivos. Um mês após o ocorrido, o Ministério Público resolveu punir as três torcidas pelos incidentes e explicitou na ata da reunião as medidas tomadas a partir de outubro.

O banimento temporário consistirá na proibição do uso, porte e exibição de qualquer vestimenta, faixa, bandeira, instrumento musical ou qualquer objetivo que possa caracterizar a presença da torcida nos estádios ou seus respectivos entornos nos dias de jogos. Permanecem as Torcidas Organizadas Galoucura e Máfia Azul nos dias de clássico Atlético e Cruzeiro proibidas de utilizarem suas sedes, bem como nos dias em que houver jogo do time rival das respectivas torcidas. As sedes também não podem ser utilizadas sob pena de multa no valor de R\$ 50 mil.

A situação geral é muito complicada. Enquanto Máfia Azul e Pavilhão Independente têm divergências ideológicas históricas que, inclusive, foram as principais motivações para o surgimento da Pavilhão, medidas para conciliação dessas, apesar de possíveis, parecem distantes.

Mesmo que haja momentos pacíficos, questões de fundação permeiam a relação permanentemente.

Conclusão

Bernardo Estillac, Igor Junio Barbosa e Marco Túlio Bayma

A produção deste livro se mostrou um grande desafio desde o dia em que decidimos o tema. A escassez de informações sobre a trajetória histórica de duas instituições populares e importantes para a cidade de Belo Horizonte foi o principal combustível para a realização deste trabalho. Portanto, ele se torna significativo pelo ineditismo de conteúdo trazido, baseado em entrevistas com ex-membros, membros e fundadores de Galoucura e Máfia Azul. O modo com que os torcedores foram colocados como os protagonistas é mais um elemento que torna o livro relevante, pois a história das organizadas é delineada e ponderada a partir do ponto de vista deles.

A partir da ideia que a obra é relevante, outros dois pontos apareceram durante todo o processo de produção, logo, precisam ser destacados. A violência e o contexto em que as Torcidas Organizadas estão inseridas permearam praticamente toda a história, construção e amadurecimento delas. Os dois pontos evidenciados são complexos e exigem um esforço para serem destrinchados de modo cuidadoso, já que na maioria dos casos, a violência é abordada de modo simplista e o contexto, ignorado. Em determinado momento, as discussões se cruzam e é possível entendê-las de maneira mais clara.

A busca pelas informações para construção da obra exigiu que entrevistássemos fontes primárias, pois, como já explicitado, havia poucas informações disponíveis sobre a história de Galoucura e Máfia Azul. Porém, foram encontrados obstáculos relacionados indiretamente ao tema da violência, como o receio dos Torcedores Organizados de se expor à mídia. Isso se dá porque a imprensa por anos foi responsável por criar um estereótipo de “grupos violentos” e ligar todos os problemas do futebol à existência desses agrupamentos. Obviamente, a violência é um imbróglio real das Torcidas Organizadas, porém, a cobertura criminalizante da mídia trata o assunto como simples de se resolver, ao invés de explicitar que existem muitas camadas que o permeiam.

A forma generalizada como a imprensa trata os assuntos que cercam os episódios violentos em que as Torcidas Organizadas estão envolvidas acaba desencadeando uma série de reações que se tornaram um problema estrutural e difícil de ser resolvido. Primeiramente, acaba afastando ainda mais torcedores dos estádios, ao fortalecer um discurso que coloca as organizadas na ilegalidade. Porém, como explicitado ao longo do livro, diversos estudos comprovam que porcentagens ínfimas de torcedores estão envolvidos nas confusões, mesmo sem excluir que esses agrupamentos são, por vezes, coniventes com episódios violentos. Portanto, estereótipos de que os estádios são locais violentos são criados, e públicos que poderiam ser agregados ao ambiente, por serem fãs do esporte, acabam se afastando ainda mais por terem essa imagem construída.

Em segundo lugar, a partir da ideia simplista de que as Torcidas Organizadas são as únicas responsáveis pela violência nos estádios, surgem soluções tão rudimentares quanto. Assim, esses agrupamentos acabam entrando na ilegalidade e são julgados precipitadamente por clamor popular. A marginalização e a deturpação da imagem delas, portanto, são fadadas a soluções cada vez mais repulsivas e autoritárias, realizadas com o aval social.

Por fim, todo esse imbróglio envolvendo a marginalização das Torcidas Organizadas acaba legitimando as punições que ficaram tão comuns nos últimos anos. Punições estas que podem ser consideradas violentas por uma repressão ostensiva da Polícia Militar, mas que ainda legitima também a punição investigativa, em que o Ministério Público se limita a penalizar a instituição como um todo e ignora os verdadeiros culpados, que são os indivíduos.

Assim, a atuação truculenta de órgãos repressores é legitimada pela sociedade civil, que é refém do desleixo, e em alguns momentos, até mesmo falta de ética da mídia. Como a grande massa dos Torcedores Organizados é composta por grupos sociais já marginalizados pela sociedade, portanto, a imprensa precisa apenas utilizar-se do argumento da cultura repressiva pré-existente para essa parcela da população, e assim fomentar o pensamento simplista. Novamente, é importante destacar que em vários momentos tanto Galoucura quanto Máfia Azul são coniventes com posturas violentas dentro do seu núcleo, muito para promover o próprio crescimento e agregar jovens para somarem-se ao movimento.

Sobre a questão contextual futebolística, ela é masculinizada e hostil para minorias. Logo, isso ajuda no entendimento da convivência desses atos violentos, pois a busca de jovens por

uma postura mais viril é estimulada, tanto dentro das próprias torcidas, quanto da sociedade em geral. A questão contextual é um dos pontos principais que transpõe a construção do livro já que os movimentos sociais, sejam eles quais forem, têm influências da sociedade. Dessa forma, é possível afirmar que as Torcidas Organizadas não estão alheias a nenhum contexto: nem social, nem político, nem econômico e nem cultural.

A questão social se refere a marginalização de grupos periféricos que são atraídos em grande escala tanto por Galoucura quanto por Máfia Azul. Os grupos se tornam tão grandes que acabam influenciando também em questões políticas, relacionadas ao clube ou ao Estado. Um conjunto numeroso de pessoas se torna relevante, tanto por ser a maior organizada de Atlético ou Cruzeiro, quanto por ser uma massa civil votante. Logo, figuras políticas importantes em cada época buscaram diálogo com as torcidas, que por causa do contexto econômico de penúria, acabaram tendo que trocar ou ceder o posicionamento político por ajuda financeira direta ou indireta para viajar, manter a sede, promover eventos sociais, produzir materiais próprios, comprar instrumentos, entre outros.

Ainda destrinchando a questão do contexto político, era prudente aos clubes darem voz às organizadas a partir do momento que elas se tornam numerosas (anos 1990). Querendo ou não, a torcida faz pressão para alterar ou manter o *status quo* de alguma área ou privilégio dentro do clube. Assim, na realização de acordos, como desconto no preço dos ingressos, custeio de ônibus, entre outros, as diretorias conseguiam mediar os ânimos das torcidas.

O contexto cultural já foi expresso implicitamente ao longo deste fechamento. A cultura machista que cobra uma postura viril dos jovens a todo tempo afeta também as Torcidas Organizadas, que acabam fazendo o uso da violência para agregar novos integrantes que buscam se reafirmar ao mesmo tempo que se protegem. Outro exemplo é a cultura de ação ostensiva dos órgãos repressores a movimentos marginalizados e, no caso de Galoucura e Máfia Azul, não é diferente.

Ao falar de Torcidas Organizadas, futebol, política, poder e sociedade e como todos esses tópicos têm fortes conexões entre si para a existência um do outro, acabam surgindo novas vertentes para os debates que cercam as Torcidas Organizadas enquanto instituições relevantes para o cenário do futebol mineiro. Com o passar do tempo, as Torcidas Organizadas perderam espaço, graças a diferentes acontecimentos relacionados ao futebol e à sociedade que foram

muito bem aprofundados por aqui, como a elitização nos preços e também no design das novas “Arenas”, além de vários episódios que ficaram marcados de forma negativa para a opinião pública, entrando aqui também todo o discurso midiático.

A questão é que, como mencionado anteriormente, as torcidas, mesmo com todos esses obstáculos e problemas, angariaram um grande número de membros, o que se transforma, conseqüentemente, em uma espécie de manifestação popular e uma forma também de ativismo. Ou seja, são instituições realmente relevantes, que ocupam um espaço significativo na sociedade, mas que não tem esse papel discutido. Indo além disso, vemos como todas as formas de coerção para a resolução dos problemas causados por esses agrupamentos tem um viés único de tentar promover a invisibilização dessas torcidas.

O que queremos dizer com o termo invisibilização é que, juntamente com a marginalização desses grupos, começaram cada vez mais a surgir medidas com finalidade de causar apenas exclusão e não um debate coerente para a correção dos problemas. Vendo as Torcidas Organizadas como um problema, os órgãos públicos, com legitimidade para tal, passaram a suspender o uso de camisas e bandeiras, o que tira parte da identidade da Torcida.

Dito isso, dado a numerosidade que esses grupos possuem, os problemas relacionados às Torcidas Organizadas devem ser discutidos mais abertamente e com um viés social, abandonando esse tratamento simplório que ocorre atualmente que busca puramente a exclusão desses grupos. Até porque, retirando esses adereços estéticos e outras peculiaridades de cada grupo de torcedor organizado, a característica que pode acabar continuando a permear uma relação de união entre os membros seria justamente o comportamento violento, o que traria ainda mais problemas de caráter social.

Galoucura e Máfia Azul, enquanto protagonistas quando o assunto é Torcida Organizada em Minas Gerais, são instituições que alcançaram um patamar grande demais para serem renegadas a formas de repressão, exclusão e formas de tratamento midiático generalista. Toda essa importância das duas entidades é ignorada e seu papel dentro do futebol e da sociedade não é discutido propriamente, algo que seria importante mesmo com toda a convivência em episódios de violência.

Bibliografia

Catálogo Cogumelo 30 anos; Belo Horizonte, 2012; Cogumelo Records.

CORREIA SOBRINHO, J. . Violência de Massa no Futebol: um olhar clínico sobre o fenômeno das torcidas. Jornal Folha do Campos, Natal, 1997.

Damo, A. S. (2011). Produção e consumo de megaeventos esportivos—apontamentos em perspectiva antropológica. Comunicação, Mídia e Consumo, 8(21), 67-92

DIAFÉRIA, Lourenço. Coração Corinthiano: Grandes Clubes do Futebol Brasileiro e Seus Maiores Ídolos. Fundação Nestlé de cultura, 1992.

GIULIANOTTI, R. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 5, n. 1, p. 15-29 jun. 2012.

GRABIA, Gustavo. La Doce: a explosiva história da torcida mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AZEVEDO, Anna Luiza; QUEIROZ, Ana Luisa. Das torcidas jovens às embaixadas de torcedores: uma análise das novas dinâmicas associativas de torcer no futebol brasileiro. Recorde: Revista de História do Esporte. Volume 7, Número 1, p.17, janeiro-junho de 2014.

PAIVA, Marcelo Rubens; NASCIMENTO, Clemente Tadeu. Meninos em Fúria: E o som que mudou a música para sempre. São Paulo: Alfaguara, 2016.

Reis, R. M. (2012). Campeonato Brasileiro de Futebol: reflexões, rupturas e continuidades nos campos da gestão esportiva (Master's thesis). Retrieved from http://www.copedu.net.br/wp-content/uploads/2013/04/Dissertacao-Romulo-Reis-Dezembro_2012.pdf

Revista Placar, Editora Abril. Outubro de 2012, número 1371, ano 42.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. O Fim do Passe e a Modernização Conservadora do Futebol Brasileiro. Porto Alegre: Tese de Doutorado em Sociologia / UFRGS, 2007.

SOARES, C. Flavia. Pixadores de Elite: Duas décadas de uma grife. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcidas Organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole. Editora Autores Associados, 1994.

